



**Universidade Federal Rural de Pernambuco**  
**Departamento de História**  
**Programa de Pós-Graduação em História**  
**Mestrado em História Social da Cultura Regional**

**HELISANGELA MARIA ANDRADE FERREIRA**

**AS PLINIANAS DE PERNAMBUCO:**  
**O COTIDIANO DAS MULHERES NA AÇÃO INTEGRALISTA**  
**BRASILEIRA (1932-1938)**

Recife  
2016

HELISANGELA MARIA ANDRADE FERREIRA

**AS PLINIANAS DE PERNAMBUCO:**

O COTIDIANO DAS MULHERES NA AIB (1932-1938)

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito final para a obtenção do título de Mestra em História Social da Cultura.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr.<sup>a</sup> Giselda Brito Silva**

Recife  
2016

Ficha catalográfica

F383p Ferreira, Helisangela Maria Andrade  
As Plinianas de Pernambuco: o cotidiano das mulheres  
na Ação Integralista Brasileira (1932-1938) / Helisangela Maria  
Andrade Ferreira. – Recife, 2016.  
167 f. : il.

Orientadora: Giselda Brito Silva.  
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional)  
– Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento  
de História, Recife, 2016.  
Inclui referências e apêndice(s).

1. Mulheres 2. Política 4. Pernambuco I. Silva, Giselda Brito,  
orientadora II. Título

CDD 981.34

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
SOCIAL DA CULTURA REGIONAL

AS PLINIANAS DE PERNAMBUCO:  
O COTIDIANO DAS MULHERES NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA  
(1932-1938)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

HELISANGELA MARIA ANDRADE FERREIRA

APROVADA EM 29/02/2016

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Giselda Brito Silva  
Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional - UFRPE

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Karl Schurster Veríssimo de Souza Leão  
Programa de Pós-Graduação em Educação– Universidade de Pernambuco - UPE

---

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Carlos André Silva de Moura  
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade de Campinas - UNICAMP

A minha mãe, exemplo de  
mulher e companheira de todas  
as horas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é ter gratidão pelos que nos auxiliaram durante esse tempo de tantas ausências. Início agradecendo a oportunidade de ter conhecido o budismo de Nitiren Daishonin que com essa lei mística proporciona que em meio as adversidades da vida tenhamos paz interior e a certeza de ser vitoriosos.

Saber reconhecer o valor das pessoas que nos incentivaram é muito importante, pois somente quem constrói esse caminho sabe o valor da chegada. Gostaria de agradecer a minha maior incentivadora, minha mãe que desde cedo acreditou na educação e investiu nela. Obrigada mãe pelas tantas conversas, conselhos e palavras de incentivo. A meu pai, por ter me concedido a vida e pelas breves conversas. Aos meus irmãos que auxiliam no que podem. Luiz e Kailanny meus sobrinhos filhos desculpem pelas ausências e agradeço o amor que recebo sempre que estamos juntos, recarregando as energias para mais uma etapa. A minha avó Gercina, mulher de tantas histórias e de muita fé e sabedoria. Ao meu esposo, Philipe Mendonça que mostrou que nunca é tarde para construir uma nova história e aprender o verdadeiro valor da vida.

A professora e amiga Giselda Brito Silva, orientadora dos tempos da graduação, desde 2009. Aprendi com ela o rigor e critério de uma pesquisadora e docente. Obrigada pelos conselhos e as conversas de incentivo ao longo desse caminho. Sem a sua orientação não seria possível a conclusão desse trabalho. Ser humano maravilhoso que não hesita em auxiliar os alunos em todos os momentos.

Gostaria de agradecer ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco em especial a todos os professores que fizeram parte de mais essa formação. Ao professor Wellington Barbosa, pelo seu bom humor e sorriso nos corredores da Universidade. A Tiago de Melo Gomes (in memoriam) que nos deixou tão cedo, seus aprendizados nunca serão esquecidos. A professora Sueli Luna que de uma maneira leve e tranquila nos acompanhou nas aulas no início do mestrado. A professora Alcileide Cabral que possibilitou na disciplina de História e Gênero ampliar os estudos na área. Agradecer a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento da presente pesquisa.

A minha passagem pelo Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, no setor do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) foi um dos primeiros contatos com o documento histórico. Nos dois anos que estive naquele espaço aprendi

o cuidado, manuseio e principalmente a manter a memória histórica viva. Agradeço o aprendizado de Cícero Souza responsável pelo acervo e profissional exemplar, amigo que trouxe para a vida. Aos meus amigos Lindembergue, Marcela, Helder e Rebeca que durante esse tempo no arquivo foram companheiros maravilhosos.

Importante salientar a participação no grupo Geint (Grupo de Estudos do Integralismo), atualmente denominado de História dos Partidos e Movimentos de Direita que existe desde 2001 agrega pesquisadores de todo o Brasil. Aprendo bastante com outras pesquisas e debates. Agradecer o carinho da querida Márcia Carneiro que tive a oportunidade de conhecer na Anpuh Nacional (2015), sempre solícita e disposta a contribuir. Márcio Moraes, pesquisador e exemplo de pessoa sempre com palavras de incentivo e carinho.

Durante esses dois anos as amigadas da graduação que permaneceram, pois ingressamos juntas no mestrado. Isabelle Lúcia, amiga de muita luz e de muitas trocas sejam de conselhos ou de afetos. Sandra Souza, pessoa doce e uma amiga tão solidária dessas difíceis de encontrar. Juliana Ramos, amiga sincera e decidida, dessas que levanta sacode a poeira e dá a volta por cima. Aos colegas do mestrado os que passei a conhecer ainda mais e os que ganhei de presente: Jeffrey, Marcelo, Bruno, Tércio, Luanna, Henrique, Isabela, Rosana e Harlan.

Agradeço a amizade de Suzana Nishimura, amiga linda que me ensina tantas coisas e é um exemplo de mulher. A minha querida Midian Tavares, pessoa mais que especial, na sua amizade encontrei não só uma amiga, mas uma companheira de todos os momentos. Sou grata a amizade de Maria Angélica Pedrosa com seu otimismo e alegria nos levanta nas horas de dificuldade. A equipe mais linda e plural que já fiz parte na minha vida “Maria da Penha vai à escola”, jamais serei a mesma depois de conviver com vocês. Fábria Barbosa, união de competência e solidariedade o que torna essa equipe mais linda. As minhas amigas de todas as horas: Gabriela Bruce, Helena Prado, Jane Farias, Janaína da Hora, Edilene Ferreira, Aurea Alcântara, Emilliana Pita, Josi Oliveira e Andrea Nascimento.

Enfim a conclusão dessa nova etapa encerra um ciclo para que sejam iniciados muitos outros. Desculpas se não recordei de mais alguém, mas todos que contribuíram nesse trabalho sintam-se agradecidos.

## RESUMO

A participação e atuação das mulheres pernambucanas num movimento de Extrema Direita intitulado de Ação Integralista Brasileira (AIB) é nosso objeto de análise. Investigar as maneiras de ingresso das mulheres no movimento integralista, mapear os perfis socioeconômicos, compreender as especificidades da sua atuação são os objetivos dessa pesquisa. O movimento integralista estava pautado na tríade de Deus, Pátria e Família. Dessa maneira as mulheres para compor as fileiras do movimento deveriam seguir os princípios cristãos, exaltar os heróis nacionais e zelar pelo bem-estar familiar. Ser mulher na década de 1930 exigia seguir uma série de normatizações. Assim como a sociedade conservadora de 1930, o movimento integralista também defendia os papéis de mãe, esposa e dona de casa para as mulheres. Os jornais integralistas e de circulação local junto com os prontuários da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) apresenta um extenso material dos núcleos integralistas do estado de Pernambuco nos possibilitando uma análise documental acerca das mulheres integralistas. Durante a candidatura do chefe nacional, Plínio Salgado houve uma ampla cooperação feminina para a construção de um eleitorado integralista. Durante os anos de funcionamento do movimento integralista o discurso em relação a participação feminina foi modificado possibilitando diferentes participações.

**Palavras-chave:** Mulheres; Integralismo; Pernambuco, Política.

## **ABSTRACT**

The participation and role of women from Pernambuco in a Far Right movement entitled Ação Integralista Brasileira (AIB) is our object of analysis. Investigating ways of entry of women in the integralist movement, mapping the socio-economic profiles, and understanding the specificities of their actions are the goals of this research. The integralist movement was founded on the triad of God, fatherland and family. Thus women to compose the movement's ranks should follow Christian principles, exalt the national heroes and ensure the family welfare. Being a woman in the 1930s required following a series of norms. As well as the conservative society of 1930, the integralist movement also defended the roles of mother, spouse, and housewife for women. The integralist newspapers and the ones of local circulation along with the records of the Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) features extensive material from the integralist cores of the state of Pernambuco enabling a documentary analysis of the integralist women. During the application of the national leader, Plínio Salgado, there was a large female cooperation for the construction of an integralist electorate. During the years of operation of the integralist movement, the discourse regarding women's participation was modified allowing different forms of participation.

**Keyword:** Women; Integralist; Pernambuco, Policy.

## INDÍCE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Garotas Modernas.....	49
Figura 2 – Lares integralistas.....	67
Figura 3 – Aniversário do pliniano Milton de Souza Carvalho Netto.....	69
Figura 4 – Cartilha do Pliniano.....	70
Figura 5 - Desfile das Plinianas.....	81
Figura 6 - Departamento Provincial Feminino.....	83
Figura 7 - Dedicatória.....	86
Figura 8 - Desfile Integralista.....	103
Figura 9 - Núcleos com os seus respectivos chefes.....	110
Figura 10 - Campanha eleitoral de Plínio Salgado.....	118
Figura 11 - Lactários.....	142
Figura 12: Enfermeiras Integralistas.....	143

## **LISTA DE SIGLAS**

APEJE –Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

AIB – Ação Integralista Brasileira

CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa

CTP - Companhia de Tecidos Paulista

CMDF – Chefe Municipal do Departamento Feminino

DF – Departamento Feminino

DMF – Departamento Municipal Feminino

DMJ – Departamento Municipal de Jovens

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

EPEE - Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras

FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco

GEINT – Grupo de Estudos do Integralismo

LEC - Liga Eleitoral Católica

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SNAFP – Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos

SEP - Sociedade de Estudos Políticos

## SUMÁRIO

### **INTRODUÇÃO.....14**

1.1 Ação Integralista Brasileira: em nome de Deus, Pátria e Família.....14

1.2 Plínio Salgado: modernista sem ser moderno.....22

1.3 O Recife de 1930 e o Manifesto dos estudantes da Faculdade de Direito.....26

1.4 Mulheres integralistas: por uma participação política possível.....34

### **PRIMEIRO CAPÍTULO**

#### **A MULHER E A FAMÍLIA PERNAMBUCANA NA DÉCADA DE 1930.....40**

1.1 A Modernização e as Mudanças no Universo Feminino e Familiar.....47

1.2 Os novos lugares da mulher entre a crise do tradicionalismo e o avanço modernidade.....51

1.3 A Família: santuário integralista.....57

### **SEGUNDO CAPÍTULO**

#### **A INSERÇÃO DA MULHER NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA.....72**

2.1 O lugar da mulher no movimento integralista.....72

2.2 O papel sócio-cultural das Plinianas de Pernambuco.....80

2.3 Direitos e deveres das “Blusas Verdes” na AIB: “A mulher tem deveres do seu sexo e direitos da sua vocação” .....90

2.4 As atividades do Departamento Feminino da AIB-PE.....98

### **TERCEIRO CAPÍTULO**

#### **A MILITÂNCIA POLÍTICA-CULTURAL DAS MULHERES INTEGRALISTAS DA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO.....122**

3.1 A “emancipação política” da mulher integralista.....122

3.2 Preparando para o voto: a ação das plinianas nas eleições presidenciais (1936-1937) .....	129
3.3 As práticas assistencialistas das “Blusas Verdes” de Pernambuco.....	134
3.4 - A atuação assistencialista das mulheres dentro da AIB.....	140
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>151</b>
<b>Instituições pesquisadas e fontes.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>162</b>

## INTRODUÇÃO

### 1.1 Ação Integralista Brasileira: em nome de Deus, Pátria e Família

Analisar a Ação Integralista Brasileira, também conhecida pela sigla AIB é lidar com uma infinidade de trabalhos que versam sobre os mais variados olhares. Além da imensa historiografia muitos são os documentos espalhados do Oiapoque ao Chuí e o estado de Pernambuco não foi diferente.

Buscando compreender o que seria a Ação Integralista Brasileira foi de fundamental importância à leitura da obra de Cavalari (1999) *Integralismo: ideologia e organização de um partido em massa no Brasil (1932-1937)*. A autora apresenta um panorama geral desse movimento que para ela foi durante muito tempo desqualificado como fascismo caboclo. Apresentando os principais pontos que norteavam a doutrina integralista como a revolução do espírito. O sigma jornais reunidos unia publicações no Brasil inteiro e sempre com o cuidado de unificar as ordens do chefe nacional. Possibilitando assim uma estruturação no que concerne ao que foi esse movimento de grandes proporções.

Um dos clássicos trabalhos é o de Hélió Trindade sua tese de Doutorado na Sorbonne deu origem ao livro *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. De maneira cronológica ele aponta as características da vida de Plínio Salgado e suas principais influências até escrever o manifesto que lança o movimento integralista. Ele aponta as diferentes dimensões de fascismo, as motivações de adesão ao movimento e a organização em torno do chefe nacional.

João Fábio Bertonha considerado como um dos grandes estudiosos do tema integralismo se dedicou muitos anos a temática. Podemos observar a importância do Arquivo Público de Rio Claro que salvaguarda o fundo Plínio Salgado com uma variedade de documentações. Bertonha escreveu a bibliografia orientativa sobre o integralismo (2010) ressaltando as publicações sobre o tema pelo Brasil. Ao longo da sua trajetória de historiador se dedicou a contar um pouco da vida do chefe nacional e da sua vida política tão atribulada, negando que o movimento tenha tido ligações fascistas. Em relação a historiografia o autor resalta a produção dos últimos anos e os

novos enfoques no tema, ressaltando a historiografia cearense. Um olhar que muito nos interessa é sobre o fundo Carmela Patti Salgado, esposa de Plínio Salgado e que antes de se casar era chefe do Departamento Feminino da cidade de Taquaritinga, São Paulo. Muitos dos seus registros estão em cartas, diários e anotações feitos ao longo da sua vida.

Carla Luciana Silva e Gilberto Grassi Calil recuperaram o testemunho de pessoas que fizeram parte da AIB e publicaram a obra *Velhos Integralistas: a memória de militantes do Sigma* (2000). Dessa maneira podemos perceber a mentalidade de alguns homens integralistas. Com destaque para o depoimento de Emílio Otto Kaminski, ex-chefe provincial integralista, afirmou que a mulher deveria ser proibida de trabalhar, o lugar da mulher seria em casa cuidando do marido e dos filhos para sobrar mais empregos para os homens.

A partir dos anos 90 os vários estados do Brasil passam a estudar o tema nas suas regiões apresentando assim diferentes especificidades. Podemos destacar o trabalho em nível de mestrado da professora Giselda Brito Silva *A Ação Integralista em Pernambuco (AIB-PE): 1932-1938*. O referido trabalho mostra como o movimento chega a Pernambuco e quais foram às maneiras de estabelecer-se. Ela aponta o envolvimento dos intelectuais da Faculdade de Direito na expansão e consolidação do integralismo no estado.

Em nível de Doutorado a professora estudou a questão da repressão aos integralistas, *A lógica da suspeição contra a força do sigma: discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco* (2002). Foi feita a análise do discurso integralista, as maneiras como a polícia política atuou junto aos camisas verdes e de como possíveis aliados do governo, os integralistas se tornaram inimigo de Getúlio Vargas.

A cidade de Garanhuns foi um forte reduto dos integralistas dessa maneira Márcio Moraes nos conta essa história com sua dissertação de mestrado *Garanhuns sob o símbolo do Sigma: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo (1935-1942)*. Podemos verificar quais foram os significados para os garanhuenses vestirem a camisa verde, o cenário político e os possíveis embates para quem adotasse o movimento integralista.

A cidade de Pesqueira, também localizada em Pernambuco foi estudada por Fábio Amorim *Uma cidade germanófila em 30: o integralismo em Pesqueira (1934-1939)*. O historiador apresenta um olhar político, espiritualista e conservador acerca do movimento. Ele analisa o contexto nacional e internacional para justificar a tamanha adesão ao movimento. O catolicismo também é dado destaque na sua análise, já que o movimento defendia uma doutrina conservadora pautada em Deus, Pátria e Família.

Não se pode estudar o movimento integralista sem dá destaque a cidade de Rio Claro, localizada no estado de São Paulo. Considerada a primeira cidade a receber o título de cidade integralista. A professora Beatriz de Miranda Brusantin na sua dissertação de mestrado *Anauê paulista: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo (1932-1943)* fez uma análise da participação dos integralistas na referida cidade. É apresentado o perfil do integralista paulista, o universo da cidade, quais foram às relações estabelecidas e o envolvimento da religião católica e dos sindicatos de trabalhadores.

Para uma melhor compreensão dessas mentalidades que receberam o movimento na cidade do Recife, a dissertação de Carlos André de Moura, *Fé, saber e poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 - 1937)* foi de extrema importância. O discurso católico influenciou na formação desses homens de letras justificando a adesão às ideias de Plínio Salgado.

Um trabalho que foi muito importante na compreensão do contexto da cidade e das famílias na década de 1920 e 30 foi a tese de doutorado de Iranilson Buriti de Oliveira (2002). Ele problematiza as mudanças ocorridas na capital pernambucana e de como ela vai modificar os hábitos dos sujeitos. De como o corpo feminino é manipulado e de como a sociedade enfatiza que as mulheres sejam mães, esposas e donas de casa.

Tendo as produções crescido de maneira vestiginosa foi criado um grupo de estudo e debate. O grupo Geint (Grupo de Estudos do Integralismo), cadastrado no CNPq, atualmente denominado de História dos Partidos e Movimentos de Direita que existe desde 2001 que reúne, em todo o Brasil, quarenta e oito pesquisadores. Com os quais se dedicam à investigação de temas como: integralismo, fascismos, nacionalismos, nazismo, neonazismo, tradicionalismo, chauvinismo, antisemitismo,

neointegralismo - termos que se inter-relacionam, com complementaridade ou dissonâncias, conforme as análises dos pesquisadores. Dessa maneira os membros trocam ideias e principalmente socializam as últimas produções fomentando as discussões e a atualização das temáticas.

O interesse pela participação feminina surge a partir das especificidades que o movimento suscita durante os anos de funcionamento. Optamos pela análise dessa participação no estado de Pernambuco, tendo como foco as formas de integração, práticas cotidianas, perfis socioeconômicos e compreensão de seus papéis e lugares no seio do movimento integralista. Para que possamos falar das mulheres integralistas é imprescindível adentrar no cerne da compreensão do que foi a Ação Integralista Brasileira.

O movimento integralista era conservador e pautado num modelo tradicional de família. Sendo a instituição familiar “que tinha como cabeça o marido, à família da gerência coletiva, ou seja, da igualdade entre homens e mulheres” (ALBA, 2004, p.8). Sendo que na prática essa igualdade na maioria dos casos não vigorava:

A supremacia do homem como cabeça do casal, para o Código de Beviláqua, pode ser sentida em diversos dispositivos. Pelo art. 233, ao marido incumbia a chefia da sociedade conjugal, tendo a mulher função de colaboração do marido no exercício dos encargos da família, cumprido a ela velar pela direção material e moral<sup>1</sup>(art. 240).

O código civil de 1916 expressa de maneira clara os papéis tradicionais de homens e mulheres que o movimento integralista partilhava. O homem seria o responsável pelo sustento do lar e a segurança da família e as mulheres eram consideradas as rainhas do lar e da nação. Responsável pela direção moral e material do espaço privado, zelando pelo bem-estar do marido e dos filhos. O documento que lança a AIB oficialmente apresenta as ideias presentes no imaginário de Plínio Salgado.

O manifesto de outubro de 1932 é o documento oficial que marca a inauguração do movimento integralista, sendo lançado no estado de São Paulo. Mas

---

<sup>1</sup> Ibidem, p. 8.

essas ideias vinham sendo maturadas há algum tempo pelo chefe nacional do movimento: o político, escritor e jornalista Plínio Salgado.

Para se entender como foi construída a mentalidade voltada para as origens rurais (BERTONHA, 2014, p. 45) e para essa sacralização do passado é necessário conhecer um pouco da educação que foi recebida por Salgado. Leandro Pereira Gonçalves (2013, p. 23) analisa a partir de um manuscrito encontrado no acervo da cidade de Rio Claro<sup>2</sup> intitulado: “Histórias da minha vida” as influências recebidas na formação de Plínio Salgado.

Houve na sua educação uma presença forte da doutrina cristã e autoritária. A família do pai de origem espanhola, coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado e sua mãe Anna Francisca Rennó Cortez são vistos como modelos de honradez e virtudes cristãs e cívicas. O autor afirma que ao lado de um discurso autoritário do pai e da educação recebida pela mãe, demonstrava com clareza que o lema integralista estava presente desde a sua infância.

A árvore genealógica demonstra de como a força das diversas linhagens acompanharam o pensamento de Plínio ao longo da sua vida. A sua família foi formada por portugueses, bandeirantes, indígenas e portugueses. Tanto que a saudação integralista “Anauê<sup>3</sup>” é de origem tupi guarani simbolizando as raízes culturais indígenas.

A história do Brasil era para Plínio Salgado algo a ser exaltado e principalmente passado de geração a geração para que não fosse esquecido. Ao longo da trajetória do movimento integralista os heróis nacionais foram lembrados. A Secretaria Nacional de Propaganda da Ação Integralista Brasileira publicou um livreto em homenagem a Duque de Caxias<sup>4</sup>. Os escritos exaltam a figura de Caxias e

---

<sup>2</sup> A cidade de Rio Claro, localizada no estado de São Paulo foi considerada pelo chefe nacional como sendo a primeira cidade integralista. Por conta da sua atuação e da participação no primeiro desfile das camisas verdes que aconteceu em território nacional recebeu essa titulação. VER: BRUSANTIN, 2004. Nessa mesma cidade está localizado um dos maiores acervos que guarda a memória de Plínio Salgado e do movimento integralista. A maior parte da documentação foi doada por D. Carmella Patti Salgado, viúva do chefe integralista.

<sup>3</sup> É um vocábulo tupy que servia de saudação e de grito de guerra áquelles indígenas. É uma palavra affectiva que quer dizer. – você é meu parente. Anauê foi a palavra em louvor do Sigma. É a exclamação da saudação integralista. Serve ainda para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria. Protocollos e Rituais. Acção Integralista Brasileira. Edição do Núcleo Municipal de Niterói, 1937.

<sup>4</sup> Boletins de Propaganda. Homenagem a Caxias. Ao Exercito do Brasil. **Prontuário Funcional 5996**. Recife, DOPS/APEJE.

afirma que o exercito não poderá ser forte enquanto reinar sob os interesses nacionais os interesses regionais.

A revista *Anauê*<sup>5</sup> de outubro de 1937 fez uma homenagem a D. Pedro I glorificando o homem que tornou livre a pátria, essas foram às palavras que faziam alusão a figura do imperador. Plínio Salgado ao longo da sua trajetória a frente do integralismo mostrava um tom histórico nos seus escritos, e muitas vezes até utópico na idealização do que poderia ser o país.

Nesse trecho de uma cartilha que comemora o IV aniversário da AIB é feito o seguinte resumo contando como surgiu o manifesto de outubro:

No dia 7 de outubro de 1932, quando a mocidade de Patria regressava das trincheiras de uma luta cruel, em dolorosa disponibilidade doutrinaria, sofrendo, mais que a dor do sangue derramado, a angustia da desorientação dos espíritos, apareceu em São Paulo o “MANIFESTO” que lançava a ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA<sup>6</sup>.

O manifesto foi escrito em maio de 1932, sendo aprovado pelos membros paulistas da SEP (Sociedade de Estudos Políticos) que foi fundada em março de 1932. Tinha por finalidade o desenvolvimento de novas ideias e a criação de uma nova mentalidade para o país. Foi um grupo formado por intelectuais paulistas que simpatizaram com o discurso de Plínio Salgado.

Para que a ideias do grupo fossem divulgadas Plínio propõe a criação de uma seção da SEP. Essa seção ganhou o nome de Ação Integralista Brasileira. Com os acontecimentos em torno da Revolução Constitucionalista de 1932 a divulgação do manifesto teve que ser interrompida. Com o encerramento da Revolução foi feita a divulgação do *Manifesto de Outubro* que continha as diretrizes do que seria o movimento integralista. (SALGADO, Plínio. s.d., p. 141-51 apud: SILVA, Rogério Souza. 2005, p. 93).

---

<sup>5</sup> Revista “Anauê!”, outubro de 1937.

<sup>6</sup> SALGADO, Plínio. IV Aniversario da Acção Integralista Brasileira. Proclamação do chefe nacional. Breve histórico do integralismo. Secretaria Nacional de Propaganda. **Prontuário Funcional 1066-B**. Recife, DOPS/APEJE.

Se apresentando como um movimento cultural que tinha como finalidade apresentar uma nova ordem política, social e econômica que não pretendia se restringir a intelectualidade, mas atingir as massas. A pretensão do manifesto<sup>7</sup> seria de propor ideias novas para a realização no Brasil, de um novo Estado e nova ordem social que reflitam as nossas realidades nacionais e ao mesmo tempo obedçam ao ritmo universal da transformação dos antigos quadros ideológicos.

Plínio queria ser ouvido por toda a nação, pelos operários, sindicatos de classe, aos homens de cultura e pensamento, a mocidade das escolas e das trincheiras – as classes armadas<sup>8</sup>. O movimento integralista já nasce com grandes pretensões que seria a mudança da realidade de um país. Nesse momento há um apelo em torno da figura de três pontos que viriam a chamar a atenção de uma boa parte da sociedade que seria Deus, Pátria e Família.

Essa tríade como visto anteriormente esteve de alguma maneira presente na vida de Plínio Salgado. Naquele momento o país era formado por uma boa parte de católicos, Plínio era assumidamente católico. Incluir o nome de Deus como lema de um movimento teria certamente adeptos. Mesmo o Brasil sendo laico desde a instauração da República havia de maneira muito forte movimentações políticas-religiosas. Tanto que algumas até partilhavam de um discurso em comum com o integralista.

Dom Leme se declarou solidário à *Liga de Defesa Nacional*. A organização tinha como principal objetivo a valorização das tradições, o apoio à regeneração nacional, assim como, o combate ao estrangeirismo. O discurso nacionalista foi a principal forma de combater as doutrinas de esquerda, como observamos na citação, sendo necessária uma “consciência nacional” para o fortalecimento das estruturas políticas, sociais e religiosas do país. (MOURA, 2010, p.103).

A questão da Pátria também estava em alta nas discussões levantadas, havia uma busca pela identidade nacional. O que definia o Brasil e o brasileiro? Abordaremos questões ligadas à figura de Plínio Salgado, enquanto modernista. Desde a década de 1920 havia uma movimentação em busca dessa nacionalidade. Segundo Gonçalves (2009, p. 3) “A partir da década de 1920, desenvolveu-se uma

---

<sup>7</sup> SALGADO, Plínio. **MANIFESTO DE OUTUBRO DE 1932**. APEJE – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 1.

nova concepção de civilização brasileira através de um caminho constante na formação de novos projetos e modelos de nação”.

A ideia que o integralismo apresentava seria o de se desvencilhar dos estrangeirismos e construir um modelo de pátria genuinamente ligado ao que remetesse ao nacional, o que fosse da terra. E entendia que o cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira seria um mal de morte para o nosso nacionalismo. Deveríamos combatê-lo. E continua que os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores e os poetas nacionais. Eles se envergonham do caboclo e do negro da nossa terra.

Plínio aponta também que vivem a “A amesquinhar as raças de que proviemos<sup>9</sup>”. Os brasileiros vivem a engrandecer o que é de fora, desprezando as iniciativas nacionais. Dessa maneira o movimento integralista utilizou-se dos meios de comunicação buscando exaltar a figura dos heróis nacionais.

Já a família era o alicerce do homem, considerada como sendo à base da felicidade na terra. A simplicidade consistia justamente no convívio e no apoio do pai, mãe, irmãos, irmãs e demais parentes. Ele afirmava que era necessário que o coração entre na vida do homem e fale essa linguagem que não é da compaixão de um estranho, mas a linguagem profunda das afinidades.

É a família que vai criar no individuo as virtudes que vão consolidar o Estado. E esse Estado é o conjunto do todas as famílias, tendo o dever de realizar a justiça social. A lapidação dessas três vertentes acompanhou o discurso do movimento integralista. Outro ponto a ser ressaltado, é a revolução do espírito.

Além de apresentar a questão de Deus como lema do movimento, há essa chamada revolução do espírito, tendo em muitos momentos sinais de um misticismo. Plínio Salgado aponta que a revolução do espírito se daria pela revolução interior. E completa que essa revolução espiritual duraria muito tempo e seu triunfo completo aconteceria nas futuras gerações. Sendo paralela a essa transformação espiritual a revolução cultural. (SALGADO, 1935, p. 18-19). O integralista deveria assumir uma postura de humildade e o desapego aos bens materiais. E ainda completa que a revolução espiritual estava sendo realizada nos quadros da Secretaria Nacional de Educação da AIB.

---

<sup>9</sup> SALGADO, op cit., p.3.

Como veremos ao longo da dissertação o integralismo foi um movimento rigidamente burocrático com secretarias, núcleos, jornais, desfiles, imprensa, uniformes enfim nos segmentos que foram possíveis estavam sendo divulgadas e repetidas.

## **1.2 Plínio Salgado: modernista sem ser moderno**

Plínio Salgado como apontando anteriormente foi um intelectual ativo da sociedade brasileira. Durante a década de 1920 teve participação no movimento modernista. Esse movimento tinha como finalidade a criação de uma nova linguagem que exprimisse a modernidade (VELLOSO, 1993, p. 95). E em relação a essa modernidade: “O acesso à modernidade significa então o acesso à racionalidade, ao pragmatismo, enfim a ética capitalista<sup>10</sup>”.

Através do movimento modernista os intelectuais buscavam definir para o país uma identidade nacional. A nação nasce, de “um postulado e de uma invenção” (THIESSE apud FIORIN, 2009). Ela deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais, como uma história que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos estabelecendo um modelo das virtudes nacionais (FIORIN, 2009, p. 116). Ainda assim dentro dessa concepção circulava ideias contrárias em relação ao que seria essa representação da identidade nacional.

O Brasil desde a colonização foi um país híbrido que recebeu influências portuguesas, africanas, indígenas, francesas e muitas outras. Mas o que definia o ser brasileiro? A busca nos elementos da nossa terra foi uma das estratégias para essa definição. Segundo Bertonha (2014, p. 49) “a ideia dos modernistas era eliminar da cultura brasileira a herança do passado e criar uma nova literatura e uma nova arte nacionais”. Haviam outros grupos que participaram desse movimento, mas vamos nos deter nesse momento a esses dois.

Grupos representados por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Mário de Andrade estavam ligados as ideias vanguardistas europeias, cosmopolitas e queriam romper com os valores clássicos, mas sintonizando com a identidade nacional e o novo ritmo fabril e urbano. Já o segundo grupo que era composto por Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo também estavam ligados a

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 95.

correntes internacionais, mas assumiam um certo conservadorismo, estavam ligados aos valores do campo e da natureza. Sendo considerado como os verdadeiros valores naturais, rompendo com o cosmopolitismo, urbano e literal<sup>11</sup>.

Menotti Del Picchia defende a ideia de que o intelectual deve se portar como um mestre em relação às massas, que devem ser educadas, assim como as crianças. É essa relação que vai assegurar o progresso e a cultura. E reitera: “Além de mestre, o poeta deve assumir o papel de soldado a serviço da pátria defendendo-a das invasões alienígenas” (VELLOSO, 1993, p. 90- 91).

Essa visão de Del Picchia é semelhante a ideia de Plínio Salgado em relação aos rumos que o país deveria tomar e que os intelectuais deveriam assumir esse papel na condução desse *povo-criança*.

Não lancemos a nossa condenação sobre esse povo, fundamentalmente bom, mas sem a capacidade de realização, porque é ainda um *povo-criança*(...)

(...) um povo que ainda não se definiu; que não atingiu a maturidade; que não cristalizou ainda uma consciência política, nem um sentimento de nacionalidade (...) (SALGADO, 1935, p. 135 apud: CAVALARI, 1999).

Eram os intelectuais que deveriam conduzir o país e determinar o que era apropriado para a nação naquele momento. Tanto que ideias contrárias circulavam em relação a concepção do ser brasileiro. A cidade de São Paulo foi eleita pelos dois grupos modernistas como cidade símbolo dessa brasilidade. “No cosmopolitismo da cidade os intelectuais paulistas entrevêm o novo Brasil que se anuncia. Centro industrial, berço do movimento modernista, São Paulo corporifica o espírito do progresso e da modernidade”. (VELLOSO, 1993, p. 93).

Para Plínio Salgado, São Paulo era o símbolo do espírito bandeirante, tanto que dentro da AIB tinha as bandeiras que eram caravanas que circulavam pelas cidades divulgando a doutrina integralista. Sendo a cidade a guardiã dos valores nacionais, olhar voltado para o interior diferente do carioca que tinha os olhos voltados para o mar, aponta Bertonha (2014, p. 52). É como se na cidade de São Paulo o indivíduo estivesse com os pés fincados na realidade voltado para o trabalho e o Rio de Janeiro simbolizasse algo mais fluído principalmente em relação aos hábitos.

---

<sup>11</sup> Ibidem, p, 51.

Já a cidade do Rio de Janeiro era vista como local de promiscuidade, os hábitos cariocas foram tidos como fúteis, a economia apresentava um aspecto anárquico e o carnaval amoral. A partir de 1924 vão surgir várias correntes do movimento modernista, Velloso (1993, p. 96) afirma que “o ingresso na modernidade deve ser mediado pelo nacional”.

Nesse momento o movimento verde amarelo se posiciona em relação a esse regionalismo rejeitando qualquer tipo de estrangeirismo. Rompem com o movimento Terra Roxa e Pau Brasil.

Para os verde-amarelos, as demais correntes modernistas cometem um erro fundamental: encaram o regionalismo como motivo de vergonha e atraso. Isto acontece, segundo seu ponto de vista, porque esses intelectuais teimam em ver o Brasil com olhos parisienses (VELLOSO, 1993, p. 97).

Ao assumirem essa posição as tradições são como um alicerce na construção da identidade nacional. O retorno ao interior, como já fora mencionado, o litoral sendo considerado como símbolo de fluidez, o Brasil genuíno e suas raízes estariam fincados nessa relação com a terra eram alguns dos pontos defendidos pelo grupo verde amarelo. “Na formação da cultura brasileira, o litoral representaria a parte falsa e enganadora do país por reproduzir os valores estrangeiros<sup>12</sup>”.

Para o grupo dos Andrade essa construção das representações brasileiras divergiam em relação ao grupo dos verde amarelo, pois tinham como ideia de modernidade o rompimento com o passado, a dinamicidade da cidade como símbolo de tempos modernos, os olhares voltados para o futuro e retirar essa ideia de regionalismo, mas pensar em nacionalismo (uno, coeso e individual).

O movimento verde amarelo tem muitos pontos em comum com as ideias difundidas pelo movimento integralista principalmente os ligados a questão da nação. A ideia do resgate do folclore e das tradições populares, a questão do retorno ao passado como forma de enaltecer o país e o combate aos estrangeirismos. Nesse trecho do manifesto de outubro podemos perceber tais características:

O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combatel-o é o nosso dever. E

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 100.

isso não quer dizer má vontade para com as nações amigas [...] Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismos; as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida, não são brasileiros. Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escriptores, os poetas nacionais. Eles se envergonham do caboclo e do negro da nossa terra (SALGADO, 1932, p. 3).

São ideias já presentes na década de 1920 na veia de Plínio modernista. Na ocasião da escrita do manifesto de outubro essa ideia do que seria o Brasil ideal já vinha sendo desenhada na mente do chefe nacional. A sua educação conservadora e católica proporciona o alicerce religioso, com as mudanças culturais através do movimento modernista um grupo de intelectuais se posiciona de maneira idílica em relação ao Brasil.

Fabio Bertonha (2014, p. 52) vai afirmar que a participação de Plínio no modernismo e sua vida de romancista será muito importante na formatação do pensamento de Plínio integralista. O autor vai afirmar que no romance *O estrangeiro* de 1924, vários elementos que serão encontrados no movimento integralista já estavam presentes na sua obra. Características como o nacionalismo místico, o intuicionismo, a ideia da política de ideias em oposição à politicagem, o Brasil e a fusão de todas as raças levando a harmonia social, o sertão como regenerador do país e etc.

A questão do ser moderno para a década de XX era a negação do passado, estava ligado ao cosmopolitismo presente nas cidades que estavam se modificando através das influências europeias. Antônio Paulo Rezende (1997, p. 16) afirma que o capitalismo trouxe o desenvolvimento, a (re) produção de um mundo fragmentado. E nesse contexto de aparências, “ser moderno é quase uma necessidade de sobrevivência, uma imposição, é ser avançado”.

Plínio Salgado esteve imerso num movimento que apresentou para a sociedade brasileira um turbilhão de ideias e posicionamentos. A busca pelos elementos que representariam o brasileiro para o grupo ao qual Plínio estava inserido ia de encontro aos elementos modernos. Ser modernista não indicava necessariamente ser moderno, pois o modernismo verde amarelo não queria negar o passado, mas exalta-lo dando indícios de um nacionalismo exacerbado que estava por vim.

### **1.3 O Recife de 1930 e o Manifesto dos estudantes da Faculdade de Direito**

A cidade é um espaço de vivências, de histórias, encontros e desencontros. Olhar para o passado requer voltar num tempo que não foi vivenciado pelo historiador(a). Através dos documentos os(as) historiadores(as) fazem um papel de tecelão. Como aquele que costura vários fios que ao final consistirá numa grande colcha de retalhos repleto de histórias. A cidade do Recife é um lugar de fabricação de muitas histórias e memórias.

Não há como falar da cidade do Recife sem abordar as modificações urbanísticas da época. Como aponta Arrais (2004, p. 44):

É visível, já nas primeiras décadas do século XX, a modulação acelerada que se imprime na evolução urbana do Recife. [...] No âmbito do bairro do Recife, a reforma implicou, contudo, uma operação urbanística que promoveu a derrubada ampla de construções que vinham do século XIX. [...].

Essas mudanças se comparadas a cidades como Rio de Janeiro e São Paulo eram consideradas desfavoráveis principalmente em relação a economia. Arrais (2004, p. 27) afirma que o impacto da inserção de Pernambuco na modernidade do século XX vai causar um paradoxo, pois a cidade vai crescer devido a produção de bens e riquezas, mas as tensões sociais também vão crescer vertiginosamente.

Como um ponto de alerta em relação a essas mudanças Rezende (1997, p. 26) reitera: “Mas não era o Recife uma cidade marcada, na época, por uma onda incontida de modernizações que ameaçassem drasticamente suas tradições, se nos deixarmos levar pelos nossos olhares e sonhos de hoje”. Como a maioria das mudanças acabam causando transtornos e o crescimento desordenado foi propício a disseminação de doenças que atingiu “sobretudo os pobres”<sup>13</sup>

Iranilson Buriti (2000, p. 23) aponta que não é possível elaborar uma leitura homogênea da modernidade, pois sua materialidade é repleta de contradições, ao mesmo tempo que o sujeito pode sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas está rodeado pela destruição de valores, vidas e comunidades.

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 44.

Não havia lugares para todos nos locais apropriados, surgindo assim os mocambos, como aponta José Lira (1994, p. 740): “um mocambo que aparece de uma urbanização excludente, mas que deita suas raízes em um processo de espoliação rural, ligado ao latifúndio da cana-de-açúcar e a sua desintegração”. O número dessas moradias na cidade crescia e preocupava as autoridades locais, sendo criado durante o governo de Agamenon Magalhães “a liga social contra o mocambo”<sup>14</sup>.

Uma grande parte da sociedade sofria sem recursos adequados de sobrevivência, processo que perdura até os nossos dias. Enquanto para outras pessoas o ritmo serão outros com o “automóvel, a fascinante invenção moderna, recebia atenções especiais, pois já se fizeram, na época, experiências no sentido de tornar o álcool substituto da gasolina”. (REZENDE, 1997, p. 59).

Mesmo que a modernidade não tenha tido a mesma excitação e a velocidade das capitais europeias devido a força da tradição causou mudanças nos comportamentos de homens e mulheres. Devemos ressaltar que as regras do bons costumes nesse momento se aplicava as pessoas das camadas abastadas da sociedade recifense.

Configura-se, portanto, novos saberes que irão disciplinar a população, instituindo lugares para homens, mulheres e crianças, formando “bons hábitos”, pois estes eram ditos como o ponto de partida de uma boa educação dos sentidos (OLIVEIRA, 2002, p. 27).

Em relação ao lugar das mulheres das classes medias e altas urbanas os periódicos da época apresentavam dois tipos de discursos. Um discurso que exaltava as mulheres modernas que estavam envolvidas com os acontecimentos políticos, sociais e da moda, e, outro que legitimava o modelo tradicional, onde as mulheres deveriam ser educadas para o casamento e evitar os espaços públicos para não ficar “mal falada”.

---

<sup>14</sup>LIGA SOCIAL CONTRA O MOCAMBO. **Descrição e resumo.** Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Disponível em: <<http://www.urbanismobr.org/bd/documentos.php?id=156>>. Acesso em: 30 mar. 2012. Nesse momento, sob pressão de diversas camadas da sociedade, organizou-se no Recife uma campanha contra o tipo de habitação que já se consolidara como característica da cidade, o mocambo. Reuniram-se, assim, em termos de política habitacional, as iniciativas privadas e públicas. Essa reunião de interesses bem distintos concretizou-se no programa de incentivo e de construção de casas da Liga Social Contra o Mocambo, em 1939.

Os jornais eram importantes meios de comunicação que exercia influência na sociedade. A coluna do Jornal *Diário de Pernambuco* intitulada *Femina*<sup>15</sup> destacava a seguinte frase: “a vida no lar e na sociedade - Modas, Elegância e Mundanismo”. Em relação à vida no lar, *os creados*, abordava de que maneira a mulher deveria tratar seus empregados. Um poema dedicado aos filhos intitulado de conselhos ao meu filho, logo em seguida a moda atual e as estrelas de cinema sendo destacadas no fim da coluna.

Apresentando que a mulher moderna que estava em dia com os últimos acontecimentos teria acesso aos jornais e deveria além de saber dirigir bem os afazeres domésticos não poderia perder a elegância. O conflito entre o modelo moderno e tradicional da mulher estava em pauta:

É, portanto, ambígua a maneira pela qual os articulistas enxergavam a mulher e sua participação no cenário público, construída ora como consumidora, ora como dona-de-casa, ora como acompanhante e adorno do marido. No entanto, em qualquer uma dessas imagens, é enfatizada a posição secundária que ela ocupa, ganhando relevo sua “natural” posição: ser mãe e ser esposa. (OLIVEIRA, 2007: 276)

Em meio a esse rebuliço os intelectuais da cidade do Recife se posicionavam em relação a esses novos modelos sociais. Carlos André de Moura na sua dissertação que aborda sobre os intelectuais da Faculdade de Direito do Recife, aponta a instituição como sendo um reduto político que apresenta indivíduos simpáticos a movimentos de Direita (MOURA, 2010, p. 34). E ainda reitera que os membros da Faculdade tiveram seus discursos fortalecidos pela posição social que ocupavam. Dessa maneira exerciam forte influência na sociedade a partir dos seus lugares de fala.

A maioria desses intelectuais eram jovens oriundos de cidades do interior, como foi o caso de Andrade Lima Filho. Natural da cidade de Goiana, prestava serviços a jornais, seus trabalhos nos jornais lhe proporcionou contato com a produção cultural formando discursos relacionados a cultura, política, tradição e sociedade. Ele foi o chefe provincial integralista no estado de Pernambuco.

Os estudantes da Faculdade de Direito lançaram um manifesto em resposta ao manifesto de outubro de 32 lançado por Plínio Salgado. Sendo intitulado “Manifesto do núcleo da Faculdade de Direito”:

---

<sup>15</sup> **Jornal Diário de Pernambuco**. FEMINA. Quarta-feira, 1 de janeiro de 1930. Setor de Microfilmagem. Fundação Joaquim Nabuco.

Nunca uma geração brasileira teve tantas responsabilidades como esta, que já tem, por mais de uma vez, escutando o tamborilar trágico das metralhadoras. Mas talvez como nunca uma geração esteja tão capaz de desempenhar a sua vocação histórica. [...] A mocidade nordestina de modo algum poderia ficar indiferente. E muito menos alunos da Faculdade de Direito do Recife. Esta escola, que certa vez ouviu proclamar a morte da metafísica (...) precisa torna-se uma célula vivíssima desse grande movimento de renovação política social e espiritual<sup>16</sup>.

A geração da instituição de ensino toma para si a responsabilidade em relação de mudanças de rumo e ainda se considerada como estando apta para tal função. Considerado o movimento integralista como sendo de renovação política, social e espiritual. Giselda Brito Silva na sua dissertação de mestrado analisa como o movimento integralista chega em Pernambuco e afirma que “insatisfeitos com os resultados políticos, sociais e econômicos da ‘Revolução’ de 1930 e ameaçados pela agitação social, estes intelectuais encontrariam na proposta integralista uma opção para a crise da ‘liberal-democracia’ e para a ameaça comunista que ganhava campo [...]” (SILVA, 1996, p. 12).

Esses intelectuais passaram a organizar núcleos na cidade do Recife e para que pudessem mais pessoas participarem da AIB eram também organizadas reuniões. Nessas reuniões eram apresentadas as propostas integralistas. “Realizou-se ontem, conforme noticiamos em nossa edição anterior, mais uma das movimentadas reuniões públicas que os integralistas pernambucanos levam a efeito todas as quintas-feiras em propaganda das suas idéas<sup>17</sup>.” E ainda:

#### Acção Integralista Brasileira

Amanhã, as 7 ½ da manhã, terá lugar a concentração de Camisas-verdes pernambucanos no campo da Estancia, (Areias) (Ponto de referência) terceiro poste de parada do bonde, depois do Giquiá (bondes: Tigipio ou Areias).

A comissão coordenadora faz sciente a obrigatoriedade da presença de todos os integralistas a essa concentração, lembrando o

---

<sup>16</sup> **Diário de Pernambuco**: Manifesto do Núcleo da Faculdade de Direito do Recife. Quinta feira, 24 de Novembro de 1932.

<sup>17</sup> O grande desfile integralista de domingo próximo. **Jornal Pequeno** – 03/08/1934. **Prontuário Funcional nº 6001** – Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

espírito de disciplina que deve presidir a todos os actos do integralista<sup>18</sup>.

A sede do movimento integralista em Pernambuco localizava-se na rua da Aurora, Nº 49 – 2º andar, centro da cidade<sup>19</sup>. Desse núcleo central foram fundados muitos outros pelo estado. O ano de 1933 foi marcado para o movimento integralista como sendo a expansão dos núcleos tanto pela capital como nas cidades do interior.

As ideias integralistas também foram levadas para as cidades do interior com o intuito de aumentar o número de pessoas adeptas aos ideários pautados em Deus, Pátria e Família. Eram organizadas caravanas, também chamadas de bandeiras integralistas, em comparação com as bandeiras paulistas, onde homens desbravaram o interior da cidade de São Paulo.

No interior do Estado, as dificuldades para se instalar um núcleo eram bem maiores. Em grande parte das cidades, onde foram instalados núcleos integralistas, a quantidade de adeptos era pequena em relação aos núcleos da capital, porque muitos temiam envolver-se num projeto político que não tivesse o apoio do poder local, especialmente entre os economicamente dependentes<sup>20</sup>.

As autoridades locais eram peças importantes no momento que os habitantes da região se uniam ao movimento integralista. Conforme aponta um comunicado endereçado a chefia provincial de Pernambuco pelo Sr. Antonio Napoleão Arcoverde, chefe municipal da cidade de Rio Branco (Arcoverde):

Apesar da situação anterior não estar ao nosso lado, bem peor (sic) seria uma mudança na atual situação do meu município.

Se for possível a conservação de tais autoridades, prefeito, juiz de direito, promotor publico, coletor estadual, tal situação não deve mudar.

É preciso notar que o juiz de direito, o promotor e o coletor estadual, antes, sempre revelaram simpatias pelo nosso movimento.

O mesmo não posso dizer das autoridades policiais, sendo o prefeito um homem de bem que sempre se conservou afastado de todas as situações.

Pelo bem do Brasil

---

<sup>18</sup> **Jornal Pequeno**. Recife, sábado, 12 de janeiro de 1934 – Fundação Joaquim Nabuco, setor de microfilmagem.

<sup>19</sup> **Prontuário Funcional Nº 4938**. Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 46.

Dois Anauês:

Antonio Napoleão Arcoverde

(Chefe municipal)<sup>21</sup>

Notamos que o mandonismo das autoridades locais muitas vezes determinava o sucesso ou o fracasso do integralismo em determinadas regiões. As pessoas ficavam receosas de partilhar de ideias que poderiam ser reprovadas pelo poderio local. Apresentando assim as diversas maneiras que o integralismo se manifestou pelas cidades brasileiras.

Alguns municípios não tinham condições financeiras de se manter, um exemplo é o da cidade de Rio Branco, atual cidade de Arcoverde. Os núcleos integralistas enviavam mensalmente um relatório informando a situação atual. Nesse relatório o senhor Antônio Napoleão Arcoverde, chefe municipal informa que:

Acusando o recebimento do ofício circular nº 13 de 3 do corrente, passo a informar que ainda não está regularizada a situação financeira do núcleo de Rio Branco pelo motivo da maioria dos adeptos serem homens pobres que pouco podem concorrer. Apesar de não dispor de recursos é ainda o chefe do núcleo que vem contribuindo na sua maior parte para a vida do mesmo.

Pelo bem do Brasil,

Anauê!

Cada núcleo apresentava suas especificidades dependendo da situação financeira dos municípios. Mais adiante nos capítulos abordaremos a questão de funcionamento de alguns núcleos presentes no estado de Pernambuco. O movimento integralista tinha um sistema de organização no qual interligava os núcleos a sua sede nacional, e, havia um regulamento de organização geral, sendo dividido em: serviço de vigilância e informações, serviço de sindicâncias, serviço de proteção e segurança, informações, serviço de fichário e serviço de arquivo<sup>22</sup>. Devido a esse sistema de informações, que circulava, a sede nacional do integralismo tinha o controle dos seus núcleos.

Em Pernambuco funcionavam algumas secretarias que seguiam as normas dos departamentos nacionais. Cada secretaria deveria seguir modelos padrão

---

<sup>21</sup> **Prontuário Funcional Nº 4938.** Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

<sup>22</sup> **Prontuário Funcional Nº 5996** - Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

expedidos da sede do movimento integralista em São Paulo. Havia a Secretaria Provincial de Cultura Artística, Secretaria Provincial de Finanças, Secretaria de Educação, Secretaria de Propaganda, Secretaria Provincial das Corporações e Serviços Eleitorais e Secretaria de Arregimentação Feminina e Plinianos<sup>23</sup>.

Após a criação do manifesto de 32, houveram mudanças nas diretrizes do movimento integralista. Foi organizado o primeiro congresso nacional em 1934 sendo realizado na cidade de Vitória, Espírito Santo. Esse congresso marca a transição do movimento de uma organização de cunho cultural para um partido político<sup>24</sup>. Desse momento em diante os objetivos da AIB-PE são redefinidos e o trabalho de doutrinação e propaganda são mais voltados para a questão do voto.

A rua da aurora vale o andar, onde tem a sua sede, a <<Acção Integralista Brasileira>> comemorou o início do primeiro congresso nacional integralista, com uma sessão solene, a qual compareceram todos os seus filiados devidamente uniformizados, assim como aqueles que se interessam pelo movimento.

Ainda em 1934 foi criado o Departamento Feminino da AIB oficializando a participação feminina nas fileiras integralistas (REGULAMENTO, 1934 apud: LOPES, 2007, p. 40). Devemos ressaltar que desde a sua fundação em 1932 que as mulheres faziam parte do movimento integralista.

Em 1935 ocorreu o primeiro congresso integralista em Pernambuco realizado na cidade de Pesqueira. Fabio Lima Amorim que estudou o integralismo na cidade de Pesqueira apresenta a notícia do jornal local:

4.567 camisas verdes de 55 núcleos da Província na mais absoluta e admirável ordem, em frente ao Colégio Cristo Rei reuniu-se uma multidão calculada, segundo o jornal, em 8.000 pessoas. Usaram da palavra o dr. Eurico Lyra, Chefe do Núcleo de Garanhuns, o Chefe Provincial e finalmente o Chefe Nacional, que, com sua fala, encerra o Congresso<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> **Prontuário Funcional Nº4938** - Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

<sup>24</sup> VER: FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os integralistas no estado do Espírito Santo (1933-1938). **Revista Ágora**, Vitória, n. 13, 2011.

<sup>25</sup> “Acção Integralista Brasileira: Primeiro Congresso da Provincia de Pernambuco”. Jornal de Pesqueira, nº 244. Pesqueira: 30 de novembro de 1935, p 01. Apud: AMORIM, Fábio Lima. **Uma cidade germanófila em 30**: O integralismo em Pesqueira. Dissertação (Mestrado em História), 2002.

No ano de 1936 vai ocorrer na cidade de Caruaru nos dias 26, 27 e 28 de junho o primeiro congresso provincial feminino<sup>26</sup>. Desse congresso a senhora Albertina Lagos oferece um poema ao chefe nacional Plínio Salgado, mais adiante esses escritos serão apresentados.

A documentação nos aponta que houve uma aceitação das ideias integralistas pela capital pernambucana de imediato, posteriormente muitos núcleos se estabeleceram nas cidades interioranas. Os militantes organizaram reuniões para atrair mais adeptos e simpatizantes a causa do movimento integralista.

O discurso fincado com base em Deus, Pátria e Família chamou a atenção das pessoas, pois assim como tantos movimentos existentes o integralista fazia questão de passar a ideia de uma grande família. A AIB pode ser considerado como o primeiro movimento de massas brasileiro (CAVALARI, 1999, p. 9).

O povo necessitava segundo Plínio Salgado de ser conduzido e principalmente elevar seu nível cultural. Ele aponta que o caráter do povo brasileiro se definia por um conjunto de traços viciosos: egoísmo, incapacidade de esperar soluções definitivas, submissão absoluta ao poder mais próximo, preguiça, incapacidade de conceber ideias gerais, sentimentalismo mórbido, indisciplina, verbalismo jactancioso, insinceridade, desconfiança (SALGADO, 1935 apud CAVALARI). Mas afirma que isso não é culpa das pessoas, mas pela falta de educação.

Mas que tipo de educação o movimento integralista queria oferecer as pessoas, uma educação totalmente controlada e seguindo os preceitos integralistas. Lembrando que as ordens vindas dos superiores hierárquicos não poderiam ser questionadas. O saber percorria um sentido unilateral tanto nas escolas como nas reuniões oferecidas pelo movimento.

Segundo Certeau (1994, p. 121) a “estratégia” equivale a um lance num jogo de cartas, pois o povo seria a peça fundamental para a AIB conseguir se estabelecer no território brasileiro. De início os partidos políticos eram considerados como nocivos “sim, todos os partidos políticos são nocivos, pois eles dividem o povo” (MANUAL DO INTEGRALISTA). Posteriormente para que o integralismo chegasse

---

<sup>26</sup>Prontuário Funcional N<sup>o</sup>1066 - Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

ao poder a maneira mais próxima seria migrar de movimento cultural para partido político.

Quando esse fato se concretiza estratégias deveriam ser utilizadas, a participação feminina é exaltada e valorizada ainda mais. As mulheres que desde 1932 estavam nas fileiras como blusas verdes, em alusão ao uniforme ou então como plinianas feminizando o nome de Plínio Salgado iriam contribuir de maneira decisiva. A cooperação feminina foi de extrema importância para a visibilidade e aceitabilidade do integralismo em diversos setores da sociedade.

#### **1.4 Mulheres integralistas: por uma participação política possível**

Para que pudéssemos falar da participação das mulheres pernambucanas no movimento integralista foi de extrema importância compreender a dimensão da Ação Integralista Brasileira. Esse tema de pesquisa das mulheres integralistas teve início na graduação do curso de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob orientação da professora Giselda Brito Silva. Através da Iniciação Científica, durante dois anos, com apoio da Bolsa de PIBIC da FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco) foi possível formular uma compreensão do movimento integralista em nível nacional e estabelecendo um campo de questões para a atuação feminina no Estado de Pernambuco, que nos levou ao percurso do Mestrado.

No ano de 2013 a pesquisa foi premiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), no Edital “Construindo a igualdade de gênero”, com o artigo “Entre usos e táticas: a conquista do espaço público pelas ‘blusas verdes’ na cidade do Recife (1932-1937)”. Ao final do curso também em 2013 foi escrita a monografia “O Integralismo no feminino: a formação e a atuação das mulheres integralistas (1932-1937)”.

No início do contato com o tema, é comum nos perguntar, que tipo de participação política feminina aconteceu na década de 1930 e num movimento conservador e nacionalista como o integralista? Quando falamos no integralismo como um movimento conservador, nos referimos a questão de uma sólida base cristã. Segundo Leandro Pereira Gonçalves quando se refere ao pensamento de Plínio

Salgado “Pensar o nacionalismo com a prática religiosa era o caminho difundido por ele, que discursava aos militantes defendendo a relação entre o sentimento nacional e o pensamento cristão”. (2012, p. 17)

Percebemos que muitas foram as ocasiões que as mulheres participavam das atividades desenvolvidas no movimento, os documentos apresentam esses lugares de participação. Havia dentro da AIB um departamento feminino, era desse lugar de fala que as mulheres se posicionavam. Mas essa fala era permeada em torno do discurso integralista que pautava para a mulher o lugar de mãe, esposa e dona de casa.

Elas desenvolviam trabalhos de educação de crianças e analfabetos, orientação familiar e sexual a outras mulheres e desfilavam nas passeatas do movimento. A questão em torno da alfabetização se intensifica quando se aproxima as eleições e Plínio Salgado se lança como candidato a presidência da República. Além disso, eram responsáveis pelas políticas assistencialistas voltadas às famílias pobres. As militantes integralistas ocupavam os espaços públicos, através de discursos que incentivavam as mulheres a se dedicar ao seu lar e a família. Essa participação política passa pela questão das novas abordagens da história política.

O estudo da história política esteve durante um longo período de tempo atrelada a uma abordagem tradicional de análise dos fatos. Rene Remond (2003, p. 14) aponta: “[...] eis que a história política experimenta uma espantosa volta da fortuna [...]”. A análise política tradicional esteve voltada para as instituições, aparelhos e a história dos “grandes homens” baseada na narração<sup>27</sup>. Todo esse método ia de encontro a nova história que tinha como pretensão trazer à baila novas abordagens dos fatos históricos, “por outro lado, a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. ‘Tudo tem uma história’, como escreveu o cientista J.B.S Haldane [...]” (BURKE, 1992, p. 11). A aproximação da história com as ciências sociais (interdisciplinaridade) trouxe ganhos e a renovação no campo historiográfico. Falcon afirma que:

O estudo do político vai compreender a partir daí não mais apenas a política em seu sentido tradicional, mas em nível das representações

---

<sup>27</sup> “Em segundo lugar, os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas”. BURKE, Peter. Abertura: A nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 12.

sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder (FALCON, 2007, p. 119).

Dessa maneira vai haver a abertura para novas abordagens no campo da história política desvinculando o estudo da política atrelado apenas ao Estado. “Nas sociedades contemporâneas, a política organizava-se em torno do Estado e estruturava-se em torno dele: o poder do Estado representa o grau supremo da organização política (REMOND, 2003, p. 20)”.

A partir das novas análises essa percepção do poder vai se ampliar a outras instituições e vivências do cotidiano, como bem desenvolve Michel Foucault na sua obra “Microfísica do poder” (2013) e ao longo das suas pesquisas. O estudo da cultura vai compor essas novas abordagens, sendo definido como “o conjunto complexo constituído pela linguagem, comportamento, valores, crenças, representações e tradições partilhados por determinado grupo humano e que conferem uma identidade” (MOTTA, 1996, p.93). Sendo caracterizado como o modo como determinados grupos vivenciam e ressignificam os fenômenos políticos. O conceito de cultura política tem como necessidade mergulhar e esmiuçar as especificidades presentes nos comportamentos coletivos. A longa duração vai estar presente nessas análises, José D’Assunção Barros utiliza uma metáfora de Braudel para se referir a esse jogo das durações:

Outra é a metáfora dos vagalumes que brilham contra a escuridão noturna: os eventos que brilham, chamando atenção para si seriam os eventos; mas caberia aos historiadores, sobretudo, estudar a densa obscuridade que permanece para além deles. Esta obscuridade corresponderia às economias, à vida coletiva, às mentalidades, à vida coletiva [sic], à organização social em classes, às civilizações; tudo, enfim, que permanece, se repete e se recicla, independentemente do fugaz, embora intenso, brilho dos vagalumes (BARROS, 2010, p. 15).

Não mais a análise superficial dos fatos apenas com o auxílio dos documentos oficiais, mas analisar o cotidiano e as minúcias presentes nas continuidades dando margem a novas abordagens de um mesmo fato histórico. E Remond (2003, p. 35) complementa que a noção de cultura política na explicação e reflexão dos fenômenos políticos, um lugar proporcional ao vazio que acaba de ser preenchido vai implicar na longuíssima duração. O político vai tecer a história com novos fios que vai ampliar o

olhar para outras questões como, por exemplo, a história das formações políticas. E aponta sobre a cultura política:

Abraçando os grandes números, trabalhando na duração, apoderando-se dos fenômenos mais globais, procurando nas profundezas da memória coletiva, ou do inconsciente, as raízes das convicções e as origens dos comportamentos, a história política descreveu uma revolução completa<sup>28</sup>.

A renovação amplia o panorama que busca novos atores que se faziam presentes no jogo político e inclui na análise a invenção do cotidiano, baseado nas práticas comuns<sup>29</sup> e nas profundezas da memória coletiva. As massas são incluídas como objeto de análise que tem como pretensão revelar o *ethos* de uma nação<sup>30</sup>. A cultura política estaria interessada em reunir elementos presentes no comportamento, hábitos, valores presentes em determinada sociedade para um melhor entendimento dos acontecimentos políticos.

O movimento integralista teve alcances nacionais e muitos são as dimensões com o que é pesquisado e analisado. Através da análise dos documentos que foi apreendido pelo DOPS-PE (Departamento de Ordem Política e Social) foi possível entender que tipo de participação foi possível as mulheres pernambucanas nas fileiras integralistas. É sabido que muitos documentos foram suprimidos devido a perseguição as pessoas que fizeram parte do movimento integralista. Por decreto do então presidente Getúlio Vargas a AIB foi considerada ilegal em 3 de dezembro de 1937<sup>31</sup> e as pessoas que tinham ligação foram perseguidas e presas. A partir da História Política, temos como objeto de análise as mulheres, seus lugares sociais e práticas de militantes.

Com as novas abordagens da Nova História convém-se falar da história das mulheres, “A grande reviravolta da história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribui para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres” (SOIHET, 1997, p. 399). A autora ressalta o cuidado da não utilização do termo “história da mulher”, mas sim de uma

---

<sup>28</sup> Ibid, p. 36.

<sup>29</sup> VER: CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

<sup>30</sup> Ibid, p. 450.

<sup>31</sup> Disponível em:

[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/116647/1986\\_DEZEMBRO\\_084d.pdf?sequence=1](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/116647/1986_DEZEMBRO_084d.pdf?sequence=1)  
acesso em Set. de 2015.

“história das mulheres”, afinal de contas as mulheres são diversas em suas condições sociais, etnias, raças, crenças religiosas marcadas pelas inúmeras diferenças. As mulheres são plurais e não um coletivo homogêneo.

Michelle Perrot (2007) aponta que já que tudo é história, segundo George Sand, por que as mulheres não pertenceriam à história? “A história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades<sup>32</sup>”. E nesse silêncio em que as mulheres foram excluídas da história, elas não estão sozinhas. Há um continente perdido das vidas submersas no esquecimento que se anula a massa da humanidade.

As mulheres de fato têm uma história, mas como a escrita da história esteve sob a égide dos homens que selecionavam o que seria ou não considerado como historiografia. Como a escrita feminina durante muito tempo esteve restrita as mulheres das classes abastadas e que ainda sim registravam seus relatos e impressões em diários, “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra<sup>33</sup>”. Dessa maneira essas fontes serviram como base para que a escrita da história narrasse a participação feminina em diversos segmentos.

Tomando como base os estudos desenvolvidos pelo Brasil sobre as mulheres integralistas temos novos enfoques a cerca dessa participação. A historiadora Márcia Carneiro na sua dissertação *Memória e Integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*, teve como ponto de partida a história da sua avó, que foi militante integralista e através de relatos orais legitimou essa participação. A militância integralista no estado do Rio de Janeiro será o pano de fundo dessa história que vai utilizar o relato oral de cinco pessoas que adentraram o movimento integralista.

Tendo como sujeito homens e mulheres e como fonte a fotografia Tatiana da Silva Bulhões no seu trabalho intitulado: *Evidências esmagadoras dos seus atos: fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937)* apresenta a fotografia como propaganda e dessa maneira como uma prática de poder dos produtores do discurso integralista. Daniel Henrique Lopes analisou as experiências sociais das mulheres integralistas e as relações de gênero na sua dissertação *As experiências femininas na AIB, 1932-1938 – Revendo o passado, gênero e representações*.

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 22.

Renata Duarte Simões no seu trabalho *A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)* analisa como o corpo feminino foi disciplinarizado pelo movimento integralista e através da divulgação do jornal. Lillian Tavares Bairros analisou a atuação feminina na cidade de Santos sob o título *Vãos esquecidos na brisa do mar: a mulher e o integralismo em Santos (1932-1937)* dando ênfase a atuação educacional das mulheres na cidade de Santos.

E, como nosso objeto de pesquisa é a mulher na concepção e dentro da Ação Integralista Brasileira, em suas práticas familiares, culturais e políticas na relação com o movimento, nos interessamos pelo auxílio da História do Cotidiano, na perspectiva proposta por Michel De Certeau em sua obra *A Invenção do Cotidiano* (1994). Em que são abordadas as táticas e estratégias que podem adquirir um novo sentido num mundo da política que na década de 1930 é genuinamente um espaço de homens.

Com Certeau pretendemos estudar e compreender como se davam as práticas cotidianas das mulheres em relação às determinações que recebiam. É interessante quando Michel De Certeau diz que “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia...” (1994). Ele também fala da “liberdade gazeteira das práticas, e da necessidade de ver diferenças e de perceber as microrresistências que fundam microliberdades e deslocam fronteiras de dominação”. Com isto, ele muda a abordagem das posições passivas e abre perspectivas para se perceber as práticas e intervenções comuns, que nos interessam na análise das mulheres integralistas entre as representações e as práticas cotidianas.

## **PRIMEIRO CAPÍTULO**

### **A MULHER E A FAMÍLIA PERNAMBUCANA NA DÉCADA DE 1930**

Na década de 1930, Pernambuco passava por mudanças significativas nos hábitos e costumes das famílias tradicionais, sugerindo novos lugares para as mulheres de todas as classes sociais, particularmente com reivindicações provenientes dos movimentos de esquerda e feminista que abriam um campo de luta pelo sufrágio feminino e outras reivindicações. Na mesma época, a sociedade brasileira vê nascer a Ação Integralista Brasileira (AIB), um movimento de reação tradicional liderado por Plínio Salgado e apoiado por intelectuais católicos, anticomunistas e antiliberais. Trata-se, como veremos ao longo deste trabalho, de um movimento que, apesar de estar embasado num nacionalismo tradicionalista, também se reveste de uma proposta de cunho modernista, representada pela própria figura de Plínio Salgado que teria participado da Semana de Arte Moderna de 1922, e que também incorpora ao discurso do movimento propagando-o como algo novo em defesa das tradições.

Nesta pesquisa, procuramos focar o surgimento, avanço e atuação deste movimento de reação tradicional às mudanças daquele momento, a partir do estudo e análise da integração e participação das mulheres nas fileiras do movimento, representando o que se conheceu como as “Plinianas” ou “Blusas Verdes” da AIB. Conforme veremos ao longo deste trabalho, numa época em que as mulheres feministas lutavam por acesso ao campo político pelo direito do voto e as mulheres pobres e operárias tinham que lutar no espaço das fábricas pela sobrevivência numa sociedade que recriminava as mulheres no espaço público, as mulheres integralistas ocuparam lugar nas fileiras fardadas e militarizadas da AIB, indo ao espaço público e político, em nome e defesa dos valores e costumes tradicionais que se encontravam ameaçados pelo avanço do comunismo e pela crise liberal, em franca semelhança ao que se observava na Alemanha nazista e Itália fascista.

Paralelamente ao surgimento do Integralismo, também avançava a modernidade impondo novos valores ao universo feminino pernambucano, redefinindo hábitos e práticas, que se tornaram objeto dos confrontos entre integralistas, comunistas e liberais em torno da nucleação da família, que sofria grandes impactos com as mudanças.

As mudanças vinham de todos os lados. Os sujeitos foram sendo reorganizados na sociedade sob novos desafios e a fisionomia dos tempos de outrora estava sendo modificada, o chique era o que vinha de Paris, modernidade *versus* tradicionalismo se tornaram temas centrais dos debates nos centros da intelectualidade. Os novos discursos destacavam os principais problemas da sociedade, desde a saúde pública até a questão do voto feminino. O discurso higienista modificava os hábitos dos indivíduos e varria o povo para as áreas suburbanas em nome da modernidade e limpeza da cidade, empurrando-os para lugares escondidos e insalubres. A intelectualidade tradicional da época apresentava-se como os que estavam aptos a discutir os problemas brasileiros, ou como eles diziam, “os problemas de nossa geração”, uma geração pautada nos pensamentos conservadores de base católica que, ao mesmo tempo, se tomavam como modernistas e inovadores. Vinha destes grupos, que apoiaram e subsidiaram o Integralismo, os novos saberes que procuravam das respostas ao ritmo das mudanças e, ao mesmo tempo, alertar para os perigos que rondavam as bases das famílias tradicionais, como aponta Oliveira (2002, p. 92):

A mulher que conquistava paulatinamente o ambiente público, a criança que era pedagogizada mediante novos discursos, a cidade que se transformava e ganhava novos personagens, a indústria que se expandia e acordava com o seu apito os operários, o homem que perdia sua voz de comando para o Estado, tudo isso recebe olhares e pontos de vista diferentes.

Alguns diziam que a cidade tinha ares de modernidade e a família pernambucana ou continuaria com a tradicionalidade ou se renderia aos novos encantos. Entretanto, nem todos aceitavam que os modelos sociais estabelecidos fossem modificados. Os periódicos da época apresentavam dois tipos de discursos, um que exaltava a mulher moderna que estava envolvida com as lutas reivindicatórias e com os acontecimentos políticos, sociais e da moda; e, outro que legitimava o modelo tradicional, onde a mulher deve ser educada para o casamento e evitar os espaços públicos para não ficar “mal falada”. Segundo Oliveira (2002, p. 22):

O sujeito dito moderno é construído num contexto de louvação à modernidade, vista e dita como o desejo de emancipação do obscurantismo, dos preconceitos, tecendo uma rede maior de liberdade, de individualização cada vez mais crescente. Era entendida, ainda, como um território envolvido pela valoração do capital e do progresso, pela busca incessante do novo e pelo impulso de esquecer o passado, de sociabilizar-se com as normas atuais rompendo com as antigas, criando aversão a quase tudo que estivesse relacionado com o rural, o atrasado, o anti-higiênico e o anti-científico (*sic*).

Na mesma época, houve uma movimentação no Brasil em relação aos direitos das mulheres como aponta Soihet (2000), em meados do século XIX muitas reivindicavam pelo direito de participação na sociedade como Nísia Floresta<sup>34</sup> e Josefina Alvares de Azevedo<sup>35</sup>. Elas eram provenientes da classe de mulheres letradas que exigiram uma educação qualificada e uma maior participação nas decisões políticas como o direito ao voto feminino. Esse foi o caso da pernambucana Celina Nigro, a primeira eleitora do estado.

Mas, se havia um campo de reação, também havia um campo de recepção das mudanças, oscilando os discursos entre a crítica e o apoio às mudanças no universo feminino, como se pode perceber num artigo do Diário de Pernambuco: “Em Pernambuco, a primeira representante do belo-sexo que solicitou a sua admissão no alistamento eleitoral do Estado foi a aplaudida virtuose do canto senhorita Celina Nigro que acha qualificada desde 28 de dezembro ultimo”<sup>36</sup>.

Carla Luciana Silva e Gilberto Grassi Calil (2000) ao tratar do testemunho de pessoas que fizeram parte da AIB, destacam o depoimento de Emílio Otto Kaminski, ex-chefe provincial integralista, que afirma que a mulher deveria ser proibida de trabalhar, o lugar da mulher seria em casa cuidando do marido e dos filhos para sobrar mais empregos para os homens. Ao mesmo tempo, em que observamos que os homens que pertenciam à AIB eram os principais responsáveis pela integração das

---

<sup>34</sup>FLORESTA, Nísia. **Dados biográficos**. Disponível em: <<http://www.bienalpernambuco.com/autores-do-nordestes/nisia-floresta/>> Acesso em: 08 jan. 2015. Estreou nas letras através do jornal *Espelho das Brasileiras*, dedicado as senhoras pernambucanas e que pertencia ao tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin. Durante trinta números do jornal (de fevereiro a abril), colabora com artigos que tratam da condição feminina em diversas culturas.

<sup>35</sup>Nascida no Recife em 05 de março de 1851 dedicou sua obra jornalística e literária em função da militância pelos direitos da mulher. Fundou o jornal *A Família* e defendia a educação como requisito para a elevação do status das mulheres. MAIOR, Valéria Andrade Souto. Josefina Álvares de Azevedo. Teatro e Propaganda Sufragista no século XIX. Disponível em: <[http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525\\_arquivo.pdf](http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/525_arquivo.pdf)> Acesso em 08 jan. 2015.

<sup>36</sup>A primeira eleitora pernambucana. **Jornal Diário de Pernambuco**. Recife, Sexta-feira, 6 de janeiro de 1933. p.3. Fundação Joaquim Nabuco. Setor de Microfilmagem.

mulheres da família nas fileiras do movimento, onde as mesmas tinham ampla visibilidade no campo da política no espaço público.

Observa-se nessas ideias o quanto a mulher ocupar o espaço público não era aceito, principalmente, pelos integralistas que surgiam exaltando a família e a mulher como sendo o alicerce da educação dos filhos e da organização do lar. E vários setores da sociedade partilhavam desse discurso, como apresenta Ana Alves (2011, p. 182):

O movimento operário (movimentos revolucionários e socialistas do século XIX e primórdios do século XX) respaldava a imagem do casamento e da família como a carreira principal da mulher; brigava pela profissão e o salário do homem, tanto foi assim, que a tendência era lutar pelo cálculo do salário mínimo.

Havia ainda os que consideravam a mulher como um ser frágil e indefeso que necessitava dos cuidados masculinos para não se “desviar”, seduzidas pelos encantos da sociedade. Margareth Rago (1987, p. 85) aponta: “Não é a mulher esta carne fraca, presa fácil das paixões, que sucumbe sem resistências ao olhar insistente ou aos galanteios envaidecedores do sedutor?”.

Percebe-se que, para a sociedade dessa época, a mulher não tinha autonomia em gerir sua vida, ficando na sombra dos homens. Algumas mulheres subvertiam a ordem estabelecida e mostravam que o sexo feminino não era assim tão frágil, como a sociedade construía:

RIO, 1 - Comunicam de Muriaré em Minas, que a polícia prendeu uma quadrilha, na serra Morena, capitaneada por uma senhorita de nome Emília Mendes, de 20 anos de idade. Essa quadrilha havia há poucos dias assaltado uma fazenda no subúrbio de Barra, perto de Muriaré. Os ladrões, chefiados por Emília, fizeram um saque completo, durante o qual foi assassinado o dono da fazenda roubada, sr. Gabriel Xaia<sup>37</sup> (*sic*).

Casos como o de Maria Emília chama a atenção, já que na década de 1930 eram registrados entre as mulheres crimes de infanticídio, aborto e pequenos delitos. Moreira (2007, p. 4) reitera que “torna-se, então, inaceitável, incompatíveis a criminalidade e a feminilidade da mulher, ou seja, a mulher criminosa estaria de certa forma renunciando à sua condição de mulher, à sua própria feminilidade”. A condição feminina era considerada de menor capacidade até quando se referisse a práticas ilícitas,

---

<sup>37</sup> “Uma quadrilha de salteadores chefiada por uma mulher”. **Jornal Diário de Pernambuco**. Recife, Quarta-feira, 2 de julho de 1930.

seria como as mulheres estivessem abrindo mão de ser mulher. E, nesse caso, o jornal afirmou que a mesma chefiava a quadrilha, até os nossos dias as mulheres geralmente não assumem lideranças em bandos, eles são cúmplices ou mesmo servem de engodo.

Apesar de toda movimentação que essa década proporcionava para os sujeitos, o conservadorismo exerce grande influência na sociedade em contraposição ao modernismo que adentrava na sociedade. Há ainda uma forte presença patriarcalista, ficando os homens receosos em relação ao lugar da mulher em meio à modernidade, mesmo entre aqueles que eram defensores de novas concepções políticas para o país. O Brasil encontrava-se entre a preservação das tradições, a busca da identidade nacional que represente a República o movimento modernista que exaltava os elementos nacionais. Segundo Stuart Hall (2003) as identidades nacionais eram criadas no seio da sociedade, nós não nascemos com ela é algo que representa o indivíduo enquanto pertencente de determinado grupo.

Muitas são as precauções que a mulher deveria ter ao frequentar o espaço da rua, locais considerados perigosos a sua reputação, Sueann Caulfield (2000, p. 26) aponta que a honra sexual “representava um conjunto de normas que, estabelecidas aparentemente com base na natureza, sustentavam a lógica da manutenção de relações desiguais de poder nas esferas privada e pública”. Entre essas próprias mulheres encontramos vivências diferenciadas, algumas mulheres se preocupavam com o bom vestir e quais locais iriam frequentar, nesse caso estamos nos referindo as mulheres das classes abastadas. Outras mulheres estavam mais voltadas para o lar e se dedicavam integralmente a vida doméstica, isso quando existia um provedor que mantivesse essa condição. Já as mulheres das camadas mais baixas tinham que exercer mais de uma função, além de sustentar a casa tinham que cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. Os meios de comunicação produziam modelos para a mulheres conforme as mudanças aconteciam.

Os jornais tanto produziam modelos de mãe, esposa, dona de casa quanto de mulheres ligadas aos costumes da modernidade, que seria o mundo da moda, os cinemas e os passeios pelas ruas da cidade. Havia uma preocupação e cuidado com o tema da família, mas havia uma exaltação em relação aos novos costumes e as mulheres das camadas médias e altas eram convocadas a fazer parte dessa nova tendência. Oliveira (2002, p. 275) destaca:

A República brasileira, em particular as décadas de 20 e 30, apresentam-nos mulheres enfeitadas, ornamentadas de cores e cortes que encantam, mas que também mascaram sua própria escravidão à moda, sua subserviência ao masculino através do batom Michel que marca os lábios, do pó facial Neve que encobre as manchas, do chapéu Cappellier que esconde a subordinação.

A figura feminina é atrelada a beleza e os seus encantos estavam ligados ao uso de determinados produtos, dessa maneira os novos costumes fabricavam esse modelo de mulher, mas sem esquecer da sua verdadeira vocação. A maternidade foi erigida como uma função natural para a mulher, sendo legitimada pelo estado, pelos conservadores e pela Igreja Católica. Em meio a tantas mudanças, o modelo tradicional familiar estava em crise e a sociedade conservadora se empenhava em manter a moralidade e os bons costumes.

Quando nos referimos a uma sociedade conservadora pernambucana tomamos como base o patriarcado, modelo familiar baseado na figura masculina. Apesar desse modelo social está em decadência na década de 1930, a sociedade pernambucana mantinha muitos resquícios desse modo de vida. Dessa maneira o patriarcado, “trata-se de um tipo de dominação em que o senhor é a lei e cujo domínio está referido ao espaço das comunidades domésticas ou formas sociais mais simples, tendo sua legitimidade garantida pela tradição” (CASTRO; LAVINAS, 1992, p. 237 apud MORGANTE; NADER, 2014, p. 1). As mulheres segundo essa tradição deveriam ser educadas para o casamento, a maternidade e os cuidados com o marido e os filhos.

Era o papel social da mulher gerir a prole, o homem e a casa. O mito da maternidade foi uma construção social que remonta anos desde Santo Agostinho, de acordo com Rocha (2005, p. 86): “a história da construção da maternidade pode ser referendada também com os escritos de Santo Agostinho, pois este ajudou a solidificar a ideia de que a mulher representava um perigo para a vida ascética”. Ao longo da história<sup>38</sup> as mulheres foram consideradas como frágeis, mas ao mesmo tempo tidas como perigosas. Dessa maneira, as mulheres deveriam ser bem instruídas para que não se desviassem da boa conduta.

---

<sup>38</sup>Durante o período colonial essa normatização se encontra presente, “O outro instrumento utilizado para a domesticação da mulher foi o discurso normativo médico, ou ‘físico’ sobre o funcionamento do corpo feminino. Esse discurso dava caução ao religioso na medida em que asseverava cientificamente que a função natural da mulher era a procriação. [...] Ela deveria apagar todas as marcas da carnalidade e animalidade do ato pela imediata concepção. Daí serem malditas as infecundas, as incapazes de revestir com a pureza dagravidez a dimensão do coito. Daí também a importância do casamento em dar uma ordem e uma regra para a natureza, a *priori* corrompida.” DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. São Paulo: UNESP, 2009. p. 24; 27.

No século XX a mulher que ousasse transgredir essa ordem vigente em relação ao seu lugar social, seria punida. Os estudos de Rita Couto (1994) apresentam de maneira clara como o discurso eugênico era utilizado para manter esse *status quo* de santidade legitimando a figura da “santa-mãezinha”<sup>39</sup>. Sendo assim: “O modelo do gênero feminino manteve a essência mítica herdada do período colonial, mesclando-se, todavia como visão científica da eugenia” (COUTO, 1994, p. 55).

Rita Couto ainda nos apresenta casos classificados como degeneração atípica ou moral, mulheres adúlteras eram internadas em sanatórios se relacionassem com pessoas de classe social inferior. Ela afirma que esses espaços eram também reguladores das relações sociais podendo significar exclusão ou tentativa de normalizar as pessoas que rompessem os parâmetros instituídos pela sociedade.

Maria Freire (2006, p. 136) afirma que se há uma unanimidade entre os juristas, militantes do movimento feminista, colaboradores das revistas femininas, era em torno da maternidade que deveria ser mantida independente da sua função social. Devemos levar em consideração que havia uma defesa em relação à participação da mulher na sociedade de maneira mais incisiva como por exemplo na política.

Ocorre que a humanidade demorou a descobrir que o mundo é feito de homens e mulheres, ou seja, mesmo após as revoluções americana e francesa, das quais fizeram parte, as mulheres encontravam-se entre os desfavorecidos de cidadania, pois não desfrutavam dos avanços legislativos que, muitas vezes, sonhavam-lhe não só direitos políticos e civis, mas também o direito a educação. (LUZ; FACHINA, 2010, p. 5)

Para que houvesse a participação na política as mulheres na maioria dos casos eram letradas e tinham condições de exercer esse papel social. Muitas foram as formas de inserção das mulheres nos espaços dominados por homens, como por exemplo escrevendo em jornais utilizando pseudônimos. De diversas maneiras as mulheres participaram de movimentos políticos organizados por elas, transgredindo a ordem estabelecida que ditava que a política não era lugar de mulheres. Uma vez que a sociedade estabeleceu regras e limitou os sujeitos de alguma maneira, suas ações foram além da permissividade. E Certeau afirma que: “Toda sociedade mostra sempre, em algum lugar, as formalidades a que suas práticas obedecem” (2008, p. 83). Existe

em diversos lugares da coletividade formalidades com as quais devem ser cumpridas e essas práticas seguidas à risca, o que não significa que modos diferentes são adotados nesses locais.

### **1.1A Modernização e as Mudanças no Universo Feminino e Familiar**

A história das mulheres não deve ser considerada como um fazer historiográfico isolado. Apesar da exclusão em que as mulheres estiveram durante muito tempo, ela foi reparada. Essa história foi rememorada e as mulheres puderam compor os estudos da história econômica e social, história da família, história sociocultural, política e muitas outras. As mulheres assim como os homens tiveram sua participação nessa construção histórica, cabendo a elas lugares de análise e escrita da história. A modernidade inaugura as novas práticas entre as pessoas, “resistências e desconfianças acompanharam esse momento de transformação de hábitos e comportamentos” (COUCEIRO, 2003, p. 63). As mulheres vão transitando nesses modelos sociais tanto que correspondem a mulher dedicada ao lar quanto as que se adequam aos novos hábitos.

O modelo que foi criado para as mulheres seria o aprendizado para o casamento, a sociedade de 1930 era caracterizada pelo modelo patriarcal, onde cada sujeito ocupava sua função dentro dos preceitos da moral e dos bons costumes. Mas este modelo vai sendo descaracterizado pelo processo de mudança que a sociedade vem passando que é o processo de modernização.

Havia na cidade do Recife um choque entre o moderno e o conservador, Rezende (1997, p. 25) comenta: “O Recife é uma dessas cidades de forte tensão entre o moderno e o tradicional. A sua história está atravessada por momentos de deslumbramentos e fantasias sobre o seu futuro possivelmente moderno [...]”. E essa modernidade esteve presente nos costumes das famílias recifenses, as mulheres das camadas médias e altas passam a ocupar espaços públicos como as casas de chás, boutiques em busca de novas práticas.

O acesso à educação para as mulheres era pensada de maneira diferente em relação aos homens, seria uma educação mais voltada para o lar. Se comparada as mulheres das camadas pobres essa educação seria ainda mais precária, pois o acesso

era restrito. Em relação a isso, qual seria o modelo de educação feminina que estava sendo desenvolvido? A família nesse momento passava por modificações devido a tantas transformações sociais. A educação era diferenciada para as classes sociais, para as mulheres pobres o acesso as escolas era limitado ao ensino primário. Para as mulheres de classes abastadas muitas eram instruídas em suas residências onde aprendiam as primeiras letras e as prendas domésticas.

Maria Alves (2002) afirma que durante o século XIX e XX havia uma movimentação em relação a instrução das mulheres, muitas escritoras utilizavam os jornais da época para expor suas opiniões. Havia o reconhecimento por parte das mulheres de que era essencial que houvesse escolas voltadas para o público feminino. Ainda assim havia uma unanimidade para que esse conhecimento pudesse ser utilizado em prol do seu lugar comum de mãe, esposa e dona de casa.

A educação feminina tradicional estaria mais voltada para o desenvolvimento da mulher enquanto esposa e para isso ela deveria ser bem instruída. Alves<sup>40</sup> expõe o pensamento do educador José Verissimo que afirmava que esses estudos destinados às mulheres seriam limitados aos conhecimentos essenciais, não sendo necessário o aprofundamento desses assuntos. Quando se refere aos conhecimentos essenciais, são eles voltados para as prendas domésticas. As mulheres deveriam ter conhecimento em matérias como: a Matemática, a Física, a Química e as Ciências Naturais, a Geografia e a História, a Educação Artística (“...tão completa e elevada quanto fosse possível...”), a Educação Física e a Língua e a Literatura nacionais. José Verissimo conclui que o acesso a essas disciplinas deveria proporcionar as mulheres o conhecimento da sua língua e para que tenham discernimento e possam se expressar simples, sem as afetações literárias das letradas. Para tanto o educador para justificar o seu pensamento conclui que a mulher possuía inteligência inferior ao do homem, não sendo capaz de se especializar nessas questões.

Com as mudanças que estavam ocorrendo na cidade do Recife, os costumes familiares sofreram modificações, assumindo o espaço da rua novas identidades. “É o espaço de fluxos e refluxos, da perda da identidade imóvel e doméstica, da diversidade de formas, dos encontros furtivos, da multiplicidade, da visível concorrência da rua entre homens e transportes” (OLIVEIRA, 2002, p. 41).

---

<sup>40</sup> *Ibidem*

As mudanças de comportamento estavam presentes nos jornais da época que veiculavam propagandas para a mulher moderna, mas ao mesmo tempo exaltavam o modelo tradicional familiar. Estes discursos eram destinados às mulheres das camadas médias que cuidavam dos afazeres domésticos, e ao mesmo tempo transitavam pelos espaços públicos seguindo um código de conduta. Os jornais eram responsáveis por produzir a imagem de modernização para os indivíduos. O cinema era um meio de introdução de novos costumes, o estilo americano era difundido como um modo de vida ideal. Sendo assim, a indústria cinematográfica reproduzia este modelo para os sujeitos.

Figura 1: Garotas Modernas



Fonte:Diário de Pernambuco<sup>41</sup>.

O filme apresentado na propaganda do Diário de Pernambuco intitulado “Garotas Modernas” apresenta esse novo modelo feminino, Oliveira (2002, p. 274) afirma:

A partir do início do século XX, as mulheres de elite começam a ganhar visibilidade pela incipiente indústria como uma consumidora em potencial das últimas novidades, recusando os modos de codificação preestabelecidos pela “cultura patriarcal” para construir outras formas de sensibilidade e novos modos de relação com o outro.

Há uma negação ao tradicionalismo por algumas esferas da sociedade que exaltavam o culto ao corpo, as roupas da moda e frequentavam os lugares ditos

<sup>41</sup>Diário de Pernambuco. Terça-feira, 6 de janeiro de 1931. Setor de Hemeroteca, APEJE.

“chiques” para a época. A imagem construída para a mulher, na década de 1930, era marcada pela ambiguidade em certos momentos como mulher moderna em outros como rainha do lar. A cerca disso, observa-se:

A melindrosa, mesmo modelizada por um padrão de referência estético, pode ser vista como o gênero que gesta novos desejos e afetos, mudando a sua relação com o corpo, cuidando de si e de sua aparência. Desconstruía a antiga representação da mulher ao mesmo tempo que escandalizava o articulista que, sem assinar o artigo, evoca a “feição tradicional” do lar, considerado o templo, o santuário da família, o ambiente em que os sentimentos mais ternos são cultivados e aprimorados. (OLIVEIRA, 2003, p. 277).

A ligação da mulher ao lar era sempre lembrada, mesmo que essas mulheres estivessem em outras funções sociais. Tanto que o acesso à educação para as mulheres era limitado, eram poucas as letradas que ocuparam lugares de destaque e puderam expor suas opiniões. Bertha Lutz nascida em família de intelectuais que tinham boa posição social chegou a ocupar um cargo público, um grande feito para a época. Defendeu a educação e profissionalização da mulher, sendo seu feminismo considerado de elite e bem-comportado (LOPES; SOMBRIO; SOUZA, 2005).

Já para as mulheres da classe pobre o acesso à educação básica era precário e os níveis educacionais superiores elas nem se quer chegavam a cursar. Sendo assim,

Nas primeiras décadas da República pouca coisa mudou quanto à educação da mulher e certas características foram perpetuadas, como seu baixo nível da educação, defendidos em nome das necessidades morais e sociais de preservação da família (SILVA; FILHO, p. 5).

A figura feminina estava diretamente ligada à construção da família, as mulheres além de procriarem estariam à frente da educação dos filhos. Os futuros filhos da pátria dependiam dos cuidados femininos para isso as mulheres deveriam receber uma educação adequada. No decorrer da República as filhas de famílias abastadas frequentavam escolas católicas que as educavam dentro dos limites estabelecidos tendo como propósito o casamento.

Através de um bom casamento as mulheres se realizariam enquanto figuras bem sucedidas da sociedade. Para a década de 1930, o casamento garantiria a sobrevivência da mulher, pois o homem era considerado o provedor, salvo em alguns casos a mulher iria trabalhar.

A segregação econômica estabelecia os lugares dessas mulheres, para as dos setores médios era até permissivo que exercessem atividades remuneradas, salvo para complementar a renda familiar, mas o lar era a sua prioridade. A alta sociedade se preocupava com o bom vestir e quais lugares deveriam frequentar, mas a sua responsabilidade seria zelar pelo bem estar do marido e filhos. Já as mulheres pobres, trabalhavam por necessidade, muitas vezes sendo arrimo de família.

## **1.2 Os novos lugares da mulher entre a crise do tradicionalismo e o avanço da modernidade**

As feministas conseguiam êxito em sua pressão no Congresso para que aprovasse o voto feminino. As inúmeras organizações católicas leigas, que então se multiplicavam, exigiam dos crentes que fossem fiéis às definições conservadoras de “família cristã” dadas pela Igreja (BESSE, 1999, p. 1).

Esse era um dos conflitos existentes em relação ao lugar da mulher que estava em meio à crise dos valores tradicionais e os novos costumes trazidos pela modernidade. Quando nos referimos a essa modernidade, sabemos que não foi um processo de caráter homogêneo, dessa maneira cada sujeito recepcionou esse processo de diferentes maneiras.

As feministas lutavam pelo direito ao voto, pois para elas a política era assunto de mulher e elas deveriam exercer sua cidadania através do sufrágio. Já as organizações católicas lutavam para manter a família tradicional e para isso as mulheres deveriam negar esses novos costumes que poderia ser a ruína de muitas famílias. “Os hábitos femininos são considerados dentro de um certo universo, onde se associam à beleza, à moda, ao amor, à sedução” (REZENDE, 1997, p. 68). Dessa forma esses hábitos afastariam a mulher do espaço privado e das atividades que eram consideradas “naturais” para as mulheres, as empurrando para o espaço da rua, local tido como impróprio. Em relação as mulheres modernas alguns juristas se queixavam do declínio da família e dos valores tradicionais e declaravam que a mulher moderna estava carente de virtude (CAULFIELD, 2000, p. 163).

As virtudes com as quais os juristas se referiam estavam ligados ao papel da mulher enquanto mãe, esposa e dona de casa. Por inúmeros motivos as mulheres tiveram que exercer outros papéis na sociedade. Algumas mulheres passaram a exercer uma atividade remunerada por necessidade, já outras que vinham de famílias abastadas também trabalhavam, pois queriam a emancipação através do seu próprio sustento.

O mundo do trabalho esta intrinsecamente ligado a educação, as mulheres que ocuparam posições de destaque durante 1930 tinham uma boa condição financeira que lhe proporcionasse essa condição. Edwiges de Sá Pereira, feminista atuante em Pernambuco traçou um perfil para as mulheres trabalhadoras: como nos apresenta Silva (2011, p. 48):

Está direcionado a uma nova concepção de ensino para as mulheres brasileiras, em que a poetisa estabelece três categorias no qual se enquadra à população feminina do país: a que não precisa trabalhar; a que precisa e sabe trabalhar; a que precisa e não sabe trabalhar. A autora define a situação da mulher diante às condições econômicas de cada classe para poder relacionar com o saber e a necessidade.

A mulher que não precisa trabalhar é oriunda de classe alta, já a mulher de classe média sabe e precisa trabalhar e a que precisa e não sabe trabalhar é a mulher pobre. Essa é uma realidade marcada pelas condições econômicas e sociais. A fala da poetisa reflete o preconceito em relação a classe social, pois na sua classificação ela engessa a capacidade das mulheres e liga diretamente a condição econômica.

Susan Besse (1999, p. 143) afirma que durante a década de 1910, as mulheres de classe média e alta se aliam a mão de obra assalariada por necessidades econômicas, demanda do setor de serviços e a realização profissional. O fato da mulher não trabalhar traria para ela a designação de ociosa. Algumas funções eram comuns as mulheres, como professora e enfermeira sendo o número de mulheres elevado para essas atividades. O exercício do magistério era considerado uma extensão do lar, pois as mulheres eram consideradas aptas para lidar com crianças. O índice de analfabetismo no Brasil era elevado, essa realidade não favorecia a República.

Nogueira e Schelbauer afirma que a inserção do magistério não ocorreu de maneira passiva, no final do século XIX muitas foram as reivindicações para que as mulheres ocupassem esse campo de trabalho. Ainda no final do século mencionado a

educação para as meninas ficava a cargo de instituições particulares. A sociedade legitimava esse papel coadjuvante da mulher, pois a educação seria uma das formas de acesso a conhecimentos considerados impróprios para a mentalidade feminina. Sendo assim:

As formas da educação na sociedade brasileira de fins do século XIX eram variadas, mas sobre essas várias formas um discurso imperava, o de que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, sendo priorizadas a formação moral e do caráter em detrimento da instrução. O acesso das mulheres ao ensino ainda era um campo restrito, embora já existissem intelectuais que apoiavam o ingresso das mulheres a educação, defendendo a ideia de instrução para formar as boas esposas e mães da nação, pois educar as meninas significava educar os homens da nação<sup>42</sup>.

Apesar do número de professoras crescerem ao longo do século XX, eram os homens que tomavam as decisões e ocupavam a direção dessas escolas. Essa divisão sexual dos papéis acompanhava essa relação trabalhista, Bourdieu (2010, p. 17) aponta: “A divisão entre os sexos estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas”. Essa divisão dos papéis tem como uma das finalidades a naturalização dos sujeitos e as mulheres eram o tempo todo lembradas que o seu lugar seria o espaço privado.

Gradativamente a mulher utilizou da docência para ocupar o espaço da rua, tido como impróprio a esse ser considerado como indefeso. A figura maternal era reforçada nesse ofício que necessitaria de pureza e amor, qualidades atribuídas ao sexo feminino.

Alguns conservadores da época não apoiavam essa saída da mulher a rua, pois essa seria a ruína da família burguesa. A mulher que edificava o lar sendo considerada o alicerce e o equilíbrio da família, tanto que durante a sua vida seria educada para exercer tal função. E com as mudanças da sociedade o papel da mulher diante da família gradativamente se modificaria.

A mulher pobre já exercia atividades remuneradas por necessidade há muito tempo e nesse início do século XX as mulheres das outras classes sociais também ocupavam essa posição de trabalhadoras. As fábricas têxteis empregavam muitas mulheres eram elas meninas, solteiras, viúvas, casadas dentre outras.

---

<sup>42</sup>*Ibidem*, p. 5.

Rosilene Alvim e José Sérgio Lopes realizaram um trabalho sobre trabalhadores (as) têxteis. Sérgio Leite se debruça sob a história da Fábrica de Tecidos Paulista em Pernambuco e nos apresenta algumas informações a respeito da mão de obra feminina. Havia uma escassez de mulheres para trabalhar na fábrica e as famílias inteiras eram recrutadas. O autor nos afirma que a fase de expansão da Companhia de Tecidos Paulista (CTP) foi de 1930 a 1950.

As moças mais ‘delicadas’ eram chamadas para trabalhar na tecelagem; as demais, na fiação. A companhia encontrava, assim, uma utilidade produtiva para a maioria dos membros das famílias recrutadas; os dois sexos encontravam-se representados mais ou menos em partes iguais tanto na população residente como na mão-de-obra empregada na fábrica. Esse equilíbrio estatístico não deve, entretanto, esconder a importância do trabalho das moças nos setores estratégicos da tecelagem e da fiação<sup>43</sup>. (ALVIM; LOPES, 1990, p. 6).

Para muitas mulheres o trabalho nas fábricas era passageiro, pois o casamento era tido como ideal: se tornar mãe, esposa e dona de casa. Como já foi apontando era esse o processo de naturalização que vinha sendo construindo para as mulheres. Alvim e Lopes nos alertam para a participação feminina que estava presente de maneira mais discreta que a participação masculina, devido ao barulho das máquinas havia uma linguagem codificada entre as operárias ou mesmo a rivalidade entre tecelãs e fiandeiras.

Nota-se que o trabalho para essas mulheres humildes não aparece como opção, mas como condição de sobrevivência. Uma onda de desemprego assola a Fábrica Paulista por volta de 1950, sendo assim muitos homens partem para o sul do Brasil e algumas mulheres permanecem em seus postos de emprego se tornando arrimo de família.

É sabido que o direito dos trabalhadores durante muito tempo foi relegado ao esquecimento, o que podemos dizer sobre o direito das trabalhadoras. As mulheres enfrentavam dificuldades ainda maiores, sendo em muitos casos exploradas no ambiente de trabalho. Em relação às vagas de trabalho destinadas a homens e mulheres tinha-se a ideia de que as mulheres iriam subtrair as vagas dos homens nos postos de trabalho.

Com o ingresso no universo fabril, deu-se a separação entre produção e família, e o trabalho feminino passou a ser mais

---

<sup>43</sup>*Ibidem*. p. 6

expressivo. Com a mulher ‘fora do lar’, questionou-se a compatibilidade da mesma, em ser mão de obra assalariada e a manutenção de sua feminilidade (no caso, sua função materna), aliada a possível competição com os homens por postos de trabalho (COSTA, 2010, p. 45).

As mulheres participaram ativamente nos movimentos reivindicatórios no interior da CTP, apesar da militância da maioria dos movimentos operários serem compostas por homens. Observa-se: “Durante os anos 30 e 40, as fiandeiras estiveram ao lado dos operários especializados da pré-fiação de onde provinha a maioria dos movimentos reivindicatórios e do desencadeamento de greves<sup>44</sup>”.

No interior dos próprios movimentos operários pregava-se o discurso de que o lugar da mulher seria em casa, devemos levar em consideração a cultura da época. O próprio Marx tratou da questão feminina de maneira periférica, seus escritos se dirigiam mais ao trabalhador e não a trabalhadora, já que a mão de obra feminina foi bastante utilizada nas fábricas na Inglaterra. Segundo Schmidt (1998, p. 1461):

Apesar deste arsenal de práticas e discursos, produzidos por membros das elites mas também por certos setores do movimento operário, que procuravam associar a mulher com os papéis de mãe-dona-de-casa restritos à esfera doméstica, é possível recuperar na documentação uma série de exemplos que evidenciam uma efetiva participação das mulheres em variadas manifestações do movimento operário.

A participação feminina em reivindicações dentro dos espaços fabris era mais comum do que imaginemos, foram encontradas notícias em jornais em décadas posteriores a 1930. Esses fatos são a prova de que mudanças em relação aos direitos trabalhistas femininos na realidade aconteceram de maneira gradativa. Percebe-se que há uma descrição das condições que viviam essas mulheres:

Uma ‘vida boa’ [...] Eis o quadro da ‘vida boa das tecelãs’ como dizem os seus reacionários patrões Baixos salários, deshumanas condições de trabalho, falta de assistência médico social. Mas as tecelãs não querem morrer de fome. Não se sujeitam à exploração dos patrões de lucros extraordinários e juntas com todos os operários têxteis, estão decididas a lutar na campanha pró aumento de salario de 60%, regularização do horário, pois se assim não o fizerem deixarão um dia de trabalhar, vitimadas pela fome e as doenças que rondam os lares operários<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> *Ibidem*.

<sup>45</sup> Como vivem e trabalham as tecelãs do Recife. **Jornal A Luta**. Arquivo Público Jordão Emerenciano - DOPS - PE. Recife, 29 de março de 1948, ano I, nº 10.

Muitas dessas mulheres tinham que sustentar a casa, pois seus maridos abandonavam o lar. A mulher pobre trabalhava pela necessidade de se sustentar, estando sujeitas a muitas degradações no ambiente de trabalho e eram “mal vistas” pela sociedade. A questão salarial é motivo de revolta pelas mulheres que exerciam o mesmo trabalho que o homem, mas ganhavam um salário inferior, questão tão presente atualmente. O *Jornal Movimento* apresenta uma matéria que comenta essa disparidade salarial:

O Conselho da Europa, enfim, acaba de recomendar a seus membros medidas visando a reduzir a desigualdade entre homens e mulheres no terreno, profissional e na vida familiar. No conjunto da comunidade europeia, 35 milhões de mulheres tem uma ocupação assalariada ou independente. Na força ativa total, elas representam de 35 a 40% na maioria dos países membros (cerca de 25 % somente nos Países Baixos, na Itália e na Irlanda). Nos serviços da Comunidade Econômica Européia, entretanto, as mulheres estão praticamente ausentes dos cargos superiores<sup>46</sup>.

Na Europa onde o movimento operário exercia uma militância incisiva, as dificuldades para a mulher no mercado de trabalho em muitos pontos eram as mesmas do Brasil. Ressalta-se que a luta das mulheres eram muitas, pois tinham que travar as relações de gênero no interior do próprio movimento operário e paralelo a isso defender os direitos de trabalhadora. Ainda assim tinha que enfrentar a sociedade que, a todo o momento, exigia da mulher uma postura moralizadora.

É importante ressaltar a luta das mulheres nos diferentes espaços de sociabilidade e o mundo do trabalho foi um deles. Durante a primeira metade do século XX os direitos trabalhistas foram gradativamente ganhando terreno e os direitos das mulheres trabalhadoras sendo regulamentados.

Durante os anos de 1917 e 1920, debates eram travados a respeito da regulamentação do trabalho feminino, sendo muitos políticos contrários à ideia da inserção feminina no mundo do trabalho, dificultando assim as medidas. Esse debate se estendeu, ora defendido por deputados que eram a favor dos direitos trabalhistas femininos, ora pelas sufragistas. Sendo regulamentadas, em 1930, as leis de proteção ao trabalho feminino:

Dentre as leis promulgadas durante a gestão Salgado Filho, esteve a da regulamentação do trabalho das mulheres, decreto nº 21.417-A,

---

<sup>46</sup> **Movimento** - Tribuna Internacional. A situação da Mulher Europeia: entre a frivolidade e a tempestade feminina. Recife, 28 de agosto de 1977. APEJE - Recife

de 17 de maio de 1932, considerada a mais importante medida sobre o trabalho feminino no período (VENANCIO, 2001, p. 194).

O discurso dominante na época como mencionado era aquele que legitimava o lar como sendo o lugar mais apropriado para as mulheres. Trabalhar era considerada uma função masculina, mas a partir do momento que o salário do homem não cobria todas as despesas as mulheres foram complementar o sustento. Desde que não negligenciasse a casa, o marido e os filhos. As trabalhadoras pertencentes as classes baixas sociais não tinham opção quanto o exercício da atividade laboral, já que necessitavam “ganhar o pão”.

A realidade destas mulheres seja nas relações sociais ou mesmo no ambiente de trabalho impunha às mesmas os dilemas do período em relação ao lugar e papel da mulher no interior das famílias. No caso das mulheres integralistas, o impacto da modernização é um dos temas centrais da proposta para a família integralista, conforme veremos no próximo item.

### **1.3 A Família: Santuário Integralista**

A família e a nação: tão grande é a importância que damos às classes produtoras e trabalhadoras, quanto a que damos à família. Ela é a base da felicidade na terra, das únicas venturas possíveis. [...] Nestas pequeninas coisas, tão suaves, tão simples: o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos (SALGADO, 1932, p.6).

Um dos discursos mais lembrados nas fileiras do integralismo era a importância da família, sendo considerada a instituição mais importante na sociedade. As mudanças sociais que estivessem ameaçando o lugar sagrado da família seriam consideradas como nocivas pelo movimento integralista.

A instituição familiar foi a base do movimento integralista, que atuou oficialmente entre os anos de 1932 e 1937. Plínio Salgado, líder do movimento, defendia que o Brasil era a grande família, formado de pequenas famílias que, juntas, constituíam a síntese do Estado Integral:

A *família* é a síntese do Estado, das classes, da Nação e da humanidade. Ela exprime, no seu pequeno mundo, os fenômenos do grande mundo. A grande família nacional vai buscar, no pequeno núcleo, o segredo de seus lineamentos e de sua estrutura, o princípio da solidariedade, a essência da autoridade, da harmonia dos movimentos e atitudes em que se conjugam as diferenciações dos temperamentos. É num copo de água que se sente a íntima natureza dos rios. Os coletivistas querem beber o rio inteiro e afogam-se. Ninguém pode sentir a humanidade sem experimentar o gosto amargo e doce da pequena humanidade, que é a família. Nesse pequeno mundo é que se sorve, até a última gota, o drama do mundo. Quem não compreendeu a família não compreendeu a humanidade<sup>47</sup>.

O sentido da família vai além do espaço privado, ela é a síntese do Estado, das classes, da Nação e vai além da humanidade. A família, para o movimento integralista, era o grande pilar social, a sustentabilidade para as instituições, pois os indivíduos estariam calcados nesse núcleo. As atitudes dos sujeitos deveriam estar pautadas nos bons ensinamentos das famílias, como o princípio da solidariedade, a essência da autoridade e atitudes que se conjugam às diferenciações dos temperamentos. E é nas relações sociais dentro do seio familiar que o indivíduo vai sentir o gosto amargo e doce da pequena humanidade que é a família. E Plínio Salgado ainda completa: “quem não compreendeu a família não compreendeu a humanidade”.

Na década de 1930, o pensamento de Plínio Salgado estava coerente e integrado com a concepção e o lugar da família tradicional que circulava na época. Concepção partilhada tanto pelo Código Civil de 1916 citado anteriormente, como pelo movimento integralista. Oliveira (2002, p. 30), em relação a esse modelo familiar aponta:

Circunscrevendo estreitos limites à função feminina, impedindo-a de realizar-se como sujeito, o Código Civil de 1916 vem, dessa maneira, reforçar o conceito de *família monogâmica* com ênfase no predomínio do homem, cuja finalidade primordial era a procriação dos filhos e a direção material e moral destes. Dando visibilidade a esse modelo familiar, esse código contribuiu para legitimar a imagem da mulher casta e que mantém uma fidelidade rigorosa ao marido, sendo tolerante com o seu companheiro, sujeitando-se a ele dentro de um espírito de submissão e obediência inquestionáveis.

---

<sup>47</sup>A *Offensiva*, 17.01.35, pág. 1, Ano II, N° 36.

Para Plínio Salgado, a situação política e econômica vivida nos anos 1930 se mostrava como fator de ameaça para os valores da família tradicional:

Salgado observa a dinamização econômica e política vivida pelo Brasil nos anos 1930 como sintomas da dissolução moral causada pelo materialismo. Plínio atesta a investida do liberalismo e do comunismo contra os valores morais tradicionais através da observação das várias lutas que se ensaiam na sociedade, em razão, conforme afirma o integralista, da expansão materialista contra Deus, a Pátria e a família (CAZETTA, 2011, p. 271).

Através desse discurso de que a família ocupava um lugar de centralidade, o integralismo se tornou cada vez mais popular em diversas cidades brasileiras. Na cidade do Recife, havia uma ala conservadora que lutava pela defesa da moral e dos bons costumes para a família brasileira.

Um dos grupos que mais discursava em torno do tema eram os intelectuais católicos, alguns deles também bacharéis em Direito, que, apoiando a reação católica à crise das tradições, defendiam valores semelhantes ao pensamento de Plínio Salgado, entre eles: Soriano de Sousa, Andrade Lima Filho, Antônio Vicente de Andrade Bezerra, Francisco Barreto Rodrigues Campello e Luiz Maria de Sousa Delgado. Membros da Faculdade de Direito do Recife foram as principais referências do pensamento conservador no Nordeste brasileiro (MOURA, 2010). O segundo deles, Andrade Lima Filho, chegou a ser o chefe provincial da AIB-PE.

No Recife, as relações entre os membros da “Casa de Tobias” e os indivíduos que defendiam o lema *Deus, Pátria e Família* eram intensas, como aqueles que compuseram o Diretório Acadêmico de 1932, que contou com vários militantes do integralismo, a exemplo de Andrade Lima Filho e Nilo Pereira (MOURA, 2010, p. 17).

Nilo Pereira foi um defensor dos valores da família, intelectual empenhado na manutenção da moral e dos bons costumes. Filho de família tradicional nascido na cidade de Ceará Mirim, esteve ligado às tradições e à família. Tanto que os seus escritos, na maioria das vezes, remetiam à vida em família, à religiosidade e ao passado sacralizado pela infância, como aponta Morais (2011). E seria pela condução dos intelectuais baseada no nacionalismo cristão e na valorização da família que a sociedade estaria no caminho correto:

Para Nilo Pereira, o nacionalismo cristão deveria ser a bandeira dos intelectuais comprometidos com o Brasil fundamentado na ordem social. A valorização da família era importante, pois se constituía na

instituição mais tradicional que se tinha na sociedade, sendo responsável pela perpetuação cultural e pela valorização da moral, fortalecendo assim os princípios políticos defendidos pelos letrados conservadores. Nessa perspectiva o nacionalismo levaria o país à emancipação completa, a verdadeira liberdade política que apenas seria possível com um Estado cristão, pois, assim, a desordem seria combatida intensamente (MOURA, 2010, p. 84).

Outros grupos católicos também compactuavam com a concepção de constituição política da Nação com base na estrutura familiar. Grupos como a Liga Eleitoral Católica Feminina, Cruzada das Educadoras Católicas utilizavam de um discurso conservador se auto intitulado mulheres defensoras da educação e da Pátria (ALMEIDA, 2001).

O programa defendido pela LEC e que os candidatos eleitos para a assembleia constituinte deveriam defender era composto, resumidamente, pelos seguintes itens: promulgação da Constituição em nome de Deus; defesa da indissolubilidade do laço matrimonial, com a assistência às famílias numerosas; e reconhecimento dos efeitos civis ao casamento religioso (PRIMOLAN, 2007, p. 3).

Iranilson Buriti de Oliveira, na sua tese de Doutorado, analisa a construção dos conceitos de *família* na década de 1920 e 1930 na cidade do Recife. A cidade é dinâmica, e o conceito de *moderno* e *tradicional* é utilizado para discutir as mudanças sociais que os indivíduos presenciam e são parte e ao mesmo tempo sujeitos.

Ser moderno envolve uma série de compreensões, de dilemas, de confrontos com o dito tradicional, desde a possível perda das raízes culturais e do passado histórico até a aceitação de que é indispensável superar o atraso histórico (OLIVEIRA, 2002, p. 21).

A questão do ser moderno estava intimamente ligado aos hábitos, como as vestimentas e os locais frequentados, dando assim aos sujeitos um “ar cosmopolita”, fazendo uma ligação ao grandes centros urbanos. Oliveira afirma que essas mudanças vão segregar ainda mais os espaços “[...] estabelecendo uma linha divisória entre pobreza e cultura e instituindo uma disciplina pelo ‘impedimento’, que segrega através de meios invisíveis<sup>48</sup>”. Já o tradicional está ligado à manutenção das tradições e ao passado, que deve ser preservado e perpassado para as futuras gerações.

Nesse regionalismo, as construções imagético-discursivas jogam com imagens entre o mundo tradicional e o civilizado, o rural e o

---

<sup>48</sup> Ibid, p. 49.

citadino, entre a espacialidade natural e a artificial, entre o espaço da memória e o espaço da história. Esse discurso participa de um mesmo padrão de visibilidade, de olhar as transformações históricas que dilaceram as territorialidades tradicionais, principalmente o engenho, visto como o centro da história do Brasil<sup>49</sup>.

Também a AIB discutia o avanço da modernidade e seus impactos na tradição familiar; dessa maneira, os acontecimentos e as possíveis mudanças sociais estariam voltados diretamente à constituição familiar. Geraldo afirma:

Salgado traça a ameaça à família como ameaça à Pátria e, inversamente, a ameaça à Pátria como ameaça à família, uma vez que ambas são associadas e que a nação (aqui como sinônimo de território nacional) aparece como o lar da família nacional (GERALDO, 2001, p. 52).

As mudanças que eram exaltadas na sociedade, como a quebra dos costumes tradicionais, não agradavam a Plínio Salgado, chefe nacional do movimento integralista. Ele afirmava que:

Condenam a família como o ponto inicial da involução feminina e afirmam ter a sociedade precedido a família, não passando esta de mero instrumento de escravização, posterior à comunidade social. Pintam a família cristã como cristalização de violências milenares, que constroem a mulher a uma situação subalterna e descrevem a Idade Média como um período de obscurantismo que relegou definitivamente a companheira do homem ao mais completo alheamento de tudo o que não concerne aos limites fechados do lar (SALGADO, 1947, p.39-40).

Esse ponto ao qual Salgado se refere está atrelado ao debate da época, que afirmava que o casamento era considerado como uma prisão para algumas mulheres. Mas não podemos generalizar afirmando que todos os casamentos eram prisões, muitas mulheres exaltavam a função de mãe, esposa e dona de casa. Dona Lenira, entrevistada pela historiadora Giselda Brito Silva, apontou que a situação do desequilíbrio familiar se deve ao fato de a mulher ter entrado para o mercado de trabalho.

Limitadas, como? Por serem dependentes em todos os sentidos. Não, a gente não pensava isso. A gente se sentia protegida pelo marido, e isso bastava. Havia muito respeito. Cuidar da casa e dos filhos era o que a gente queria, a gente era feliz... Eu respeitava meu marido, e

---

<sup>49</sup> Ibid, p. 102-103.

ele me respeitava. A mulher hoje trabalha dentro e fora de casa e não cuida bem da família porque não tem tempo; nem cuida do marido, nem dos filhos, que não recebem mais uma boa educação como no nosso tempo... Hoje o casamento não existe, e tem muito desrespeito da mulher com o marido. Há até casos de mulher que enfrenta o marido e de filho que enfrenta os pais... Eu nunca vi disso naquele tempo, nunca vi mamãe gritando com papai e eu nunca gritei com meu marido... Isso a gente não fazia... E o casamento durava até a morte de um dos dois (SALES, Lenira. Entrevista concedida a SILVA, 2003, p. 172).

Na década de 1930, muitas mulheres concebiam esse lugar como sendo o adequado, além de haver um forte apelo tradicional para que a mulher zelasse pelo lar. Quando nos referimos a essa questão matrimonial, estamos tomando como base as famílias das camadas média e alta urbanas. Tanto que “[...] a ‘crise’ das famílias pobres não foi descoberta pelas mulheres pobres, mas pelos homens da burguesia, que se preocupavam com as baixas taxas de nupcialidade entre os pobres e com a instabilidade das famílias pobres” (BESSE, 1999, p. 42). Entre as pessoas de baixa renda havia mais uniões consensuais devido às despesas que envolvia um casamento. Mesmo que valorizassem o casamento legal e a moralidade dominante, a realização de um casamento religioso ou civil solicitava investimento financeiro.

Toda essa construção social familiar acabou que cada vez mais naturalizou os papéis de homens e mulheres.

Por muito tempo, ao longo da história do Brasil, os valores patriarcais, que remontam ao período colonial, foram referência quando o assunto é família: pressupunham a ideia de submissão de todos (parentes e/ou dependentes) que estivessem sob o poder do pater famílias. Na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel (SCOTT, 2012, p. 15).

E Scott comenta que, com o advento da República, um novo modelo de família começa a surgir, exigindo assim uma “nova mulher”, que seria a mãe dedicada que estaria à disposição para os cuidados e da educação dos filhos, dispensando assim a ama de leite e sendo responsável pela formação moral da prole. A mulher estaria desobrigada de qualquer trabalho “produtivo” se dedicando aos cuidados com o lar. Quanto aos modelos familiares, não havia uma homogeneidade, pois haviam outros arranjos de família na época.

O casamento era uma instituição cheia de conflitos, e a sociedade da época tinha receios quanto ao futuro das famílias<sup>50</sup>. O movimento integralista defendia um discurso em que a família era a célula sagrada da Nação. Dessa maneira, para que o indivíduo pudesse ter sucesso, as bases familiares deveriam estar muito bem fincadas nos valores cristãos.

Como o integralismo entende a Família? A Família é a projeção do próprio indivíduo; é defendido pelos limites da Família, que o homem evita sua queda no abismo colectivista. Enquanto existir a Família, o indivíduo encontra a sua liberdade garantida contra os excessos do sentido colectivista da existência<sup>51</sup>.

Para o movimento integralista, o indivíduo seria o espelho da sua família e essa instituição seria responsável pela edificação do caráter e da moral. Já a mulher era considerada como aquela que vai cuidar e instruir a sua família, ao lado do marido ela seria a peça fundamental do sucesso da pátria. Esses valores estavam presentes tanto no movimento quanto na sociedade.

O valor da família era algo muito presente em muitas regiões brasileiras e principalmente no Nordeste. A força da tradição e dos clãs parentais acaba instituindo uma espécie de código para determinados grupos sociais. Dessa maneira, a formação nacional apresentou uma base familiar. Teruya (2000, p. 6) afirma que “[...] muitas histórias de municípios ou regiões foram contadas a partir da história destas famílias”. Era baseado nesse poderio local que muitos núcleos integralistas precisavam da autorização das famílias locais para que pudessem exercer suas funções. Acerca desse fato, Giselda Silva afirma:

No interior do Estado, as dificuldades para se instalar um núcleo eram bem maiores. Em grande parte das cidades, onde foram instalados núcleos integralistas, a quantidade de adeptos era pequena em relação aos núcleos da capital, porque muitos temiam envolver-se num projeto político que não tivesse o apoio local, especialmente os economicamente dependentes (SILVA, 1996, p. 46).

O apoio dessas famílias locais era imprescindível para o sucesso das ideias integralistas, pois os cidadãos eram convidados a comparecer aos núcleos e ter

---

<sup>50</sup> VER: CASAMENTO: Instituição deformada e desmoralizada. In: BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914–1940). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. pp.41–62.

<sup>51</sup> Acção Integralista Brasileira. Cartilha do Integralista. **Prontuário Funcional N° 1066-B**. DOPS – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

conhecimento do que era a AIB. O jornal *O Reporter*, filiado à Ação Integralista Brasileira da cidade de Barreiros, cidade do interior de Pernambuco e que possuía núcleo integralista, noticiou o seguinte fato:

#### Ação Integralista

Realizou, a <<Entrada Jayme Guimarães>> no salão do <<Cine São João>> nesta cidade, no dia 23, às 19 horas, vibrante conferência, em meio entusiasmo da família barreirense. Lamentamos os apartes e sem fundamento proferidos pelos que, ignorando por completo a aspiração sadia deste partido<sup>52</sup> que ora domina o Brasil no sentido único de salvá-lo das garras judaicas que ameaça no seu nefasto programa, a dissolução da família brasileira e de sua religião<sup>53</sup>.

Os jornais locais também noticiavam vários fatos que ocorriam nos núcleos e também registravam os acontecimentos desses encontros. O movimento integralista investiu maciçamente em propagar as ideias em que acreditava que estariam pautadas em Deus, na Pátria e na família. E esses discursos, muitas vezes, se repetiam como maneira de inculcar no militante a doutrina do movimento.

O *Sigma-Jornais Reunidos*, um grande *consórcio jornalístico* criado em 1935 subordinado à Secretaria Nacional de Propaganda, *devidamente autorizado pela chefia nacional*, compreendia um conjunto de 88 jornais em circulação em todo o território nacional” (CAVALARI, 1999, p. 84). Com essa vasta quantidade de meios de comunicação a mesma mensagem circulava por todo o Brasil.

Em relação a essa organização interna, o que nos chama a atenção é a maneira como as informações eram unificadas e circulavam por todo o território nacional. Segundo Bulhões, o chefe do Departamento Nacional de Propaganda e redator do jornal *A Offensiva*, José Madeira de Freitas, buscou convencer o leitor do maciço investimento em propaganda. Dessa maneira:

A repetição e a grande quantidade de “sessões doutrinárias” organizadas pelos núcleos no País — o autor informa que semanalmente organizavam duas sessões — apontam para uma

---

<sup>52</sup> A Ação Integralista Brasileira, a partir do *II Congresso Integralista*, realizado na cidade de Petrópolis em 1935, torna-se partido político, sendo aprovado pela Justiça Eleitoral em 1937. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932–1937). Bauru, SP: Edusc, 1999.

<sup>53</sup> Jornal *O Reporter*. Pernambuco. Barreiros, 28 de julho de 1935. Jornal Independente e Noticioso — Filiado à AI do Interior. **Prontuário Funcional Nº 1066 B**. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social

característica da propaganda do movimento repetir sistematicamente sua doutrina buscando o convencimento (BULHÕES, 2007, p. 22).

O livro veiculava as ideias produzidas pelos teóricos e o jornal as popularizava. Através do jornal, a doutrina se mantinha viva para o integralista. (CAVALARI, 1999, p. 79). Os jornais das cidades do interior eram organizados de modo que as ideias fossem reproduções dos jornais existentes nos grandes centros urbanos. Poucos faziam menção a assuntos locais. E quando havia, por exemplo, a discussão e análise de assuntos “domésticos” eram feitas baseadas na doutrina integralista.

Na obra *O que o integralista deve saber*, escrita por Gustavo Barroso<sup>54</sup>, a família é tida como a base de sustentação do homem, dessa maneira: “Tirem a família ao homem e fica o animal; faça dele a peça funcionando no Estado e teremos o autômato, infeliz, rebaixado de sua condição superior” (BARROSO, 1935, p. 29). A única condição que o homem teria de obter algum sucesso e equilíbrio seria baseado no modelo tradicional familiar, segundo Barroso. Em outra passagem, há a afirmação de que o Estado deve se manter forte para manter o homem íntegro e sua família.

Pois a família é que crê as virtudes que consolidam o Estado. A liberdade moral da família é o sustentáculo da liberdade e da força do Estado. O Estado mesmo é uma grande família, um conjunto de famílias. Com esse caráter é que ele tem autoridade para traçar rumos à Nação. Baseado no direito da família é que o Estado tem o direito de realizar a justiça social, representando as classes produtoras<sup>55</sup>.

Quando se fala no Estado, entende-se como um modelo baseado nos moldes integralistas, sem nenhum tipo de divisão, assumindo um caráter centralizador. E, para que houvesse essa concepção de Estado forte, a família deveria fazer parte de toda essa composição social. Na obra de Barroso citada anteriormente acerca do Estado Integralista, encontramos a seguinte consideração:

Pretendemos realizar o Estado Integralista, livre de todo e qualquer princípio da divisão: partidos políticos; estadulismos em luta pela hegemonia; lutas de classes; facções locais; caudilhismos; economia desorganizada; antagonismos de militares e civis; antagonismos entre policiais estaduais e o Exército; entre o governo e o povo; entre o governo e os intelectuais; entre êstes e a massa popular<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> Jornalista e escritor membro da Academia Brasileira de Letras, criador e primeiro diretor do Museu Histórico Nacional e dirigente que ocupou diversos cargos integralistas (BULHÕES, 2007, p. 117)

<sup>55</sup> Ibid, p. 30.

<sup>56</sup> Ibid, p. 32.

Em relação à essa divisão, não seria saudável que estivesse presente no seio da família, já que o movimento criticava a questão da divisão afirmando que esse ponto poderia levar a sociedade à ruína. E, segundo o movimento integralista, o sucesso da sociedade dependia do empenho de todos os membros da família.

#### BRASILEIROS

Hoje, ao saíres de casa, contempla o teu filhinho, que se aconchega ao regaço da sua companheira. Tú ella e elle formam a família, cellula sagrada da Patria. Pois bem, forças visíveis tomam a dissolução do teu lar e o esphacelamento de tua Patria.

A dictadura do terror te escravizará, se escapares à sanha dos sicários. Só uma esperança te resta; congrega-te em torno da bandeira da Patria, com ou sem camisa verde, mas disposto a varrer de nossa terra os assalariados de Moscou e seus cúmplices nas conjurações contra a ordem. Nós, Integralistas, seremos a tua vanguarda no campo da luta e os defensores da tua família na ante camara do teu lar. Somos 1.000.000 (um milhão) pelo número; somos a nação inteira pelo pensamento, pela vontade e pela força<sup>57</sup>.

A família é considerada como sendo sagrada e segundo o movimento integralista, ela está ameaçada. O movimento se apresenta como a única salvação diante do contexto apresentado. Os membros da família eram constantemente convocados a “arregaçar as mangas” e serem mais um a engrossar as fileiras do movimento integralista. Combater os novos costumes que estavam modificando os hábitos de homens e mulheres era uma das missões para manter a tradicionalidade familiar. Dessa maneira a sociedade conservadora também partilhava desses pensamentos:

Conjugaram-se esforços para disciplinar toda e qualquer iniciativa que pudesse ser interpretada como ameaçadora à ordem familiar, tida como o mais importante “suporte do Estado” e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da “modernidade” (MALUF; MOTT, 1998, p.372).

Sendo assim, os jornais e as revistas integralistas publicavam fotografias de famílias uniformizadas com as blusas e camisas verdes nos seus lares, nos núcleos ou então próximos às suas residências. Era uma maneira de manter uma imagem de movimento da família e para a família.

---

<sup>57</sup>Pelo bem do Brasil – Anauê – Bezerras, 10 – 3 – 36 (Prontuário Funcional Nº 1066 B. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social).

**Figura 2** – Lares integralistas.



Fonte: Revista *Anauê!*, outubro de 1937.

Na foto acima, da revista *Anauê*, que era essencialmente integralista, e que retratava os acontecimentos ligados ao movimento e principalmente a vida dos adeptos do Sigma<sup>58</sup>. Em muitos desses veículos informativos, eram apresentadas ações como a construção de hospitais, inauguração de escolas, distribuição de comidas, inauguração de lactários aos pobres e tudo que estivesse ligado ao Integralismo.

A utilização de fotografias pelo movimento integralista estava repleta de intenções. Através de revistas, jornais e tantos meios de circulação queria-se

---

<sup>58</sup> Como o próprio símbolo escolhido, o sigma ( $\Sigma$  somatório) para os integralistas, o movimento representaria a soma e integralização de esforços, de sentimentos, de pensamentos, ao mesmo tempo de interesses e de ideais. CARNEIRO, Márcia Regina da Silva. A contribuição de Plínio Salgado e Miguel Reale para a construção de um projeto de Estado-nação. **Usos do Passado** – XII Encontro Nacional de História. Anpuh – RJ, 2006.

construir, no imaginário dos integralistas ou não, uma imagem de movimento de família. Em relação ao uso da fotografia, Fabiana Bruce da Silva afirma:

É no tempo histórico, quando a fotografia parece ser mais documento do que quando foi produzida, que ela se apresenta como fonte do saber intelectual e artístico, como produto cultural e é também quando, para muitos historiadores, emerge a agravante técnica que possibilita distinções (SILVA, 2005, p. 21).

As fotografias são fontes que expressam a cultura pela qual foi produzida e, no caso do movimento integralista, tinham como pretensões construir imagens que apresentassem a intencionalidade de integridade, honradez e segurança para aqueles que as analisam.

Essa imagem mostra a família do Sr. Nelson, do Estado da Bahia. Como na maior parte das fotografias dos militantes, a família aparece com essa postura de braços cruzados e com um semblante sério. A maneira como olhamos para a foto pode nos passar muitas mensagens que podem estar ligadas ao lugar de onde fala, ao que se fala e à mensagem que se deseja passar para o observador.

Um ponto que nos chama atenção é que o homem e a mulher estão no mesmo patamar, sentados. De maneira simbólica, isso nos demonstra uma mudança de paradigmas: os dois estão no mesmo nível, o que remete ao que Plínio Salgado (1947) afirmou que a mulher não é nem superior nem inferior ao homem, mas diferente. Em algum momento houve a mudança em relação a participação feminina, pois se a ideia seria ser um movimento de família, a mulher deveria ocupar um lugar de destaque. Tanto que essas mulheres em muitos momentos em que o movimento integralista esteve ativo foram peças fundamentais para cooptar novas militantes.

Tatiana Bulhões (2007) realizou um trabalho de análise das fotografias do movimento integralista no Rio de Janeiro. Foi feito o uso de alguns periódicos integralistas, e destacamos a observação da historiadora para a revista *Anauê!*.

Ela afirma que a revista *Anauê!* estava inserida no mercado das revistas ilustradas, dessa maneira estava carregada de fotografias. A diferença entre a *Anauê!* e as outras revistas era a cobertura da vida social dos dirigentes e militantes integralistas. Semelhante a um álbum de fotografias, a revista trazia, nas suas páginas, fotografias pousadas de integralistas em diversas ocasiões. E Bulhões (2007, p.70) completa “a impressão que se tem, na leitura desta, é que no movimento o espaço

público (os eventos, núcleos) misturava-se ao privado (as casas e vidas cotidianas) dos militantes”.

**Figura 3** – Aniversário do pliniano Milton de Souza Carvalho Netto.



Fonte: Revista *Anauê!*, outubro de 1937.

Essa imagem é referente ao aniversário do pliniano Milton de Souza Carvalho Netto, na legenda não informa a cidade a qual pertence à família. Em alusão a Plínio Salgado, as crianças e os jovens de até 15 anos de idade eram chamados de Plinianos. Percebemos nesta fotografia uma constatação feita acima pela autora, acerca dos espaços públicos e privados que ambos acabavam se misturando. Não se sabia onde começava um e terminava o outro, tanto que o tema da festa da criança é o movimento integralista. Na mesa, estavam os soldados da Pátria, a maioria das crianças com um chapéu verde e com a mão levantada, que era a saudação integralista que significava *Anauê*<sup>59</sup>.

Dessa maneira percebemos o quanto de sentido carrega as imagens e Silva apresenta uma interessante consideração acerca do olhar fotográfico:

Nesse sentido, estamos num limiar, em momentos intermediários, discutindo alguns dilemas entre a percepção e a compreensão do ato

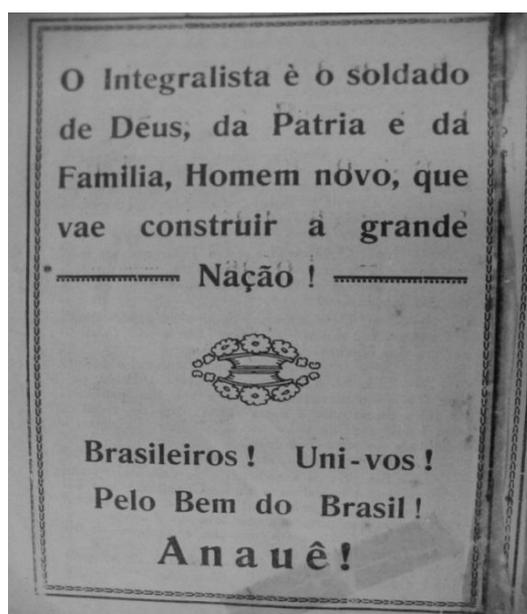
<sup>59</sup> Significa, em tupi: *Você é meu irmão*. Os integralistas cumprimentam-se erguendo o braço direito e pronunciando a palavra *Anauê!*, que, repetida três vezes, é a saudação ao chefe nacional, e duas, aos secretários nacionais, ao comandante nacional e a chefes provinciais (Cf. BARROSO, 1935).

fotográfico, entendendo que quem faz a fotografia é o fotógrafo, com seu lastro cultural; num segundo momento, ela é feita entre observadores, que podem ou não ser fotógrafos; e, num terceiro momento, é feita pela percepção do historiador, que costura a história, selecionando fotografias e textos contíguos, adicionando-lhes sentidos (SILVA, 2005, p. 22).

Cada personagem elege um sentido e uma interpretação ao analisar uma fotografia, o contexto da época nos diz muita coisa quando entramos em contato com aquela representação. Eram dessas cenas do cotidiano familiar que abrangem festas, casamentos, enterros, desfiles, etc. que o movimento integralista fabricava a cultura tão engendrada nos moldes de Deus, da Pátria e da Família. Os laços que as famílias amarravam junto ao movimento perpassavam as reuniões, que eram realizadas nos núcleos provinciais ou distritais. Os núcleos eram as sedes do movimento integralista, que foram instaladas nas capitais sendo denominadas de *províncias* e nas cidades do interior e nos bairros eram chamados de *distritais*.

O integralista deveria ser um militante em todos os lugares. O seu lar e as demais festividades deveriam acompanhar a sua escolha. Tanto que eram realizados casamentos, batizados, aniversários, funerais seguindo os rituais integralistas. A realidade vivenciada pela AIB e que era veiculada nos meios de comunicação existentes, era a de que, os militantes sentissem no integralismo uma extensão da sua família.

**Figura 4** – Cartilha do Pliniano. Província de São Paulo, Núcleo de Rio Claro.



Fonte: Revista *Anauê!*, outubro de 1937.

Para Plínio Salgado, a família cria as virtudes que consolidam o Estado; dessa maneira, o Estado é uma grande família, um conjunto de famílias. “Baseado no Direito da Família é que o Estado tem o dever de realizar a justiça social, representando as classes produtoras” (SALGADO, 1932). As tantas maneiras que as doutrinas integralistas foram elaboradas carregavam a elaboração de um sentido moral e civilizador para a família.

O seio familiar deveria estar pautado em Deus, na constante renovação da fé, no amor à Pátria, pois o movimento constantemente lançava publicações exaltando os heróis e símbolos nacionais e a manutenção da família tradicional. Esse lugar de tradicionalidade vai eleger a rua para os homens, que têm por obrigação sustentar sua família. Para as mulheres, esse lugar ideal vai ser o lar e, mesmo que ela venha a ocupar outras funções, a sua maior missão seria ser uma boa mãe e esposa. Dessa maneira, as bases da sociedade estariam bem fincadas e no caminho de um projeto político integralista.

Um dos motivos da popularidade do movimento integralista foi a maneira como foi construída a sua mensagem. A sociedade em 1930 se encontrava em meio a mudanças. Modificações que agradava a uns e que era combatida por outros. Ao apostar na tríade de Deus, Pátria e Família, elementos tão exaltados pelos conservadores, o movimento integralista atraiu olhares. A religiosidade era muito presente e predominante entre as famílias, a exaltação dos elementos da pátria e a manutenção da família somavam ingredientes de sucesso. Dessa maneira quatro elementos estariam garantidos nas fileiras integralistas: a mulher, o homem, as crianças e os jovens. A participação feminina cresceu desde 1932 e as mulheres são utilizadas como exemplos da moral e honradez e sendo assim convenciam outras mulheres a se juntar a causa integralista.

## SEGUNDO CAPÍTULO

### A INSERÇÃO DA MULHER NA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

#### 2.1 O lugar da mulher no movimento integralista

Para a mulher que estava presente na década de 1930, três papéis eram cruciais para ela: mãe, esposa e dona de casa. Na maioria das vezes quando o movimento integralista mencionava a mulher, o lugar que lhe cabia era nesse papel tradicional. Geralmente estava imersa no contexto familiar e acompanhada de um homem seja ele marido ou parente. “Hoje ao saíres de casa, contempla o teu filhinho, que se aconchega ao regaço de tua companheira. Tú e ella e ele formam a família, célula sagrada da Patria<sup>60</sup>.” A exemplo do que pôde ser visto, a mulher é considerada a grande mantenedora da família, aquela que vai preservar a moral e reproduzir os princípios cristãos, ajudando o movimento integralista a desenhar o novo modelo de nação.

O povo era considerado como um *povo-criança* (SALGADO, 1935 apud CAVALARI, 1999 p. 43) e cabia às elites intelectuais guiar e conduzir esse povo, que era considerado como presa fácil de políticos desonestos.

Exercemos junto às classes proletárias uma propaganda das boas idéias salutaras, que ensinam aos que soffrem que o caminho da sua salvação não está no communismo<sup>61</sup>, que lhe destróe a liberdade religiosa, o culto da Família, e o nobre orgulho da Patria;

---

<sup>60</sup>Prontuário Funcional Nº 1066 – B. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

<sup>61</sup>“Em Pernambuco, essa vinculação do movimento com valores morais e religiosos se constituiu num fator importante para o sucesso da Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (AIB/PE). Não devemos esquecer que a sociedade pernambucana dos anos 30 foi marcada pelo medo do avanço das idéias comunistas, consideradas ateístas, na qual a propaganda integralista teve grande respaldo entre os indivíduos católicos”. SILVA, Giselda Brito. **A lógica da Suspeição contra a força do Sigma:** discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco/CFCH, 2002.

mostramos, dia a dia, hora a hora às massas populares que o de que precisamos é de autoridade nacional no mais amplo e profundo sentido, a fim de que haja deveres de governantes e governados, senso ethico de governo, distribuição da justiça, cooperação de todos, harmonia social e equilíbrio de todas as efficiencias no vasto plano da produção: por consequência pregando essa doutrina estamos com o Brasil<sup>62</sup>.

Para o movimento integralista as massas populares precisavam de um direcionamento em busca de um caminho da salvação, ou seja, o povo deveria ser salvo e conduzido ao caminho correto. O povo deveria ser alvo da chamada Revolução do Espírito. Essa revolução seria o equilíbrio entre o material e o espiritual, de modo que o indivíduo deveria tomar cuidado com o materialismo, pois segundo Plínio Salgado seria considerado como a ruína da sociedade.

Essa revolução viria do interior “porque Plínio acreditava que o homem poderia realmente agir no mundo exterior, dominado pelas leis da natureza, pela força jovem de seu interior” (SCHMIDT, 2008, p. 77). O militante integralista deveria está imbuído de virtudes cristãs. E para as mulheres, também chamadas de mulher integral, essas virtudes seriam ainda mais enfatizadas. Quando o movimento integralista fala da mulher integral<sup>63</sup> seria a mulher que estivesse de acordo com as virtudes que a AIB elegeria como adequadas para o público feminino. Que seria a mulher que prezasse acima de tudo pela família e que considerasse esse lugar como algo “natural” e construído para ela habitar em conjunto com o seu companheiro.

A mulher tinha acesso limitado à educação, com mera finalidade de torna-la uma melhor mãe e esposa, capacitada para os afazeres domésticos, enfatizando qual o lugar que a mulher deveria assumir na sociedade. O que deveria fazer a mulher para incorporar o espírito cristã<sup>64</sup>? “Ela deveria combater todas as formas de materialismo, a decadência dos costumes, combater a ostentação e o luxo que estão accedendo a colera das massas operarias”.

---

<sup>62</sup> SALGADO, Plínio. “Com quem estamos. A sucessão presidencial”. Secretaria Nacional de Propaganda. **Prontuário Funcional Nº 1066 – B**. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

<sup>63</sup> VER: SALGADO, Plínio. **A mulher no século XX**. Livraria Tavares Martins, Porto, 1947.

<sup>64</sup> Schema das theses a serem desenvolvidas. Sobre o papel da mulher no movimento integralista. **Prontuário Funcional Nº 1066 – B**. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

Como dito anteriormente o papel que a mulher deveria desempenhar no movimento integralista estaria atrelado a moral e ao espírito cristão da década de 1930. Gilberto Freyre, vai ser um dos intelectuais que vai combater os novos costumes criticando principalmente o papel das mulheres.

Gilberto Freyre(1996) no seu Manifesto Regionalista no qual vai defender o Nordeste tradicional e combater os estrangeirismos vai comentar acerca do comportamento das moças. E as novas gerações de moças, “já não sabem entre nós, a não ser entre a gente mais modesta, fazer um doce ou um guisado tradicional e regional (FREYRE, 1996, p. 8)”. É feita uma crítica a esse novo modelo de mulheres que não está mais tão voltada para a cozinha. E ainda ressalta que as mulheres devem ter senso de devoção e de obrigação, tornando-se boas cristãs, e ao mesmo tempo boas quituteiras para que possam melhor criar seus filhos e concorrerem para a felicidade nacional.

Para que as mulheres pudessem contribuir na construção do Estado Integral deveriam estar principalmente voltadas para as funções do lar instruindo os filhos da pátria. E nesse modelo de Estado Integral a concepção espiritualista colocava as mulheres como educadoras dos futuros filhos da nação:

O projeto integralista delineou um Estado autoritário, corporativista e de natureza burocrático autoritária, sendo sua principal atribuição garantir a paz social. Salgado era defensor de ideias grandiloquentes, como a de fundar uma nova sociedade elaborada a partir de uma concepção espiritualista e orgânica, respaldada por um Estado forte e cristão (GONÇALVES; TANAGINO, 2012, p. 185).

Nesse novo modelo social as mulheres estavam no espaço da rua, envolvidas em obras assistencialistas, discursando sobre a situação da mulher na sociedade ou mesmo nas escolas integralistas na função de professora. Para a época as mulheres deveriam acompanhar seus maridos nas suas atividades, muitas ingressavam no movimento e nem sequer tinham conhecimento do que se tratava.

Houve a construção pelo movimento integralista do ideal de mulher como já fora mencionado. A “natureza feminina” elegia o espaço privado como sendo ideal, a mulher poderia por necessidade trabalhar, mas os cuidados com a família, o marido e os filhos não poderiam ser negligenciados. Mas havia uma abertura nas atividades

realizadas pelo movimento para que as mulheres ocupassem os espaços públicos. Devemos levar em consideração que o lugar de destaque que o integralismo dava a mulher pode ser considerado como uma inovação para a época. Eram mulheres que discursavam em espaços públicos, logicamente, falando do seu lugar de permissividade que era a defesa dos valores cristãos. Veremos mais adiante as atividades desempenhadas por elas nos núcleos integralistas.

A disposição feminina deveria ser utilizada na construção da nova nação, nos cuidados com o lar e não nos espaços públicos, essa foi uma ideia difundida pelo integralismo, mas que em momentos oportunos foi adaptada. Mas tendo por necessidade a mulher que trabalhar, não deveria esquecer-se das suas virtudes, a respeito disso Salgado (1947, p. 61) lembra: “É imperioso, porém, que ela se lembre de que – acima da profissional – ela é uma criatura de Deus e *é mulher*”. Nos escritos de Plínio Salgado notamos o peso do termo mulher para ele, que certas obrigações rondam esse gênero e de que elas ocupavam um lugar na sociedade. Não somente a sociedade como o movimento integralista foram forçados a digerir o fato das mulheres ocuparem os espaços públicos por necessidade. Para ambos a mulher que fosse trabalhar negligenciaria os cuidados com o lar, os filhos e a educação.

Carla Luciana Silva e Gilberto Grassi Calil (2000) através do uso da história oral colheram depoimentos de pessoas que fizeram parte da AIB. Com destaque para o depoimento de Emílio Otto Kaminski, ex-chefe provincial integralista, afirma que a mulher deveria ser proibida de trabalhar, o lugar da mulher seria em casa cuidando do marido e dos filhos para sobrar mais empregos para os homens. Tais discursos eram partilhados pela sociedade conservadora da época, como apresenta Ana Alves:

O movimento operário (movimentos revolucionários e socialistas do século XIX e primórdios do século XX) respaldava a imagem do casamento e da família como a carreira principal da mulher; brigava pela profissão e o salário do homem, tanto foi assim, que a tendência era lutar pelo cálculo do salário mínimo (2011, p. 182).

A historiadora Márcia Carneiro teve como entrevistada a sua avó Maria que foi uma militante integralista. João, seu marido simpatizou das ideias integralistas, tendo contato com jornais e revistas. A mulher se tornou chefe municipal e ele chefe distrital. Maria afirma que a princípio ingressou e abraçou as ideias, porque foi opção do marido.

Ao engajar-se, Maria o fez, a princípio, aderindo à opção do marido. Quando perguntada sobre a primeira lembrança que tinha de seu engajamento na militância respondeu que “entrara na política” influenciada pelo marido: “A política? Porque meu marido entrou. Ele entrou e levou a corrente toda. Meu marido era muito metido a político”. O engajamento no quadro da AIB foi feito através do esposo: “Através dele. Ele que veio, e trouxe o fotógrafo, para que eu tirasse a fotografia para me pôr lá. Tirou minha fotografia, aí que mandei fazer o uniforme.” Mas Maria, não somente aderiu ao movimento, mas tornou-se Chefe distrital, o que implicava aceitação do restante dos componentes do núcleo sob sua responsabilidade (CARNEIRO, 1998, p. 3).

Mais adiante a respeito dessa relação do movimento com a família, “O marido também conversava diariamente com a esposa e os filhos sobre o Integralismo. Nas conversas familiares, a doutrina era ensinada a todos<sup>65</sup>”. Além de haver os núcleos onde os/as militantes se encontravam para debater as ideias e tomar decisões. No caso dessa família houve um engajamento de todos os membros, quem primeiro tomou a decisão de fazer parte do integralismo foi o homem, em seguida, a mulher que ingressou e passou a fazer parte de diversas atividades. Entre elas a alfabetização:

Maria sentia-se útil e participante do projeto de construção de um novo país:

“A gente organizava, sabe? Por exemplo, tinha reunião nessa sala. Quando era lá no meio da semana, a gente dava uma aula para quem quisesse, a gente matriculava uma porção de gente. Lizete deu aula para um velhinho de 64 anos e o velho ainda votou. Ele disse: ‘Maior ideal da minha vida era votar !’ (...) A gente passava a mão na pessoa, assim, que ia estudar. Para pegar na mão para ensinar escrever, a pessoa calejada, mas a gente pegava e ensinava. E não tinha esse negócio de escolher, porque aquele é preto não se ensina, que ele é amarelo, não se ensina, que é branco... Não senhora, todo mundo tinha o direito, desde que quisesse aprender, tinha os mesmos direitos<sup>66</sup>”.

Para muitas mulheres essa participação era tida como orgulho, pois queriam ser parte integrante de uma mudança que acreditavam. As mulheres eram ensinadas separadas dos homens e as mulheres que moravam com os companheiros sem serem casadas legalmente também ocupavam outro espaço. Na fala de Maria percebemos o quanto essa questão do casamento dentro dos moldes legais pesava para as mulheres:

---

<sup>65</sup> Ibid, p. 3.

<sup>66</sup> Idem.

Não, desde que a pessoa fosse honesta. Exigia-se que fosse honesta. Naquele tempo não existia essa bandalheira de hoje em dia, não. Procurava-se legalizar e selecionar: - Fulano, você não pode vir à aula tal dia não porque é só de pessoal decente, escolhido. Você vem tal dia assim que eu te ensino. Mas não ficava assim desprezado, não. Dizer que ele não ia aprender, não. Que ele ia aprender, mas separado daqueles, para não contaminar. Se a pessoa, por exemplo, Deus me livre e guarde, uma mulher, uma piranha, como dizem, a gente não ia misturar com as moças decentes, com família, não podia. A gente fazia tudo mais ou menos secreto. Falava: Fulano, olha, você sabe que você não é decente para estar no meio da família. Você faz isso, faz aquilo, faz aquilo outro, mas você vai aprender. Você vem tal dia que terá sua aula<sup>67</sup>.”

Essa normativa de vida familiar se destinava para as mulheres de camadas mais elevadas, com as quais eram educadas para o casamento. Em relação as mulheres das camadas mais baixas, mestiças, negras ou mesmo brancas, viviam menos protegidas e desenvolviam outro padrão de moralidade. Devido as dificuldades econômicas e de raça contrapunham-se ao ideal de castidade. E na fala de Maria percebemos o quanto a cultura dominante classificava e segregava essas mulheres (SOIHET, 2000, p.368).

Havia no seio do movimento integralista uma preocupação para que fosse repassada a ideia de um movimento de família. Dessa maneira houve uma segregação de mulheres para que não ocupassem o mesmo ambiente. Tanto que “uma mulher, uma piranha, como dizem, a gente não ia misturar com as moças decentes, com família, não podia” (CARNEIRO, 1998, p. 3). Estava atrelada a questão da moça decente em detrimento da não decente normativas que se faziam presentes no discurso da época tanto que a honestidade feminina “referia-se à virtude moral no sentido sexual, e esse era um tópico de grande preocupação teórica e da jurisprudência” (CAULFIELD, 2000, p. 77). O casamento era considerado o principal termômetro para medir a integridade da mulher, pois mesmo a mulher solteira deveria ter como finalidade fazer o enlace matrimonial.

Através dessa convivência e da maneira como os ritos, símbolos, festividades eram tratados dava ao movimento esse caráter de que cada indivíduo tinha uma finalidade na construção desse novo modelo social. Para que o movimento assumisse

---

<sup>67</sup> Ibid, p. 4.

esse caráter familiar o discurso de que o Brasil seria considerado como uma grande família estava sempre presente na propaganda integralista.

V) O integralismo compreende a nação como uma grande sociedade de famílias, vivendo em determinado território, sob o mesmo Governo, sob as impressões das mesmas tradições históricas e com as mesmas aspirações e finalidades. Diretrizes integralistas<sup>68</sup>.

Dessa maneira a contribuição feminina era indispensável nesse modelo de nação. Uma das contribuições da mulher era gerar os filhos da pátria. A maternidade era um lugar de destaque atribuído à mulher, tanto que mesmo que a mulher não fosse mãe biologicamente deveria ser mãe socialmente, sendo essa função considerada “natural”. Plínio Salgado reitera no capítulo XII, missão maternal da mulher, “Ora, na mulher, a função física que distingue do homem manifesta-se na maternidade” (SALGADO, 1947, p. 73). As ações da mulher deveriam se pautar no sentido maternal, tanto que não só para o movimento integralista, mas para a sociedade de 1930 as mulheres para muitos eram consideradas as rainhas do lar e da nação.

Susan Besse (1999) aborda a questão da maternidade “científica” moderna e afirma que a maternidade era considerada como o coroamento e a demonstração tangível da feminilidade da mulher.

Desde as feministas declaradas até os médicos, os líderes sindicais, os representantes do Estado, todos concordavam com a ideia de que a ‘finalidade [da mulher] na existência não será alcançada enquanto ela não cumprir a sua missão mais doce e mais sublime, que é maternidade’ (BESSE, 1999, p. 109).

Para que as mulheres desempenham-se bem esse papel deveriam ser instruídas para educar seus filhos e filhas. A responsabilidade sob a educação dos filhos e o sucesso ou o fracasso era atribuído à mulher. E o movimento integralista encarava a educação baseada na fé cristã como a base da família. Segundo Viana:

Assim, a educação teria um papel fundamental nessa coesão da família, base da sociedade segundo o Dr. Belisário, e caberia somente “às escolas integralistas o dever dominante de entreter nos

---

<sup>68</sup> **Prontuário Funcional Nº 1066 – B.** Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

alunos o sentimento vivo da responsabilidade da família e do lar no conceito social”, onde as mulheres teriam importante papel na persecução da finalidade da educação do Sigma, pois elas seriam, segundo o higienista, as responsáveis pela moralização da sociedade brasileira (VIANA, 1998, p. 68).

O papel da mulher deveria se pautar no cuidado com os filhos e o marido. A educação das crianças deveria está permeada pela manutenção desses lugares quanto ao gênero. O homem educado para a rua, ser independente e promover o sustento do lar. A mulher educada para o espaço privado, ter um bom casamento e principalmente se tornar uma boa mãe e esposa.

Em relação à participação feminina presente no trabalho de Bulhões, ressaltamos o decálogo da boa esposa (ANAUÊ, agosto de 1935 apud: BULHOES, p. 92, 2007), presente na Revista *Anauê* em agosto de 1935. No presente documento afirma que a mulher deve amar a seu marido acima de todas as coisas e que a casa pertence a ele. A mulher não deve aborrecer o marido com coisas sem importância. A casa deve sempre está em ordem e a mulher com um sorriso no rosto quando o marido chegar a casa. A mulher deve manter sempre as crianças limpas e sadias.

Enfim, ao longo desse decálogo é descrito que modelo a mulher deve seguir e qual o papel dela na família. Percebemos que para os integralistas a mulher deveria servir ao bem-estar de todos, pois nesse lugar sua importância era primordial. A mulher poderia sim ter acesso à educação desde que a finalidade fosse para educar seus filhos e instruí-los.

Mais adiante abordaremos a concepção de ser mãe e esposa para o movimento integralista. Quando levantamos a questão do papel da mulher na família integralista abrimos um leque de possibilidades. As mulheres que ocupavam as fileiras da AIB não estavam à parte da sociedade, pelo contrário, para os mais conservadores esse seria o modelo ideal de mulher. Tanto que o movimento vai aproveitar a vitalidade feminina para que as mulheres desempenhassem funções assistencialistas. E o integralismo defendia que:

O traço característico do temperamento feminino reside no seu ‘alterocentrismo’, na sua capacidade de dedicação a ‘seres vivos’ ou ‘senso maternal’. A vocação maternal, educativa, eminentemente

social, define a fisionomia própria da mulher (CORBISIER, 1936, p. 69 apud CAVALARI, 1999, p. 56).

Participar de um movimento que tinha como proposta a mudança social e cultural implicava para a mulher uma série de obrigações. Suas contribuições deveriam estar pautadas na manutenção da família. O público feminino fora reconhecido como parte da “grande família integralista” através da sua vocação baseada na “natureza” feminina. Natureza essa que reservava o espaço privado como seu lugar social. E se a mulher desempenhasse alguma função no espaço público seria uma extensão das atividades exercidas no lar. Tudo para que a instituição familiar fosse mantida dentro da tríade integralista em nome de Deus, Pátria e Família.

## **2.2 O papel sócio-cultural das *Plinianas* de Pernambuco**

*A dificuldade da história das mulheres deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados. [...] Entre fugacidade dos traços e oceano de esquecimento, os caminhos da memória das mulheres são estreitos. (PERROT, 2005, p. 29)*

Michelle Perrot, historiadora voltada para a história das mulheres e com uma vasta lista de obras publicadas sobre o tema nos apresenta um olhar minucioso acerca das fontes femininas. Os diários podem ser considerados como importantes fontes femininas, mas isso para uma parte da sociedade letrada, sendo considerada uma memória do privado. A retirada das mulheres de certos locais produziu o silêncio dos arquivos, afirma Perrot (2005, p. 34).

Esses silêncios são inquietantes para o historiador, pois de que maneira vamos lidar com a escassez de fontes? Dos homens encontramos dados completos, são tantos dados masculinos que procurar vestígios femininos exige o uso de uma pinça como se estivéssemos procurando uma agulha no palheiro. Houve uma participação significativa de mulheres no movimento integralista que se organizavam através de uma secretaria feminina. Muitas dessas informações não apresentam dados completos. Muitas foram as maneiras como as mulheres integralistas eram chamadas e uma delas fazia alusão aos seus uniformes.

As mulheres integralistas também eram chamadas de blusas verdes por conta do uniforme. As vestimentas das mulheres integralistas eram compostas de saia preta ou branca, chapéu branco e blusa verde de meia manga com a gola aberta. A fotografia abaixo mostra um desfile integralista no Rio de Janeiro em 1937. Nessa ala mostra as meninas integralistas, as plinianas, como eram chamadas as meninas e os meninos de plinianos. Assim como as fotografias dos adultos as crianças demonstravam uma seriedade e uma postura ereta, estando os uniformes impecáveis. As fotografias eram uma das maneiras como um movimento imprimia essa intencionalidade de movimento organizado e de família.

**Figura 5:** Desfile das Plinianas



Fonte: SOMBRA, Luiz Henrique. GUERRA, Luiz Felipe Hirtz. (Orgs.) *Imagens do Sigma*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

Nesses escritos do jornal *A Offensiva* a respeito da importância da fotografia percebemos o quanto o uso da imagem agregava valor às atividades integralistas.

Nada mais convincente do que uma fotografia. As enormes massas de camisas-verdes de todas as Províncias do Brasil estão constantemente afirmando, nas suas reuniões e concentrações esportivas, a pujança do Movimento Integralista. Surpreender e revelar ao Brasil isso que constitui uma das glórias maiores da AIB – a sua surpreendente força numérica – será um dos objetivos de

“Anauê” que visa com isso, demonstrar a profunda e extensa aceitação que o pensamento integralista vem tendo em todos os setores da nossa população<sup>69</sup>.

O movimento integralista fazia questão de exaltar a sua grandeza nos meios de comunicação, tanto que encontramos números astronômicos nas passeatas ou outras solenidades promovidas. O estado de Pernambuco de acordo com a documentação que foi apreendida pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS-PE) apresenta uma vasta lista de integralistas que eram associados no estado. Cada município apresentava uma conjuntura sócio política diferenciada. Dessa maneira denotando algumas ocupações comuns as mulheres da época. Algumas militantes eram professoras e ocupavam lugares de liderança como a chefia dos departamentos femininos.

As professorandas integralistas eram responsáveis pela educação e por primar pelos valores e os bons costumes. A todo instante suas convicções eram postas a prova, como no pronunciamento de D. Helder Câmara, fervoroso integralista que esteve imerso nos meios educacionais.

Professorandas Camisas-Verdes! Não vos seduz o trabalho criador que temos de realizar? Recompensas materiais o Integralismo não tem para vós. Sofrimento sem conta encontrareis em vosso caminho (...) Não duvido que um dia sejais proibidas de usar o nome de professoras e haja quem pense mesmo em tomar vossos anéis (CAMARA, H. apud CAVALARI).

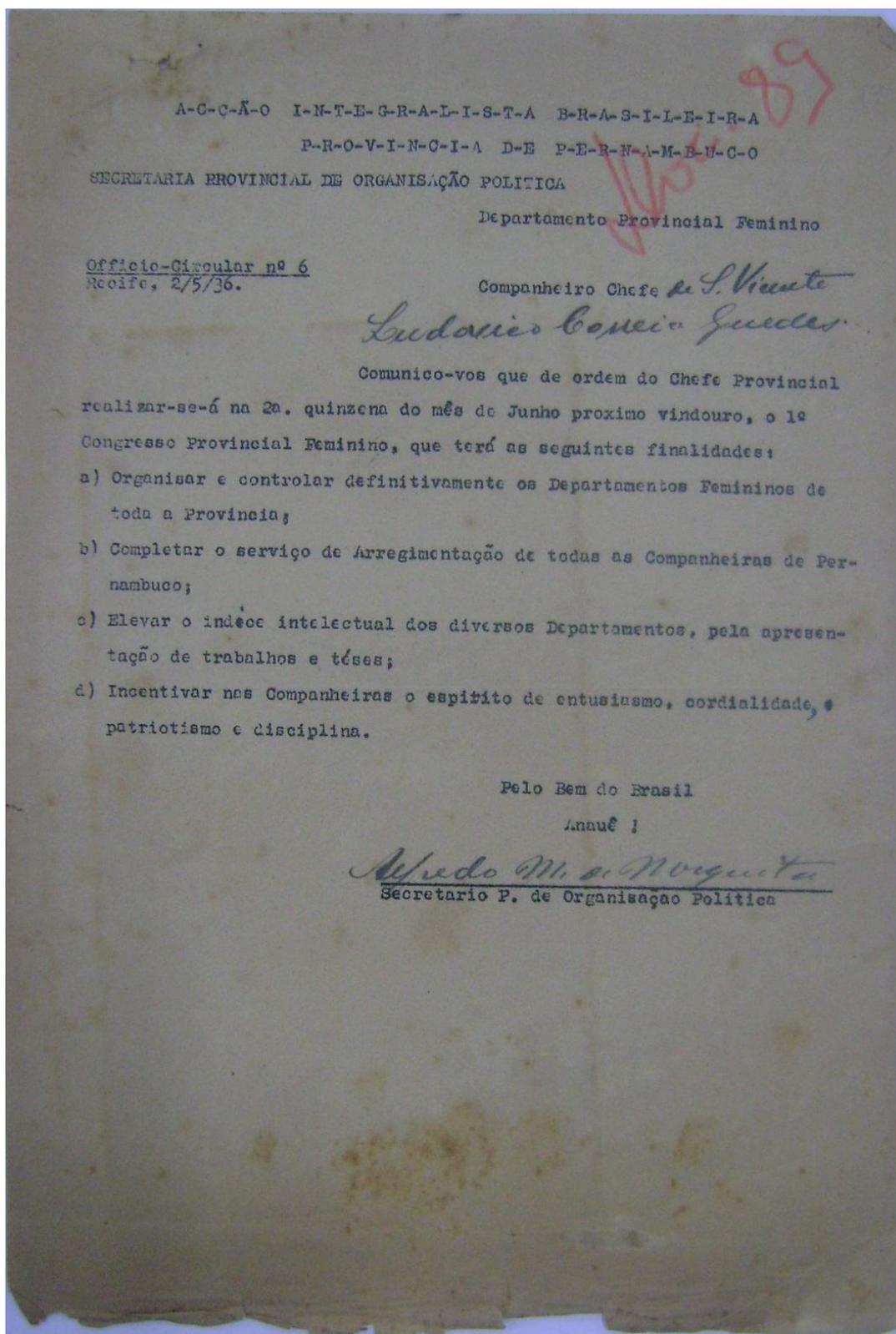
A maneira como D. Helder se refere as mulheres passando um sentido de quase missionárias, nos chama a atenção. As professoras iriam realizar um trabalho criador, ora a profissão de professoras já via sendo realizada, mas na condição de professoras integralistas essa responsabilidade parecia ser maior. E para completar ele comenta das dificuldades que estarão por vim. Esse discurso de que o movimento integralista salvaria a nação era bastante divulgado na sociedade, principalmente quando tinham como finalidade atrair mais pessoas.

Circulavam entre os núcleos comunicados a respeito das atividades que seriam realizadas, como por exemplo a realização na segunda quinzena do mês de junho do 1º congresso provincial feminino.

---

<sup>69</sup>A *Offensiva*, 18/02/1937, p. 3. Apud: BULHÕES, 2007, p. 56.

Figura 6: Departamento Provincial Feminino



Fonte: Prontuário Funcional N° 6002. DOPS/APEJE.

Esse congresso tinha como finalidade unificar os departamentos femininos para isso:

- a) organizar o controlar os departamentos femininos de toda a província;
- b) completar o serviço de arregimentação de todas as companheiras de Pernambuco;
- c) elevar o índice intelectual dos diversos departamentos, pela apresentação de trabalhos e teses;
- d) incentivar nas companheiras o espirito de entusiasmo, cordialidade, patriotismo e disciplina.

Havia entre os núcleos um controle rígido quanto as informações, se foi realizado um congresso com esse propósito provavelmente cresceu o número de departamentos femininos em Pernambuco. Os departamentos não podiam funcionar de qualquer maneira, deveriam seguir as normativas do movimento. Tanto que uma das diretrizes é a elevação intelectual. Cada núcleo deveria ter uma biblioteca com a função de proporcionar os estudos aos militantes. E acima de tudo o incentivo para que essa militante não abandonasse os núcleos.

A senhorita Albertina Lagos era natural de Vitória de Santo Antão, tinha 31 anos, solteira, professora e chefe do departamento feminino na referida cidade. Era comum as chefes dos departamentos proferirem discursos em público ou mesmo escrever nos meios de comunicação local. Havia em Vitória de Santo Antão uma divisão de assistência social, intitulada bandeirantes de caridade.

BANDEIRANTES DE CARIDADE<sup>70</sup>. Julgo que esse nome deveria ser mudado por estabelecer confusão com as bandeirantes (girls-guides), cujo fim é outro. Os serviços das bandeirantes são inúmeros; deve-se portanto escolher para os mesmos, gente moça, forte e disposta, o sendo possível com algumas noções de enfermagem e que tenha necessariamente, pelo menos, noções de nossas leis de assistência social.

Nesse serviço as bandeirantes de hygiene infantil, escolar ou pre escolar, tem a seu cargo encaminhar as crianças aos lactários e dispensários e devem, portanto, conhecer quais os hospitais que

---

<sup>70</sup> Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana. Departamento Nacional Feminino. Divisão de Acção Social. Dispensários e Bandeirantes. **Prontuário Funcional Nº 5996**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

acceitam crianças e com que idade; onde estão os dispensários de higiene infantil ou de pediatria; onde é a assistência hospitalar e conseguir ali guia de internação para os nossos.

A chefe do departamento de Vitória de Santo Antão na ocasião do primeiro congresso provincial feminino realizado na cidade de Caruaru oferece um poema em homenagem ao chefe nacional Plínio Salgado.

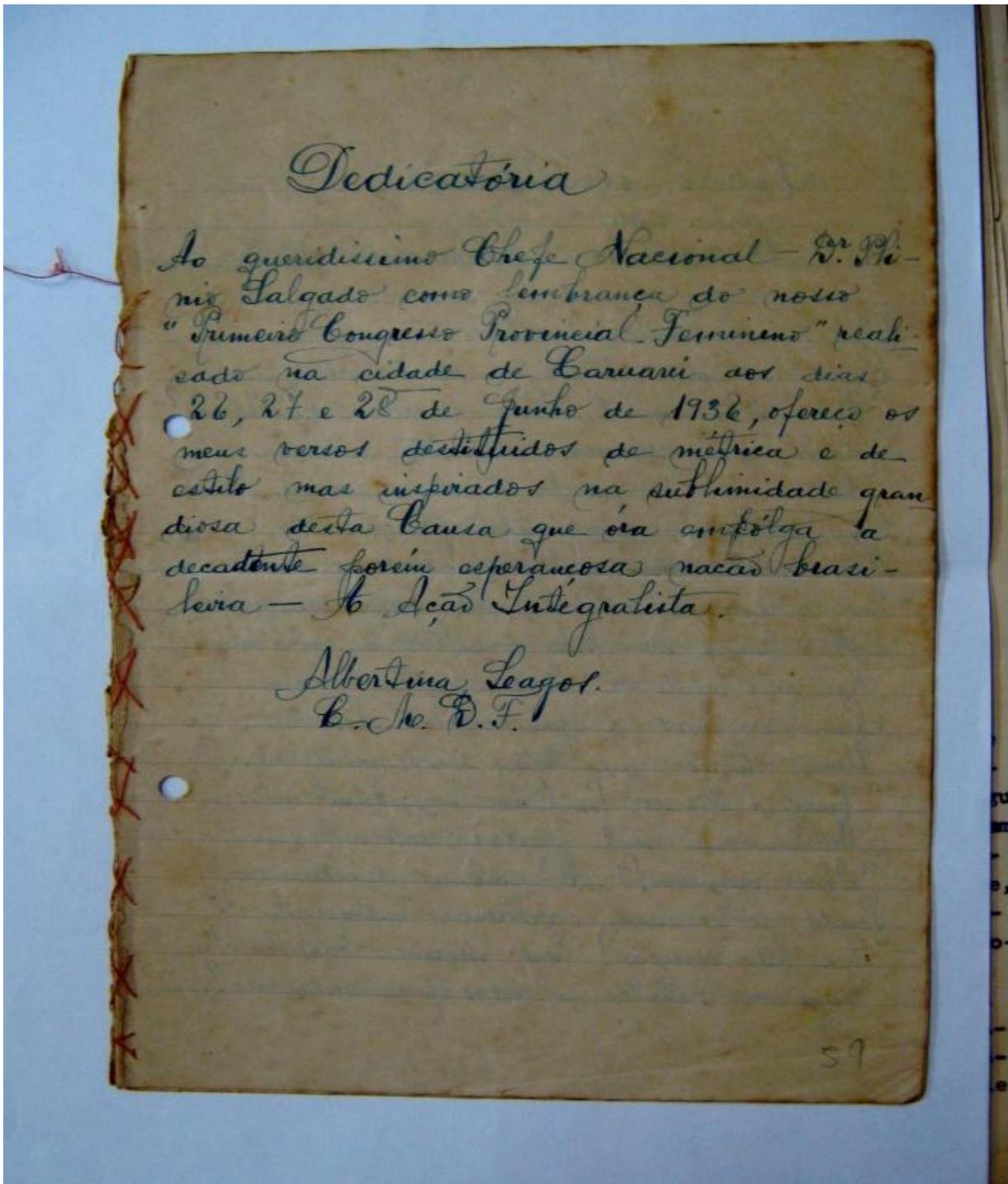
#### Dedicatória

Ao queridíssimo Chefe Nacional – D. Plínio Salgado como lembrança do nosso “Primeiro Congresso Provincial Feminino” realizado na cidade de Caruarú dos dias 22, 27 e 28 de junho de 1936, ofereço os meus versos distribuídos de métrica e de estilo mas inspirados na sublimidade grandiosa desta causa que ora empolga a decadente porém esperançosa nação brasileira – A Ação Integralista.

Albertina Lagos.

C.M.D.F

Figura 7: Dedicatória<sup>71</sup>



Fonte: **Prontuário Funcional Nº 5996**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

<sup>71</sup> O título do poema: lição materna ou heroísmo Pliniano. A dedicatória escrita pela autora Albertina Lagos.

Era muito comum as mulheres integralistas se comunicarem com o chefe nacional. No arquivo da cidade de Rio Claro em São Paulo há uma quantidade de cartas significativas que eram trocadas entre Plínio Salgado e algumas mulheres militantes do movimento integralista. Dessa maneira percebemos que havia na figura de Plínio Salgado um respeito e admiração por muitas dessas blusas verdes que assim como Albertina Lagos dedica um poema ao “queridíssimo” chefe nacional, maneira com a qual se refere a ele.

Através da análise de toda a documentação do movimento integralista encontramos muitos perfis incompletos. Na cidade de Afogados da Ingazeira a chefe do Departamento Feminino a senhora Maria Mamede era casada e doméstica. Muitas mulheres eram domésticas e na sua maioria casadas, denotando assim o lugar do privado que a mulher ocupava.

O trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. Praticamente, nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas entre homens e mulheres. Ele é invisível, fluido, elástico. É um trabalho físico, que depende do corpo, pouco qualificado e pouco mecanizado apesar das mudanças contemporâneas. O pano, a pá, a vassoura, o esfregão continuam a ser os seus instrumentos mais constantes. (PERROT, 2007: 115)

O movimento integralista utiliza dessa cultura para legitimar e aperfeiçoar os cuidados das mulheres com o lar. Na seção de educação, havia a educação doméstica com a seguinte definição: “é a arte de empregarmos os recursos que a providencia nos concede para a utilidade e o bem estar da família<sup>72</sup>”. Os meios eficazes que a educação doméstica instrui são:

1. Juntar algum capital mediante o trabalho e a economia;
2. Aproveitamento das energias com inteligência e tática pela experiência e conhecimentos recebidos;
3. Concertos [sic] dos negócios caseiros pela indústria e atividade doméstica;
4. Embelezamento do lar segundo o bom gosto da dona de casa;

Algumas solteiras até desenvolviam atividades fora do lar como, por exemplo, no comércio. Mas geralmente as casadas deveriam se dedicar aos cuidados com o lar.

---

<sup>72</sup> Departamento Nacional Feminino. Seção de Educação. **Prontuário Funcional Nº 5996**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

Foi realizado um levantamento das mulheres pernambucanas que fizeram parte do movimento integralista (vide anexo) e podemos apresentar algumas informações das blusas verdes. A cidade de Vitória de Santo Antão havia muitas lavadeiras e também é um dos municípios que apresenta uma maior diversificação de profissões como: vendedora, costureira, auxiliar do comércio, professora e agricultora. Profissões consideradas femininas e alguma extensivas as práticas do lar que seria o cuidado e a abnegação.

Foram encontradas listas com nomes de muitas mulheres que fizeram parte de determinados núcleos localizados em bairros diferentes. A finalidade de fazer um levantamento em torno dos nomes, idades, estado civil e município seria traçar um perfil mais detalhado de quem foram essas mulheres que participaram do movimento integralista.

Cada estado brasileiro apresentou suas especificidades quanto a participação feminina nas fileiras integralistas. Havia desde mulheres das camadas altas e médias que geralmente faziam parte de uma elite intelectual que se ocupavam de dirigir os núcleos, realizar obras assistencialistas, organizar as reuniões com outras mulheres, enfim, se ocupavam da manutenção e direção dos departamentos femininos. Isso não quer dizer que mulheres das camadas baixas não poderiam ocupar cargos de chefia nos núcleos. Como já foi dito, cada localidade tinha suas peculiaridades. As mulheres das camadas menos abastadas geralmente frequentavam os núcleos como militantes também e faziam uso dos serviços disponibilizados. A cidade de Vitória de S.Antão agregava um número elevado de lavadeiras, profissão considerada adequada para as mulheres, que de uma maneira ou de outra necessitavam ajudar as famílias ou mesmo se sustentar.

Encontramos muitas mulheres que se intitulavam como domésticas, a respeito do trabalho doméstico Oliveira (1999, p. 10) comenta que,

Com o processo de urbanização e industrialização, a chamada ajuda vira serviço doméstico em troca de casa e comida, principalmente para as mulheres migrantes do meio rural, e posteriormente transforma-se numa atividade assalariada.

São muitas as mulheres que se ocupavam desse tipo de profissão dos cuidados com o lar e em alguns casos mesmo sendo casadas, elas precisam complementar a renda dos seus cônjuges. Uma ou outra trabalha no comércio, na agricultura e a menor parte são docentes, já que o acesso aos estudos é precário na época.

Com alguns desses perfis notamos que algumas mulheres se destacavam na profissão de professoras. As poucas mulheres que identificamos as profissões, apenas duas eram professoras. Como fora citado encontramos nomes, mas sem maiores informações. Os núcleos que possuíam escolas, eram as mulheres que ensinavam as primeiras letras para os/as jovens e mulheres. A prática de ensinar o ensino básico era considerada como a extensão do lar para a época. Dessa maneira “Obviamente, um dos fatores que possibilitou a profissionalização da mulher, no magistério, foi a necessidade da classe menos favorecida em procurar a instituição escolar (o magistério primário) como meio de sobrevivência” (SILVA; FILHO, 2004, p. 6).

Esses dados demonstram a manutenção de uma realidade onde os papéis sociais estavam delimitados apesar da saída das militantes a rua, o tempo inteiro o lugar da casa era lembrando como mais apropriado confinando as mulheres ao ambiente doméstico. Mas através do ingresso nas fileiras as mulheres tiveram a possibilidade de estudar. Segundo o censo de 1940, sendo as informações colhidas no ano anterior temos a seguinte conjuntura:

Ao analisar o diferencial da alfabetização segundo o sexo, observou-se que, em 1940, a proporção de homens alfabetizados era superior à das mulheres em todas as regiões brasileiras, ao passo que, em 2000, para as Regiões Norte e Nordeste, as mulheres alfabetizadas superaram os homens. CENSO, P. 55

Sabemos que os homens tinham mais oportunidades para estudar que as mulheres. Neste momento, o movimento integralista oferecia a oportunidade de muitas dessas mulheres terem o acesso às primeiras letras, visto que os líderes do movimento tinham colocado nas mãos das “Blusas Verdes” a responsabilidade de alfabetizar para o voto, diante da candidatura de Plínio Salgado para a presidência da República no ano de 1936 visando as eleições de 1937.

### 2.3 Direitos e deveres das “Blusas Verdes” na AIB: “*A mulher tem deveres do seu sexo e direitos da sua vocação*”<sup>73</sup>”.

O Schema das theses a serem desenvolvidas é um documento que foi elaborado pelo movimento integralista e distribuído pelos núcleos de todo o país. Sua finalidade seria apresentar para as blusas verdes sobre o papel da mulher no movimento integralista e dentro do Estado Integral. A mulher deveria seguir uma série de regras, o espírito cristão deveria está em primeiro lugar. Para que a mulher se ocupasse de qualquer função, “Antes, pelo contrário: a mulher ilustrada, mas sem formação moral e religiosa, torna-se mais incapaz do que uma camponesa analfabeta de defender os seus legítimos interesses tão intimamente relacionados com a sua honra” (SALGADO, 1947, p. 59). A mulher é considerada como tendo uma passividade inerente do seu sexo, sendo mais impulsiva.

Em muitas passagens percebemos que a mulher é infantilizada nas palavras de Plínio Salgado. E apenas o sentimento religioso será considerado para as mulheres como tendo uma base segura. Já os homens esses sim podem ser ateus ou materialistas que conservam o autodomínio em relação aos costumes, mas entre as mulheres é raríssimo ver-se uma irreligiosa mantendo seu teor moral. E ele completa: “isso não é sinal de inferioridade feminina, mas uma expressão do próprio sexo, isto é, o homem, em geral, fica no limiar das suas convicções, enquanto a mulher vai às últimas consequências”. (SALGADO, 1947, p. 60).

Como Plínio Salgado era um homem bastante católico os seus escritos iriam seguir a tradição judaico cristã onde a figura masculina prevalece como sendo a que vai conduzir os passos da mulher. Segundo Lemos (apud: ROCHA, 2005, p. 162):

A tradição judaico-cristã, que prevalece em nossa cultura Ocidental, tem apresentado a idéia de que o sagrado por excelência (Deus) é uma entidade masculina. Além disso, a forma privilegiada desse Deus se manifestar, a hierofania, é também masculina. Vejamos alguns exemplos: a imagem tradicional da divindade é a de um

---

<sup>73</sup> Schema das theses a serem desenvolvidas. Sobre o papel da mulher no movimento **Prontuário Funcional N° 1066 – B**. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

velhinho sábio; Esse cria primeiramente Adão para depois Eva; Eva peca e leva Adão a pecar também (além de não ter sido criada primeiro, Eva não merece confiança, é responsável por todos os males). De acordo com a tradição bíblica Deus se revela em Abraão, Isaac, Jacó, José, Moisés, Davi, Salomão, Josué etc, e a sua hierofania por excelência se dá em Jesus, também homem. Cadê as mulheres?

A maneira como a bíblia cria a figura feminina se estende e se legitima na sociedade ocidental. É a “natureza feminina” que afirmava que a mulher deveria ser mãe e que certos tipos de atividades eram prejudiciais à saúde. Dessa maneira Couto (1994, p. 56) afirma: “Ao mesmo tempo que à mulher era atribuído o controle do lar, dela também esperava-se a fragilidade, a vibratilidade e a infantilidade, elementos inerentes a sua vitimização”. A questão da “natureza” feminina, logo é posta como maneira para justificar o comportamento feminino e homogeneizar as mulheres. Em relação a essa “natureza” feminina observemos a colocação de Butler quanto a essa construção:

Na proposta de Butler, que apela à dimensão performativa da construção, a construção deve ser entendida antes como um ato ou como um processo causal iniciado por um sujeito, como um processo que, no curso de seu devir temporal, funciona pela reiteração, citação de umas normas que são a ocasião para a formação do sujeito, das noções de sexo e de gênero, e que são ao mesmo tempo a ocasião para a desestabilização do sujeito sexuado e generizado (BUTLER, 2013, p. 445).

A sociedade elege alguns pontos de fragilidade e generaliza as mulheres as pondo dentro de casa e essas normas vão sendo repetidas até o ponto de naturalizar o comportamento dos sujeitos. São os discursos que repetem as normas e reiteram as práticas de exclusão, na qual o poder de fazer o que se nomeia não se faz da vontade do sujeito falante, mas esse poder emana da cadeia de reiteração (BUTLER, 2013, p. 446).

Quando se fala em deveres do seu sexo referindo-se a mulher há uma série de normas que se encontra no “ser mulher”. Para o movimento a mulher fazia parte de um sustentáculo familiar, dessa maneira qualquer função que ocupasse não poderia prejudicar sua função maior que seria a de mãe, esposa e dona de casa.

Se tornar mãe era algo considerado como natural para as mulheres. O mito da maternidade foi uma construção social que remonta anos desde Santo Agostinho, “a história da construção da maternidade pode ser referendada também com os escritos de Santo Agostinho, pois este ajudou a solidificar a ideia de que a mulher representava um perigo para a vida ascética” (ROCHA, 2005, p. 86).

Ao longo da história<sup>74</sup> a mulher é tida como frágil e apresenta perigos se não fosse bem instruída, sendo assim necessitava de cuidados especiais estando sob a tutela da figura masculina. E no século XX não é diferente a mulher que ousasse transgredir a ordem em relação ao seu lugar social estabelecido seria punida. Os estudos de Rita Couto (1994) apresentam de maneira clara de como o discurso eugênico era utilizado para manter esse *status quo* de santidade legitimando a figura da “santa-mãezinha<sup>75</sup>”. “O modelo do gênero feminino manteve a essência mítica herdada do período colonial, mesclando-se, todavia como visão científica da eugenia” (COUTO, 1994: 55).

Rita Couto (1994, p. 55) ainda nos apresenta casos classificados como degeneração atípica ou moral, mulheres adúlteras eram internadas em sanatórios ou então se as mesmas se relacionassem com pessoas de classe social inferior seriam enclausuradas. Ela afirma que esses espaços eram também reguladores das relações sociais podendo significar exclusão ou tentativa de normalizar as pessoas que rompessem os parâmetros instituídos pela sociedade.

Para o movimento integralista a maternidade era tida como uma missão, dessa maneira “Logicamente, toda a ação da mulher no meio social, desde os círculos da família até os mais amplos círculos da vida colectiva, tem de proceder daquela função” (SALGADO, 1947, p. 73). Mesmo que a mulher não tenha filhos por algum motivo sua conduta e seu comportamento devem se pautar por esse papel maternal.

Maria Freire (2006, p. 136) afirma que se há uma unanimidade entre os juristas, militantes do movimento feminista, colaboradores das revistas femininas, era

---

<sup>74</sup> Durante o período colonial essa normatização se encontra presente, “O outro instrumento utilizado para a domesticação da mulher foi o discurso normativo médico, ou ‘físico’ sobre o funcionamento do corpo feminino. Esse discurso dava caução ao religioso na medida em que asseverava cientificamente que a função natural da mulher era a procriação. [...] Ela deveria apagar todas as marcas da carnalidade e animalidade do ato pela imediata concepção. Daí serem malditas as infecundas, as incapazes de revestir com a pureza da gravidez a dimensão do coito. Daí também a importância do casamento em dar uma ordem e uma regra para a natureza, a *priori* corrompida”. DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 24; 27.

<sup>75</sup> *Idem*, p. 23.

em torno da maternidade que deveria ser mantida independente da sua função social. Havia uma defesa em relação à participação da mulher na sociedade de maneira mais incisiva, mas a mulher não poderia esquecer-se de sua verdadeira vocação materna.

Em relação ao mito do amor materno a autora Elisabeth Badinter na sua obra “Um amor conquistado: o mito do amor materno” (1985) desconstrói essa naturalização em relação à maternidade. As épocas constroem seus discursos e com a maternidade não foi diferente, construindo esse sentimento como algo inerente a mulher.

Era o discurso da felicidade e da igualdade que as atingia acima de tudo. Durante quase dois séculos, todos os ideólogos lhe prometeram mundos e fundos se assumirem suas tarefas maternas: “Sedes boas mães, e sereis felizes e respeitadas. Tornai-vos indispensáveis na família, e obtereis o direito da cidadania” (BADINTER, 1985, p. 146).

É como se no papel de mãe a mulher fosse adquirir um respeito e prestígio que antes da maternidade não obtivera. Elizabeth Badinter vai afirmar que foram necessários três discursos para que as mulheres voltassem a conhecer as doçuras do amor materno. Nem todas as mulheres foram sensíveis aos argumentos utilizados na França do século XIX em relação a esse lugar. O primeiro foi o discurso econômico baseado na demografia, visando o aumento populacional e a produção de riquezas. O ser humano seria uma provisão preciosa para o Estado, não só porque produz riquezas, mas pelo poderio militar. O segundo foi a ideia de igualdade e felicidade individual que a maternidade vai produzir na mulher.

No que concerne à igualdade, parece que a filosofia da segunda metade do século se antecipou, e de longe, à prática cotidiana. É verdade também que ela militou mais pela igualdade dos homens entre si (igualdade das ordens) do que pela igualdade entre os seres humanos: o homem, a mulher e as crianças. E se poucas pessoas se interessam pela igualdade política do homem e da mulher, vê-se modificar a condição do pai, da mãe, e mesmo a da criança, no sentido de uma maior homogeneidade<sup>76</sup>.

A condição da mãe-esposa progrediu, mas em relação a mulher não houve muitas mudanças. Houveram duas razões para essa mudança no século XVIII, o

---

<sup>76</sup>*Ibidem*, p. 161.

casamento por amor e os homens responsáveis queriam que a mulher desempenhasse um papel importante na família e junto aos filhos. E ainda: “No século XVIII, o amor-amizade parece compreender o carinho e mesmo uma certa busca do prazer. Isso só se explica se levamos em conta o aparecimento de uma nova concepção do casamento<sup>77</sup>”.

A noção de felicidade é incluída nos arranjos familiares e a procriação vai adoçar a união e a maternidade abandona o caráter de obrigação assumindo uma atividade invejável e mais doce que a mulher possa esperar.

O terceiro discurso vai se dirigir diretamente as mulheres que serão elevadas ao nível de responsáveis pela nação, de um lado a sociedade precisa delas e lhes diz isso e, de outro as lembram o tempo todo da sua responsabilidade com a maternidade. “Durante mais de um século, foram utilizados constante e simultaneamente três tipos de argumentos que podemos resumir assim: ‘Minhas senhoras, se ouvirdes a voz da natureza, sereis recompensadas, mas se a desprezardes, ela se vingará, e sereis punidas<sup>78</sup>’”. E esse discurso perdura, pois a presença e participação das mulheres são tidas como indispensáveis na condução da pátria, pois a educação dos filhos é obrigação delas.

Quando o movimento integralista em muitos momentos se refere à mulher como rainha do lar e da nação atribui a ela alguns deveres. A mulher deveria combater a ostentação e o luxo, ensinar as crianças o culto aos heróis, elevar a dignidade do lar, enaltecer as virtudes domésticas, incrementar a bondade, a compaixão, a solidariedade humana sob todas as formas e incluir no meio em que vive o culto de Deus e da família<sup>79</sup>.

Ser uma boa esposa é também um dos deveres cobrados a mulher, já que a edificação do lar e a manutenção dos bons costumes vão depender de quem dedica maior parte do tempo a esse espaço. O jornal *Anauê* (ANAUÊ, agosto de 1935 apud: BULHOES, p. 92, 2007) publicou na íntegra o decálogo da boa esposa, já mencionado anteriormente:

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 176.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 181.

<sup>79</sup> “Schema das theses a serem desenvolvidas. Sobre o papel da mulher no movimento integralista”. **Prontuário Funcional N° 1066 – B.** Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

1. Ama a teu marido acima de todas, ama a teu próximo o melhor que puderes, mas lembra-te que a tua casa pertence e teu marido e não a teu próximo.
2. Considera o teu marido como hospede de distinção, como um amigo precioso e não como uma amiga à qual se contam os pequenos aborrecimentos da existência. Livra-te dessa amiga se te fôr possível.
3. Que a tua casa esteja em ordem e teu rosto sorridente, quando elle regressar do trabalho. Entretanto se elle não o notar immediatamente, não te aborreças: desculpa-o.
4. Não lhe peças o supérfluo para a tua casa; pede-lhe apenas uma habitação risonha, um pouco de espaço livre e tranquilidade para as creanças.
5. Que as creanças sejam sempre sadias e limpas: tu mesma sê como ellas, sadia e limpa. Que elle sorria, vendo-vos e pense em vós ausente.
6. Lembra-te que o desposaste para a boa e má sorte. Se todo o mundo o abandonar, tu deverás conservar ainda a tua mão nas suas.
7. Se teu marido tem ainda a sua mamãe, lembra-te que nunca serás boa demais nem bastante dedicada para com aquella que o embalou nos braços.
8. Não peças a existência o que ella jamais pode conceder a ninguém: se fores útil, já és feliz.
9. Se a desgraça sobrevem, não desanimes e não desesperes. Tem confiança em teu marido, e elle terá coragem por dois.
10. Se teu marido se afasta, espera-o. Mesmo se elle te abandonar, espera-o. Porque não és somente a tua mulher, tu és a honra de teu nome. E um dia elle voltara abençoando-te.

Segundo o decálogo da boa esposa a mulher deveria acima de todas as coisas amar seu marido, como o movimento era marcado pelo catolicismo depois de Deus ela deveria amar seu marido. Mas ainda dentro de casa a autoridade é do homem. O cônjuge não deve ser aborrecido com as pequenas coisas do cotidiano. O lar deve está em ordem e a mulher com um sorriso no rosto e se ainda ele não notar, a mulher não deve se aborrecer. O decálogo da boa esposa delineia dez pontos para que a mulher seja uma boa companheira, mas em momento nenhum o seu bem estar é ressaltado. O marido que é o provedor do lar deve ser servido de todas as maneiras, como se o papel atribuído a mulher não a considerasse como sendo importante. Nas palavras do decálogo, a mulher nasceu para servir “se fores útil, já és feliz”, e esse discurso perpetua e coloca a mulher num papel secundário na sociedade. O movimento

integralista não afirma que a mulher é inferior ao homem, mas muitas das ideias que são divulgadas apresentam esse papel de submissão.

Besse (1999, p. 78) em relação ao papel da mulher no casamento afirma que muitas eram as literaturas normativas que exigiam sacrifícios das mulheres para que fossem boas esposas.

A literatura normativa procurava, em primeiro lugar, reconciliar as donas de casa com o papel que lhe era atribuído, demonstrar que o único caminho para a verdadeira felicidade e realização pessoal encontrava-se no cultivo permanente de esposa virtuosa<sup>80</sup>.

Dessa maneira a mulher deveria prezar pelo marido como um *bibelot* com o qual não poderia se aborrecer e sendo considerado como um hospede de distinção. O ambiente do lar deveria sempre está em ordem e a mulher deveria servir ao seu marido. Percebemos que em muitas passagens que esse modelo de esposa condiz ao papel tradicional de mulher para a época. O modelo pelo qual foi construída a imagem de mulher ideal. Dessa maneira a mulher deveria estar à disposição e cuidar de todos ficando ela em segundo plano. Pois seu corpo precisaria ser cuidado para a procriação, sua vida voltada para o casamento e as mulheres que se desviassem dessa conduta seriam punidas pela sociedade.

Segundo Chartier (1995, p. 43) “Inscrita nas práticas e nos fatos, organizando a realidade e o cotidiano, a diferença sexual (que é sujeição de umas e dominação de outros), é sempre construída pelo discurso que a funda e legitima”. Dessa maneira o movimento integralista que criou possibilidades para que as mulheres pudessem discursar, realizassem obras de caridade, o acesso aos estudos para que pudessem exercer melhor seu papel de mulher tradicional, vai a todo o momento lembrar que a missão da mulher deve estar permeada dentro do ambiente do lar. E o decálogo da boa esposa demonstrava quais normas as mulheres deveriam seguir para edificar seu lar e demonstrando o papel da mulher na família.

Essa ideia da infantilização feminina mais uma vez está presente quando se fala no cuidado com a higiene das crianças e “tu mesma sê como ellas, sadia e limpa”. A mulher ainda aparece como a redentora, a que deve ficar ao lado do marido em qualquer circunstância. A esposa é comparada a sogra denotando certa rivalidade e competição. O item 8 a mulher é reduzida como se sua função fosse a simples

---

<sup>80</sup> Ibidem, p. 78.

utilidade de servir ao marido. O último item demonstra situações de abandono familiar, mas ainda sim a boa esposa deveria aguardar o retorno do seu cônjuge. Ainda que fosse rejeitada deveria ficar sentada esperando o retorno do seu marido, ainda que a prática fosse outra.

Para que Ação Integralista Brasileira mantivesse os direitos de sua vocação que seria, “A mulher pode ser, portanto, cientista, artista, escriptora, technica e representar politicamente sua classe desde que tenha aptidões e vocações para tal, nunca, porém deixando de cumprir os deveres inerentes ao seu estado<sup>81</sup>”. Dessa maneira:

5º tanto o homem como a mulher têm direitos e deveres;

1º recíprocos;

2º para com a prole;

3º para com os semelhantes;

4º para com a Pátria; e fundamentalmente;

5º para com Deus

Firmados estes princípios, temos a concepção christã e integralista da mulher.

Apesar de ser permitido que a mulher desempenhasse funções na rua para o complemento do sustento. Ela poderia desenvolver demais profissões se tivesse aptidões, mas não deixando de cumprir os seus deveres. É afirmado que tanto o homem quanto a mulher têm direitos e deveres recíprocos. Essas funções estariam atreladas ao sexo, o homem como aquele que vai manter o sustento e a mulher as funções atribuídas ao lar.

O casal deveria inculcar esse comportamento no seu cotidiano e dessa maneira alguns instrumentos foram criados para melhor instruir os papéis dos sujeitos dentro do movimento integralista, para as mulheres havia a Secretaria Feminina. Foi criada a

---

<sup>81</sup> Schema das theses a serem desenvolvidas. Sobre o papel da mulher no movimento integralista. **Prontuário Funcional Nº 1066 – B.** Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos<sup>82</sup> (SNAFP) em 1936, tendo como finalidade coordenar as atividades femininas, prestando sempre obediência e disciplina ao Chefe nacional, tendo as seguintes divisões: expediente, cultura physica, educação, estudos e acção social.

Na seção destinada à educação doméstica na SNAFP, as donas de casas recebiam dicas de como proporcionar o bem-estar familiar através de algumas medidas de economia de despesas. As donas de casas recebiam dicas de como proporcionar o bem-estar familiar através de algumas medidas: Quanto a administração temos: a) o conhecimento da renda da família, regularização de suas despesas; b) saber comprar. c) Vigilância d) Criadagem. e) distribuição do tempo<sup>83</sup>. Caberia à mulher dirigir as atividades domésticas, prezando pela economia, combatendo o consumismo, equilibrando as finanças, notamos que o movimento ultrapassa o espaço público chegando aos lares ditando como deveria ser a ideal família integralista.

Para que a mulher estivesse nas fileiras do movimento integralista ter uma postura conservadora era imprescindível. A manutenção da família era considerada como um dos pilares para as blusas verdes. A contribuição feminina seria útil na formação da educação dos jovens e das mulheres para a formação de uma nova consciência nacional. Não era negado a mulher o direito aos estudos, principalmente quando essa barreira impediria que a mulher votasse. Estudar de acordo com a sua vocação podendo exercer diversos tipos de funções, mas sem abandonar os afazeres com o lar e a família.

#### **2.4 As atividades do Departamento Feminino da AIB-PE**

Conforme vimos mostrando, as fileiras do movimento integralista foram compostas de homens, mulheres, jovens e crianças seguindo assim uma estrutura

---

<sup>82</sup>O Departamento Nacional Feminino é um dos órgãos da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude que tem por fim, arregimentar, orientar e controlar as atividades femininas no movimento. Acção Integralista Brasileira – Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos. **Prontuário Funcional 5996**. Recife, DOPS/APEJE.

<sup>83</sup> Departamento Nacional Feminino. Seção de Educação – Economia Doméstica. **Prontuário Funcional 5996**. Recife, DOPS/APEJE.

burocrática. Héglio Trindade um dos grandes estudiosos do movimento Integralista realizou seu Doutorado no tema. Num dos pontos do seu trabalho ele deixa claro a questão da estrutura burocrática e de como é importante manter esse alicerce num movimento de cunho autoritário como o Integralista. “Geralmente as organizações políticas autoritárias se estruturam hierarquicamente com o objetivo de enquadrar eficazmente seus militantes” (TRINDADE, 1979: 161). O processo de iniciação das crianças começa cedo aos quatro anos de idade e continua até os quinze anos de idade. Dos 4 aos 6 anos estão na categoria de infantes, dos 6 aos 9 anos na categoria de currupiras e dos 10 aos 12 anos são vanguardeiros. Dos 13 aos 15 anos tornam-se pioneiros<sup>84</sup>. Em relação ao lugar das mulheres e dos jovens:

A Secretaria de Arregimentação Feminina e dos Plinianos é responsável pela orientação e do desenvolvimento dos setores femininos e da juventude. A divisão feminina encarrega-se de ensinar um trabalho às mulheres integralistas, bem como desenvolver seu nível de instrução através de cursos de alfabetização, puericultura, datilografia, economia doméstica, boas maneiras. A divisão da juventude atribui-se como missão “reunir, disciplinar e educar, através da escola ativa, todos os brasileiros de ambos os sexos, até 15 anos de idade, de modo a realizar seu aperfeiçoamento moral, cívico, intelectual e físico<sup>85</sup>”.

Tratava-se do estabelecimento de posições hierarquicamente definidas para fazer cumprir as determinações do Chefe Nacional, Plínio Salgado, que procurava dar materialidade de sentido à concepção de superioridade masculina sob a feminina que circulava no período, tornando a AIB um movimento de caráter tradicionalista e conservador.

Dessa maneira para cada faixa etária e sexo as atribuições eram diferenciadas. As funções e tarefas de homens e mulheres diferiam de acordo com seus sexos. Aos homens cabia a direção dos departamentos, proferir os grandes discursos em defesa da AIB, manter a família em tudo que fosse necessário para que a mulher não fosse a rua trabalhar. Já as mulheres deveriam ter em mente o seu papel indispensável na direção da família, ser instruída e educada para ter condições de criar e conduzir os futuros filhos da pátria. Os homens deveriam estar dispostos a sacrificar sua própria vida pela causa integralista. Já as mulheres deveriam colocar sua “natureza” feminina em prol

---

<sup>84</sup> Ibidem, p. 191.

<sup>85</sup> Ibidem, p. 187.

do bem-estar de todos. Isto porque havia uma concepção de gênero dentro das fileiras da AIB que designava um entendimento do que era o homem e a mulher:

Como o integralista entende o Homem<sup>86</sup>

O integralismo entende o homem como um ser de tríplice aspiração: material, intelectual e moral. Essas aspirações devem ser satisfeitas dentro dos limites impostos pelo imperativo da harmonia social.

Qual o papel da mulher no Estado Integral<sup>87</sup>?

Para responder a essa *these* temos que afirmar preliminarmente, os seguintes princípios integralistas?

1º a mulher não é nem superior nem inferior ao homem, porem é diferente (sensibilidade, coração, intuição, etc):

2º o homem e a mulher biologicamente se completam: sentimentalmente se harmonizam: moralmente se identificam: intelectualmente se unem, por uma aspiração *commum*.

A criação do Departamento Feminino da AIB estabeleceu rígida hierarquia entre homens e mulheres, conforme se definia na sociedade naquele momento. Para o homem a sua aspiração seria material, intelectual e moral e deveriam contribuir para a harmonia social. O homem deveria trazer o sustento para o lar e contribuir junto à mulher para a moral da nação. Já a mulher não deveria desejar uma igualdade com os homens, pois as mulheres eram diferentes dos homens e essa diferença estava presente nas características atribuídas ao universo feminino como sensibilidade, intuição e coração. E o discurso da época respaldava esses locais como apropriados:

[...] a ciência da época considerava as mulheres por suas supostas fragilidade e menor inteligência, inadequadas para as atividades públicas, afirmando que o lar era o local apropriado à sua inserção social e o cuidado com a família, sua ocupação prioritária (SOIHET, 2012: 218).

---

<sup>86</sup> Cartilha do Integralista. **Prontuário Funcional N° 1066 – B.** Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

<sup>87</sup> Schema das theses a serem desenvolvidas. Sobre o papel da mulher no movimento **Prontuário Funcional N° 1066 – B.** Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

Como ser frágil e relacionada ao lar e à família, a mulher assumia um papel de educadora e orientadora dos filhos dentro das pequenas famílias dos lares de cada integralista. A reunião das pequenas famílias formava a “Grande Família”, que era a Nação brasileira, segundo a doutrina do *Sigma* (Símbolo que representava o movimento), formando a “sociedade civil com fins culturais e políticos”. No âmbito nacional da “Grande Família” a mulher deveria manter o mesmo papel que lhe cabia em cada pequena família integralista, formando um todo integrado de rede de entrelaçamentos entre o ser mãe, esposa e *pliniana*.

As mulheres deveriam utilizar suas habilidades femininas em prol da construção de um novo modelo de nação, cuja base central era o primado da família tradicional. Desta maneira, a disposição feminina tinha por meta a construção de uma nova *Nação Integral*, relacionando o espaço do lar aos espaços públicos. Entretanto, ainda que integrada na cena política, formando as milícias fardadas e participando dos desfiles públicos, a mulher jamais poderia esquecer seu lugar de mãe e esposa, nem deveria nunca competir com o homem. E, tendo necessidade da mulher trabalhar, ela não deveria esquecer-se das suas “virtudes femininas”. Plínio Salgado (1947, p. 61) lembrava sempre em seus discursos que era: “...imperioso, porém, que ela se lembre de que – acima da profissional – ela é uma criatura de Deus e é mulher”.

A preocupação de Plínio Salgado também representava um dos dilemas das famílias tradicionais da época: a integração da mulher no mundo do trabalho. Estamos nos referindo às mulheres das camadas médias e altas, pois as mulheres pobres sempre trabalharam para se manter<sup>88</sup>. Para a AIB, com a mulher fora do lar, temia-se a dissociação da família, pois sua verdadeira vocação, que seria a função de mãe, esposa e dona de cada, estaria ameaçada. Quem deveria sustentar o lar e não deixar que nada faltasse era o homem, fazia parte da sua obrigação e era essa a compreensão da época. Por volta da primeira metade do século XX a situação econômica das camadas médias urbanas sofreu um declínio, por conta das altas taxas de inflação e pela pressão em consumir produtos e serviços que se encontravam em expansão, as mulheres tiveram que trabalhar (BESSE, 1999, p.143).

---

<sup>88</sup> VER: PERROT, Michelle. O que é um trabalho de mulher?. In: PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Edusc, 2005.

O discurso de ociosidade é tido como negativo já que muitas mulheres ficavam em casa e dependiam financeiramente dos maridos. Percebemos também que o trabalho doméstico é menosprezado ou então diminuído, pois em muitos casos o fato da mulher ficar em casa é chamado de parasitismo. O trabalho fora de casa é tido como moralizador, pois as mulheres estariam contribuindo tanto dentro dos seus lares financeiramente como levando suas qualidades femininas (altruísmo, paciência e abnegação) para o ambiente de trabalho.

As mulheres teriam jornada dupla de trabalho, realidade que perdura até os nossos dias, “havia também enorme empenho em procurar conciliar o emprego feminino com os papéis domésticos e familiares das mulheres e com as ideias estereotipadas sobre a natureza feminina<sup>89</sup>”. Essa saída das mulheres que antes eram impedidas de ir à rua não significava sua emancipação. Pois, elas eram lembradas da sua natureza feminina.

Ela deveria fazer o trabalho de base de todo o edifício familiar: caber-lhe-ia educar cristãmente a prole, ensinar-lhe as primeiras letras e as primeiras atividades, cuidar do seu sustento e saúde física e espiritual, obedecer e ajudar ao marido.... Enfim, ela seria responsabilizada pelo sucesso ou fracasso do processo civilizatório e da aplicação das normas tridentinas à sociedade familiar (DEL PRIORE, 2009, p. 35).

Esta concepção também circulava entre os médicos para os quais a mulher que fosse trabalhar negligenciaria os cuidados com o lar, os filhos e a educação. Segundo a sabedoria comum da época, “a sociedade nada mais é do que o prolongamento do lar, o país reflete exatamente a vida íntima das famílias”. (LIMA apud BESSE: 111).

Em relação a esse papel normatizador que a sociedade conservadora e o movimento integralista impunham as mulheres, Giselda Brito Silva (2009, p. 1) comenta: “As ‘blusas verdes’ de Pernambuco, assim como as de outros estados, foram ao espaço público em atividades cívicas dentro do movimento integralista, para educar, orientar e disciplinar outras mulheres dentro dos padrões e valores morais da época”. A imagem abaixo é de um desfile realizado numa cidade do estado de Pernambuco com a presença de homens, mulheres e crianças.

---

<sup>89</sup> *Ibid*, p. 151.

**Figura 8:** Desfile Integralista



Fonte: **Prontuário Funcional N° 1066 – B** – DOPS/APEJE

Os desfiles eram organizados pela Secretaria Nacional de Educação Moral Cívica e Física. Foi organizado um desfile em homenagem a data da Proclamação da República e também ao Exército. Representando na pessoa do Coronel Amaro de Azambuja Villanova, Comandante de 7º Região Militar e Interventor neste Estado. Os integralistas que se faziam presentes eram da Província de Pernambuco e uma representação da Paraíba. No documento intitulado de “Aditamento ao boletim de instrução N° 2<sup>90</sup>” constam algumas informações acerca do desfile. A questão do uniforme é tida como obrigatória no desfile. “A Secretaria de Arregimentação Feminina e Pliniana, providenciará quanto as determinações de uniforme para as blusas verdes, bem como, tudo que se relaciona com a sua Secretaria de acordo com as instruções que lhe serão fornecidas por este D.T.P”. O itinerário do desfile também é fornecido, local e horário de concentração, as informações se encontravam detalhadas e eram enviadas com antecedência aos núcleos para que seguissem as mesmas regras no dia da solenidade. Assim como os demais rituais integralistas, os desfiles:

---

<sup>90</sup>Prontuário Funcional N° 1066-B. DOPS/APEJE.

Aponta também para a materialização da simbologia e dos rituais integralistas: grandes concentrações, os desfiles com farda, o civismo, o disciplinamento. Todos desfilaram enfileirados com suas fardas como se fossem soldados, davam suas contribuições sem nada contestar. Toda a simbologia e rituais, as estratégias de padronização e unificação do Integralismo, além de serem responsáveis por criar, junto aos militantes, a mística do movimento, constituíram-se também em uma estratégia de arregimentação de novos adeptos. Desempenharam uma dupla função para a AIB, unificavam e arregimentaram (ZANELATTO, 2007, p. 81).

Dessa maneira as mulheres deveriam passar a imagem de honradas que era um conceito utilizado na época para se referir as mulheres que eram dedicadas a família e tinham o lar como lugar que devesse exaltar e cuidar da melhor maneira possível. A escritora Júlia Lopes de Almeida descreve no Diário de Pernambuco as mudanças que acontecem para a mulher após o casamento, sendo o ser mulher e esposa os elementos químicos que vão comandar a fórmula da felicidade:

As moléculas que formam uma pátria honrada são fabricadas no laboratório do lar, sendo a mãe a principal bioquímica que, com as fórmulas do amor, da lúcia, da submissão, construirá, junto ao marido, uma família e uma pátria engrandecidas, honrada e cristã, impondo-se como superior às “mulheres da rua”<sup>91</sup>.

Esse discurso de combate as mulheres que estavam na rua eram reproduzidos pelas mulheres integralistas que estavam nos espaços públicos com a intenção de aumentar ainda mais as fileiras femininas. No caso específico de Pernambuco a historiadora ressalta como as mulheres integralistas reagem em relação às mulheres operárias que tinham que trabalhar por necessidade. As plinianas apontavam o comunismo e a liberal democracia como ameaças aos valores morais resultando na degradação da família tirando as mulheres das suas verdadeiras responsabilidades que seria a família e o lar (SILVA, 2009: 2).

O espaço da rua era visto pelas mulheres integralistas como um local propício as doenças e perigos de todas as dimensões e principalmente uma ameaça à honra feminina. Dessa forma as militantes tinham como intenção que a mulher operária reproduzisse “A postura de mulher dócil, meiga, mãe e esposa eram as imagens que

---

<sup>91</sup> ALMEIDA, J. L. de. O dia do casamento. **Diário de Pernambuco**. Recife, 01 jun. 1924, p. 07 apud OLIVEIRA (2002, p. 292).

as mulheres desejam reproduzir e projetar como exemplar da mulher ideal<sup>92</sup>”.As mulheres eram permitidas participar de diversas atividades como: passeatas, desfiles, comícios, reuniões e etc. Trabalhavam nos núcleos educacionais e de serviço social nos ambulatórios e lactários.

Através da divisão de ação social que oferecia serviços de saúde, lactários e creches sendo paga uma taxa mínima para manutenção ficando sob a direção de uma companheira que seria substituída semanalmente para não sobrecarrega-la. Os dispensários devem ser geraes ou especiaes; para nós é mais conveniente que sejam geraes, isto é compreendendo serviço de clinica médica, serviço pré-natal, pequena cirurgia, pediatria e prophylaxia de doenças transmissíveis<sup>93</sup>.

O pré-natal considerado um período importante para a saúde da mulher e do seu filho, era descrito da seguinte forma: “O serviço pre-natal compreende não só a futura mãe como a creança prestes a nascer, pois pelo cuidado dispensado a mulher durante toda a gestação, desde o inicio, é que se obtém fructos fortes<sup>94</sup>”.

Mas, num objetivo maior que era o de atrair as mulheres “delinquentes” ou “desorientadas do papel de mãe” para que pudessem cumprir o papel de esposa e dona de casa, aponta Silva (2009, p. 15).

Portanto, é com esta concepção do lugar feminino num universo masculino que a AIB criou o Departamento Feminino da AIB, como uma extensão de funções que agregava o papel da mulher dentro da pequena família e sua nova função na Grande Família integralista. Segundo Michel de Certeau:

Como o direito (que é um modelo de cultura), a cultura articula conflitos e volta e meia legitima, desloca ou controla a razão do mais forte. Ela se desenvolve no elemento de tensões, e muitas vezes de violências, a quem fornece equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários (CERTEAU, 2008, p. 45).

Era no mínimo engenhoso agregar as mulheres a fileira de um movimento que tinha como pretensão ser de família. O cenário urbano suscitava novas possibilidades para as mulheres das famílias abastadas, esse modelo cultural agora dizia que o

---

<sup>92</sup>Ibid, p. 11.

<sup>93</sup> Departamento Nacional Feminino. Divisão de Acção Social - **Prontuário Funcional 5996**. Recife, DOPS/APEJE

<sup>94</sup> Acção Integralista Brasileira. Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana. Departamento Nacional Feminino. Divisão de Ação Social. Dispensarios e Bandeirantes. **Prontuário Funcional N° 5996**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

trabalho iria moralizar a mulher. A iminência do voto feminino era cada vez mais forte, havia uma pressão em torno desse direito. Infelizmente esse direito não se estendeu a todas as mulheres, mas a uma elite branca que tinha acesso a tais privilégios.

Essa cultura que Certeau se refere é aquela que se apropria da razão do mais forte. Mas não quer dizer que não houve uma mobilidade tática por parte das mulheres que vestiam os uniformes integralistas ou não. As mulheres encontraram uma oportunidade dentro do integralismo que em outros espaços lhes era negado: participação política. Apesar de irem à rua afirmar que seu lugar era em casa demonstrando assim uma prática ambígua, ponto que em muitos momentos marca a militância feminina. As mulheres iam às ruas na função de enfermeiras, professoras, auxiliares e visitadoras de bairros humildes para prestar serviços de filantropia aos necessitados.

Esse era o papel atribuído as mulheres e é essa ideia que há tanto tempo vem sendo gestada pela sociedade que o movimento integralista se apropria, que a mulher seria a rainha do lar e posteriormente da nação. Atribuído assim as mulheres papéis de importância no futuro da nação, não era apenas o homem que tinha obrigação de conduzir a nação. É inovador para a época essa importância. Devemos levar em consideração que reivindicações estavam sendo gestadas pelo movimento feminista:

O sexismo, que, como princípio político, faz uso do discurso da diferença natural entre os sexos para justificar as desigualdades em matéria de direitos políticos, torna-se um problema para o regime republicano brasileiro e vira bandeira de luta dos movimentos feministas, que dão seus primeiros passos no território nacional e em outras partes do mundo (NASCIMENTO, 2013, p. 43).

Desse debate surge uma enquete que levanta o seguinte questionamento: “É bom ou mau o voto feminino?”. As opiniões vão desde as que concordam que deve haver essa igualdade do ponto de vista da democracia e entre os sexos, desde as que afirmam a responsabilidade da mulher com o lar e os filhos<sup>95</sup>. A questão da participação política que se tem como pretensão que se inicie através do voto, acaba que para algumas pessoas estava atrelada as funções domésticas. A mulher poderia

---

<sup>95</sup>Ibid, p. 45.

desenvolver sua cidadania, mas a grande preocupação seria o abandono das funções domésticas.

Como a sociedade condicionava as mulheres nos momentos oportunos, “é preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las” (PERROT, 2007, p. 93). Primeiro a rua não é considerada apropriada para as mulheres, pois eram locais perigosos. Mas a situação financeira se modifica e o trabalho nos espaços públicos, ou seja, fora do âmbito doméstico que seria considerado seguro agora é permitido e até benéfico. Assim a sociedade produz seus “contratos de compatibilidade” (CERTEAU, 2008, p. 45) tornando certas práticas permissivas. O movimento integralista era de caráter nacional e tinha como pretensões atingir o maior número de pessoas, dessa maneira deu legitimidade e vozes as mulheres pernambucanas dentro desses contratos já citados.

A criação de um departamento feminino surge como uma maneira de deixar claro para as mulheres quais seriam suas funções dentro do integralismo. Aos homens caberia a direção do país para o rumo certo e as mulheres deveriam edificar o lar e a família. A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos foi criada em 1936 (CAVALARI, 1999:83), tendo como finalidade coordenar as atividades femininas, prestando sempre obediência e disciplina ao Chefe nacional, tendo as seguintes divisões: expediente, cultura physica, educação, estudos e acção social. As chefes dos departamentos deveriam enviar mensalmente um relatório (até o dia 5 de cada mês) das atividades ao chefe do departamento nacional.

Na Província de Pernambuco, como era chamado o estado pelos integralistas, não ficaria a parte dessa solenidade<sup>96</sup>. Percebemos que as mulheres que ocupavam cargos de chefia ou mesmo que proferiam discursos, em sua maioria, eram letradas, geralmente professoras, profissão considerada adequada para a mulher da época. “Na última reunião apresentou um interessante trabalho sobre a doutrina integralista a companheira Professora Maria de Lourdes Mousinho que focalizou ainda com precisão e inteligência o papel da mulher no integralismo<sup>97</sup>”.

---

<sup>96</sup>“Instalou-se solenemente no dia 18 do corrente ano, em sua sede, a rua Barão de São Borja, 98, o Departamento Feminino. Presidiu a reunião o chefe provincial, ladeado pelo secretário do D. P. O. P., e por Anita Pires, nomeada secretaria geral do D. F., que já conta com numerosas adeptas. **Jornal Ação** – Quinzenário de propaganda integralista. Recife, 30 de Setembro de 1934.

<sup>97</sup>**Jornal Ação** – Quinzenário de propaganda integralista. Recife. 10 de Novembro de 1934.

Segundo o regulamento da SNAFP (Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos) faz-se necessário criar uma consciência feminina de acordo com os princípios integralistas e uma atividade que desperte a habilidade da mulher brasileira para o cumprimento da sua missão na família e na pátria, sendo assim o trabalho era permitido em casos excepcionais “corresponde a parte principal ao marido em assegurar a subsistência e o futuro das pessoas da casa, nas determinações que envolvem esse futuro<sup>98</sup>”.

Havia, na cidade do Recife, diversas sedes do movimento espalhados por bairros como Santo Amaro, Afogados, Pina, São José, Tacaruna, Cordeiro, Olinda, Beberibe, Campo Grande, Torreão, Encruzilhada, Mustardinha, Torre, Estrada dos Remédios, Boa Vista, Areias, Tejipió e Caxangá que eram chamados de núcleos distritais, e um Departamento Feminino que contava como chefe a senhora Maria de Lourdes Mousinho e como chefe do Gabinete, D. Maria do Carmo, que, juntas, coordenavam as atividades voltadas para as mulheres e crianças, sendo essas atividades sempre respaldadas pelo discurso integralista.

Os municípios de Pernambuco tinham, uma grande parte, núcleos integralistas. odemos citar: Limoeiro, Itambé, Queimadas, Surubim, Nazareth, Aliança, Paud’alho, Vicência, Tiúma, Altinho, Cabrobó, Bebedouro, Gameleira, Ribeirão, Goyanna, Agua Preta, Garanhuns, Caruaru, Pesqueira, Palmares, Victoria, Petrolina, Triumpho, Floresta, Gravatá, Quipapá, Canhotinho, Afogados da Ingazeira, Marayal, Bezerras, Correntes, São José do Egyto, Flores, Catende, Timbaúba, Ferreiros, São Vicente, Gravatá e etc.

Como consta no documento abaixo em alguns desses núcleos tinham mulheres como chefes como é o caso do município de Queimadas que foi fundado em 1935 e a senhora Carmem de Almeida consta como chefe do citado núcleo integralista. No Município de Sirinhaém a senhora Maria do Carmo Leitão a frente de mais um núcleo integralista. No caso do município de Afogados da Ingazeira foram encontrados dois nomes para a chefia do referido núcleo, pode ser que tenha ocorrido em ocasiões diferentes. O núcleo foi fundado em 1935 e consta o nome da senhora Maria do Carmo Campos

---

<sup>98</sup> Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos. **Prontuário Funcional 5996**. Recife, DOPS/APEJE.

Como citado anteriormente a SNAFP foi criada em 1936 e já em 1935 nos documentos produzidos pelo movimento integralista em Pernambuco constavam mulheres como chefes do núcleo dos referidos municípios. Em muitos desses municípios havia um índice de analfabetismo elevado para a época. O movimento integralista defendia a educação feminina pautada nos conhecimentos voltados para o lar, mas também a educação escolar que seria as primeiras letras e principalmente a História do Brasil.

Segundo Plínio Salgado (1947, p. 55), é um absurdo a mulher não ser instruída, perdendo na civilização burguesa e sem Deus todos os fundamentos da sua eficiência mental e da sua grandeza moral. Pela cultura da época não acreditamos que a mulher a frente de um núcleo integralista seria a primeira opção, mas justamente pela ausência de alguém letrado que ocupasse a vaga alguma mulher ficaria à frente de um núcleo sob a supervisão masculina.

Figura 9: Núcleos com os seus respectivos chefes

419

**ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA**  
SECRETARIA PROVINCIAL DE FINANÇAS

Provincia de Pernambuco Depart.º

**Nucleos com os seus respectivos Chefes.**

AQUA-PRETA.....	Waldemar Lessa
AFOGADOS DE INGAZEIRA.....	Newton Cezar Lima
ALIANÇA.....	Francisco Pezeira de Assis
ALTINHO.....	Joaquim Diniz
ANGELIM, (NEVES).....	Antônio Tenorio Cavalcante
BARREIROS.....	Vinício Fonseca de Meraís
BEBEDOURO.....	Heretiane Ceute
BEZERRAS.....	Antônio Sales de Melo
BOM-CONSELHO.....	Lucie Duarte
BOM-JARBIM.....	Manoel Maria de Castro
BONITO.....	Heiter Rangel
BEIMONTE.....	Joaquim Nevais
CARUARU.....	Belisio Gerdula
CATENDE.....	Ely Gurjão
CORRENTES.....	José Ouiriques de Freitas
SAHROBÓ.....	Luiz Leitão
CANHOTINHO.....	José Sizenande Lira (Eng. Great)
CUSTODIA.....	Antônio Flerencio Góes
FLORES.....	Manoel Ribeiro
FLORESTA DOS LEÕES.....	João Pessoa Petribú
FREI CANECA.....	João Pestana
GAMELEIRA.....	Carlos Farias Neto
GRAVATA.....	Antônio Farias Capueiro
GARANHINS.....	Dr. Eurico Pentes Lira
GLORIA DO GOITÁ.....	Petenciane Celestine
GOIANA.....	Rui Rufino Alves
ITAMBÉ.....	João Nunes da Silva
LIMOEIRO.....	José Leurenço de Lima
JABOATÃO.....	Amare Simone
MARAIAL.....	José Luiz da Silva
MORENOS.....	Odilon de Figueiredo
MOXOTÓ.....	Prof. Otavio Paiva
MAZARE.....	João Brazacury
OURICURÍ.....	Francisco da Silva Neto
PALMARES.....	João Costa
PANELAS.....	Leurival de Miranda Galyão
PAU D'ALHO.....	Pedro Vasconcelos Beltrão
PESQUEIRA.....	Genesis Resas
PETROLINA.....	Oswaldo Moura
QUEIMADAS.....	D. Carmen de Almeida
QUIPAPÁ.....	Cernelio Gomes Leal
RIBEIRÃO.....	Luiz Beltrão (ENG. INGAÍ)
SALGUEIRO.....	João Leite
SÃO BENTO.....	José Aprigio de Cerqueira
SÃO JOSÉ DO EGITO.....	Esperidiao Velese
SÃO VICENTE.....	Ludovice Gerreia Guedes
SERINHEM.....	Maria de Carmo Leitão
TIMBAUBA.....	D. Roberto Monteiro Lopes
TIUMA.....	Dr. José Sales de Melo

Fonte: **Prontuário Funcional N° 4938**. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

Em contato com a documentação não temos como saber de que maneira se dava essa relação da chefia nos núcleos integralistas. O modo como às mulheres estavam para a política era diferente dos homens. Era uma participação extensiva do lar, pois as mulheres tinham que se dedicar as obras assistencialistas. O movimento integralista construiu uma verdadeira rede de ajuda aos mais necessitados, resultando numa troca. As mulheres eram úteis ajudando e disciplinando quem estivesse fora da norma. Essa norma dizia respeito as mulheres que tivessem voltadas para a edificação da família. Pois o lugar apropriado para as mulheres e seguro seria a casa e não ocupando a rua e se tivessem que ocupar teria que ter cuidado. “A casa é, com certeza, o lugar das mulheres, mas também o da família e fronteiras complexas regulamentam a sua circulação e a distribuição de suas peças” (PERROT, 2005, p. 462). E as mulheres integralistas se dedicavam as obras assistencialistas pelo Brasil:

Installou 3.246 nucleos municipaes, onde exerce uma obra educacional e de assistência social notabilíssima, mantendo mais de 3.000 escolas de alfabetização, mais de 1.000 ambulatorios médicos; centenas de lactários; numerosos gabinetes dentários e farmacias; centenas de campos de sport; centenas de bibliotecas<sup>99</sup>.

E essas obras aconteciam nos núcleos de todo o Brasil, tanto que uma militante integralista escreve um poema citando essas práticas. No primeiro Congresso Provincial Feminino realizado na cidade de Caruaru, a integralista Albertina Lagos oferece o poema a Plínio Salgado “Lição Materna ou Heroísmo Pliniano”<sup>100</sup>.

Lição Materna ou Heroísmo Pliniano<sup>101</sup>

### III

Não teme o integralista ao inimigo  
Porque a benção de Deus leva consigo.  
Avança, garboso, radiante e forte  
Afrontando, sereno, a própria morte.  
Que lhe importa a vida preciosa,  
A mocidade fremente e radiosa  
Li, “pelo bem do Brasil” estremecido  
Tudo enfrenta p’ra vê-lo redimido?  
Agóra, meu filho, convém que fiques só,

---

<sup>99</sup> Folha Corrida. **Prontuário Funcional Nº 1066-B**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

<sup>100</sup> “Parte” da Polícia – **Pasta 1066** – APEJE/DOPS

<sup>101</sup> Manuscritos – Congresso Feminino. **Prontuário Funcional Nº 1066** – DOPS. APEJE. As transcrições documentais foram feitas na íntegra, respeitando a ortografia do período, década de 1930.

Entregue aos carinhos da vovó...  
O dever me chama a dispensar  
Meus serviços num meio hospitalar.  
De teu pai, mais facilmente obterei  
Boas notícias que l'as enviarei...”  
- “Não, mamai; não ficarei com a vovó,  
Longe de ti e de papai, tão só.  
Irei contigo servir no hospital  
Até dos nossos a victoriatriumphal”.  
Levar, resolve, a mai, o seu filhinho,  
O seu meigo e inocente Luizinho.

Albertina Lagos

A mãe explica ao filho o desfile integralista que ele acaba de presenciar “Meu filho: estes soldados que desfilam, cujas armas à diurna luz scintilam, a pátria estremecida vão salvar, contra os que querem aniquilar. São os camisas verdes ardorosos, do sigma os soldados valorosos”. Em outro verso a mãe anuncia ao filho que precisa se retirar, pois o dever lhe chama “o dever me chama a dispensar, meus serviços no meio hospitalar”. Como já fora citado anteriormente eram oferecidos serviços de enfermagem, nos núcleos do estado de Pernambuco não foram encontradas informações referentes a esses serviços.

Na cidade do Rio de Janeiro encontram-se os prontuários da Escola de Enfermagem Integralista, que compõem o acervo criminal da Polícia Política. Na seção médica eram organizados cursos especializados de enfermagem, sendo assim em 3 de outubro de 1935 foi inaugurada a primeira escola integralista de enfermagem, na Província da Guanabara (SIMÕES, 2012, p.145).

A estrutura e o programa do curso foram elaborados com o auxílio de diversos médicos. A escola integralista de enfermeiras era subordinada a Divisão de Assistência Social do Departamento Provincial Feminino e tinha como objetivo formar enfermeiras profissionais com a finalidade de servirem nos trabalhos gerais ou especializados das clínicas privadas, hospitais e, se necessário, nos serviços sanitários nacionais. A professora Maria Ribeiro dos Santos Teres, no primeiro dia de aula do curso afirmou a importância de agregar teoria e prática no processo de ensino aprendizagem:

Ainda nesse discurso, foram pontuados os atributos necessários para o trabalho de enfermagem, entre eles a abnegação, a paciência, a renúncia, a ilimitada capacidade de sacrifício. Para Teres, esses atributos as mulheres da AIB possuíam, e ela justificou sua

afirmação com essas palavras: “[...] sois integralistas! Abraçastes uma doutrina que conduz à espiritualidade” uma doutrina que conduz ao “amor, à ternura”. Logo depois de findado o discurso, ela ministrou a primeira aula do curso provisório que duraria pouco mais de dois meses ( PAVA; NEVES, 2011, p. 146).

O curso de enfermagem foi uma oportunidade para que as mulheres se profissionalizassem. No Brasil, a profissionalização do ensino de enfermagem teve início com o decreto Nº 791/1890 e somente poderiam ingressar nas escolas mulheres brancas. Sendo inaugurada a primeira escola de enfermagem, denominada de Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados (EPEE) com a finalidade de preparar enfermeiros e enfermeiras para os hospícios e hospitais da República.

Os cursos de enfermagem elegeram as qualidades femininas (cuidado, dedicação e sacrifício) como sendo ideais para o cuidado dos enfermos e o movimento integralista utilizou desse espírito humanitário das plinianas para que elas estivessem sempre à disposição do cuidado com o outro. O movimento integralista encarava o Brasil como uma grande família e as mulheres eram consideradas as mães da Pátria, e a sociedade construiu um símbolo de cuidado e ternura em torno da figura materna. Dessa maneira a enfermagem, a educação foram campos considerados como a extensão do lar e eram permitidas as mulheres estarem atuando nessas funções.

No campo educacional as escolas eram destinadas as pessoas que não tinham oportunidade de se alfabetizar, segundo Simões (2006, p.4) “outras vozes afirmarão que as mulheres têm, por natureza, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e naturais educadoras, sendo o magistério o prolongamento da atividade exercida no lar”. Principalmente em 1937 quando a AIB convoca as mulheres para alfabetizarem os militantes, buscava-se ensinar os brasileiros a ler e escrever para que pudessem obter o título de eleitor, votando no chefe nacional.

Os integralistas tinham como missão a construção do estado integral sendo o povo educado e disciplinado no movimento. Para eles o comunismo<sup>102</sup> seria a ruína da sociedade por isso deveria ser combatido. A companheira Anita Pires se manifesta em

---

<sup>102</sup> O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana, para melhor escravizar o homem a coletividade; destrói a religião para melhor escravizar o ser humano aos instintos; destrói a iniciativa de cada um, mata o estímulo, sacrifica a humanidade inteira por um sonho falsamente científico. BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista deve saber**. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira – 1935 p.27.

um comício em Casa Amarela “profligou em linguagem veemente os torpes processos que veem sendo postos em pratica pelo comunismo, na sua campanha nefasta contra a nação<sup>103</sup>”.

O estado de Pernambuco como citado acima teve muitos núcleos espalhados pelos municípios. De acordo com as condições financeiras dos/das militantes esses núcleos tinham diversos segmentos sociais. Era paga uma taxa mensal para manter os custos com as despesas dos núcleos, a taxa do sigma.

De onde saíra o dinheiro para tudo isso? Dos verdadeiros integralistas que não medem sacrifícios para victoria do seu ideal. Dahi a resolução do chefe nacional, que por decreto de 15 de janeiro de 1935 instituiu uma contribuição mensal que sendo pequena está ao alcance de todos Integralistas, denominada “Taxa do Sigma<sup>104</sup>”.

Em alguns municípios os militantes não tinham condições financeiras e às vezes o chefe do núcleo mantinha alguns custos. Eram alguns desses segmentos oferecidos nos núcleos: lactários, escolas, bibliotecas, cursos, divisão de educação física, divisão de economia doméstica, ação social, ou seja, atividades que contribuíssem para que o/a militante obtivesse conhecimentos para melhor atuar no espaço público e privado.

Mensalmente eram enviados relatórios a sede provincial que ficava na cidade do Recife com o funcionamento dos núcleos integralistas. O núcleo provincial localizado na cidade do Recife<sup>105</sup> encontrava-se na Rua Barão de São Borja, Nº 204, Bairro da Boa Vista, posteriormente sendo na Rua da Aurora, Nº 49, 2º andar. O chefe Provincial era o Dr. Andrade Lima Filho e o departamento Feminino era dirigido pela Sra. Maria de Lourdes Mousinho.

Em nome do núcleo provincial da “Ação Integralista Brasileira” em Pernambuco, comunico a V.Excia. que esse movimento ideológico está sendo controlado nesta Província por uma Comissão Coordenadora composta dos Drs. Pedro Correa de Oliveira Andrade, Franclin Farias Neves, Gilberto Osorio de Andrade, Andrade Lima Filho e Alvaro Lins. Assim como comunico também a V.Excia que

---

<sup>103</sup> **Jornal Ação.** Quinzenário da propaganda integralista. Recife, 14 de Outubro de 1934.

<sup>104</sup> **Prontuário Funcional Nº 1066 – B.** DOPS/APEJE.

<sup>105</sup> **Prontuário Funcional Nº 4938.** Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

a nossa sede fica situada a rua da Aurora, n. 49, 2º andar, onde realizamos reuniões públicas às quintas-feiras, as 20 horas.

O núcleo de Rio Branco (Arcoverde) foi instalado em dois de maio de 1937<sup>106</sup>, foram inscritas 19 pessoas no dia da instalação do núcleo. Havia 25 integralistas maiores de 18 anos, esse núcleo foi visitado por três caravanas. No dia da inauguração, após isso mais duas: “Bandeira da Renúncia” e a “Bandeira da Vitória”.

O único orador que existiu no núcleo é o chefe municipal que é o senhor Antônio Napoleão Arcoverde. Havia um jornal que era financiado pelo chefe municipal, pois o núcleo não tinha condições financeiras para isso. Funcionava uma escola primária e no relatório enviando mensalmente a Província de Pernambuco constava as seguintes informações:

SEDE –A nossa sede aqui já está provida de iluminação elétrica. Nela está funcionando sob as minhas vistas e sob a minha direção uma escola primária, não tenho ainda o povo compreendido a necessidade de aprender a ler. Estou fazendo esforços superiores às minhas forças para transformar a escola em uma escola mesmo. Mais de 20 pessoas estão matriculadas, porém a frequência é sempre da metade.

Pelo Bem do Brasil!

Anauê:

Antonio Napoleão Arcoverde

Chefe Municipal<sup>107</sup>

E foram eleitos os seguintes vereadores: Euclides Arantes, Emídio Guimarães, Alvaro de Lima Soares, Julio Pacheco Freire, Antonio Napoleão Pacheco, Arcelino de Brito Cavalcanti, Dr. Augusto Fernandes Viana, Pedro Pacheco Luna e Antonio Pacheco de Albuquerque. O chefe municipal da cidade de Rio Branco escreveu uma carta ao Secretario Provincial de Estudos na cidade do Recife apresentando as dificuldades em fundar a Secretaria de Estudos. Ele afirmou que não existiam pessoas capacitadas no núcleo para que possa exercer tais funções. E reitera: “Tenho que me

---

<sup>106</sup> **Prontuário Funcional N° 4938.** Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE

<sup>107</sup> **Prontuário Funcional N° 4938.** DOPS/APEJE.

desdobrar. Até de professor primário e noturno estou servindo, contanto que obtenhamos o maior número possível de eleitores, que serão feitos pelos políticos<sup>108</sup>”.

No núcleo integralista da cidade de Rio Branco, atualmente conhecida como Arcoverde há uma lista dos integralistas inscritos, datado de 8 de novembro de 1937<sup>109</sup>. Nessa lista constam nomes de homens e mulheres, a maioria são homens e constam as suas profissões, no caso das mulheres somente encontramos seus nomes.

Nem todas as militantes do movimento integralista possuíam todas as características nas suas fichas, muitas vezes era a mulher de fulano. Segundo Soihet e Pedro (2007: 281, 282) “Falar de Mulher na história significava, então, tentar reparar em parte essa exclusão, uma vez que procurar traços da presença feminina em um domínio sempre reservado aos homens era tarefa difícil”.

O núcleo de Petrolina<sup>110</sup> foi fundado em 7 de outubro de 1934, dez pessoas se inscreveram no dia da instalação do núcleo. Estavam inscritas 35 mulheres na divisão municipal feminina (DMF) e na divisão municipal de jovens (DMJ) tinham 53 jovens inscritos. Nenhuma caravana visitou esse núcleo, havia dois núcleos distritais nesse município. Existiam dois núcleos distritais localizados no município de Afrânio, o chefe distrital era o senhor Benedicto Ferreira Ramos e no município de Jatobá da Santa Bárbara sob a chefia de João Pires.

O núcleo conta com oito oradores, mas não tem jornal integralista local. Há uma biblioteca no núcleo contendo 45 volumes. Segundo o questionário o núcleo possui condições financeiras e conta com duas escolas integralistas. Em média frequentam trinta alunos. Foram eleitos dois vereadores: Antonio de Almeida Carvalho e Oswaldo Mourão. Sendo o segundo o chefe do núcleo e o Secretario de Propaganda é o Sr. Sebastião Ferraz de Campos.

O núcleo da cidade de Palmares contava com o chefe municipal José Calazans Alves de Araújo, oficial de Gabinete Biezer Carlos Albuquerque, Secretario de Finanças Antonio José G. Becco, Secretario de Propaganda Antonio Justino Paixão,

---

<sup>108</sup> ARCOVERDE, Napoleão. **Gabinete da Chefia**. Do chefe municipal de Rio Branco. Ao Secretario Provincial de Estudos. Recife, 9 de junho de 1937.

<sup>109</sup> **Prontuário Funcional N° 4938**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

<sup>110</sup> **Prontuário Funcional N° 4938**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

Secretario de Educação Sebastião Nunes Miranda, Chefe do Departamento e Arregimentação Feminina da Juventude Maria José Rogério.

Nesse núcleo há uma escola primária na própria sede com aulas diurnas e noturnas, com matriculas de 24 alunos e frequência de 10 a 14 alunos. Eram os professores o chefe municipal e a chefe do Departamento e Arregimentação Feminina da Juventude. Estavam inscritos 114 associados, havia uma frequência média de 30 a 45 integralistas. As sessões eram realizadas nas quartas feiras de 20 às 21 horas e as sessões femininas ocorriam aos sábados nos mesmos horários. Havia também uma biblioteca com inúmeros volumes de propaganda do Sigma e outros diversos<sup>111</sup>.

No mesmo prontuário, datado de 15 de maio de 1937 através do envio de um relatório. Os núcleos deveriam enviar mensalmente um relatório informando a situação dos núcleos distritais que enviavam para os municipais que assim enviavam para a sede em São Paulo. Tomando conhecimento, também, do relatório enviado, fico sciente de que há, em Palmares, nesta data, 95 camisas verdes, sendo:

Camisas verdes, adultos, do sexo masculino	45
Blusas verdes adultas, do sexo feminino	19
Plinianos	20
Plinianas	11
Total	95

Fonte: PALMARES, 30 de Abril de 1937. **Prontuário Funcional Nº 4938**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

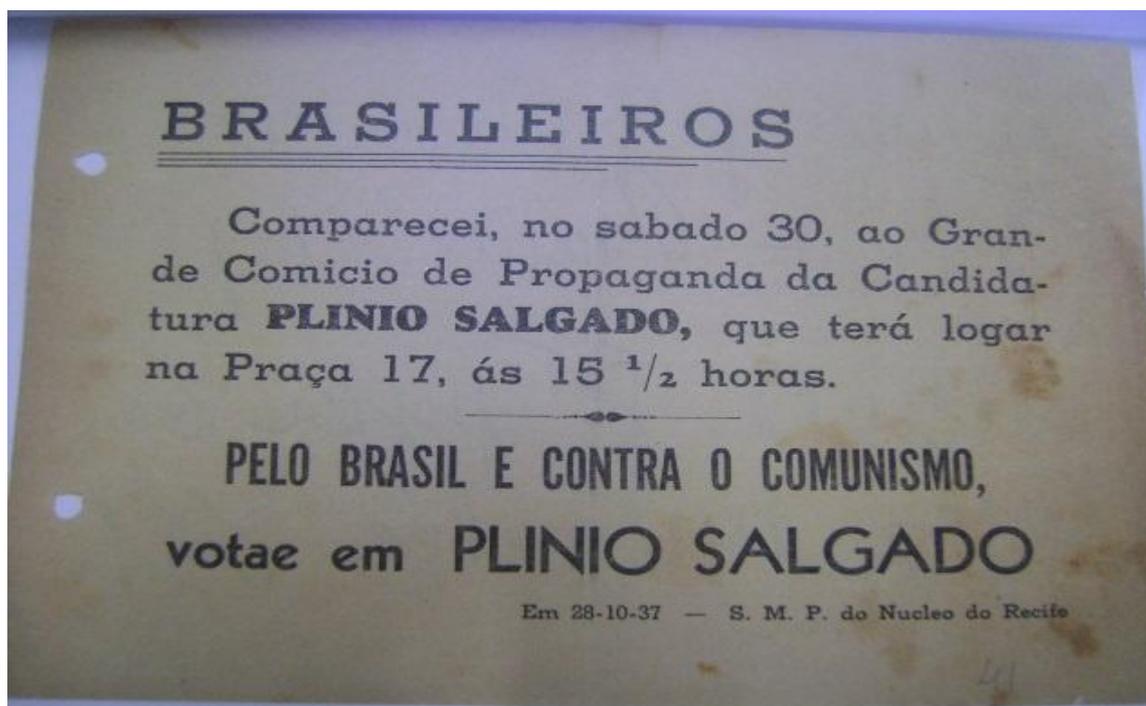
Em relação as escolas há uma ressalva em relação as famílias pobres, para que mandem seus filhos à escola, a qual não exige uniforme novo, nem especial, nem que estejam calçados, nem que levem chapéus. Compareçam à escola da maneira que puder contanto que aprendam a ler e assinar o nome.

<sup>111</sup> PALMARES, 30 de Abril de 1937. Núcleo Municipal da Ação Integralista Brasileira nesta cidade. Séde rua Coronel Austiclinio, nº 199. **Prontuário Funcional Nº 4938**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

No estado de Pernambuco houve 66 núcleos, dos quais 12 localizados na cidade do Recife e na região metropolitana e 54 nas cidades do interior<sup>112</sup>. Percebemos que em alguns núcleos não houve êxito, devemos levar em consideração as especificidades de cada lugar. Como já foi mencionado o apoio das famílias locais eram indicativos do sucesso ou fracasso das ideias integralistas. Eram os moradores locais que se empenhavam em manter os núcleos, como foi visto no núcleo da cidade de Rio Branco.

A Ação Integralista Brasileira, a partir do II Congresso Integralista realizado na cidade de Petrópolis em 1935, torna-se partido político, sendo aprovado pela Justiça Eleitoral em 1937. Por todos os núcleos do Brasil há um intenso apoio, o que facilitou a realização de comícios para a candidatura de Plínio Salgado. O processo eleitoral deveria ser realizado no dia 03 de janeiro de 1938, mas não aconteceu por conta do golpe de Estado de Getúlio Vargas.

**Figura 10:** Campanha eleitoral de Plínio Salgado



Fonte: **Prontuário Funcional N° 1066-B** (Boletins de Propaganda) DOPS/APEJE.

Nesse momento o fato das mulheres estarem nos espaços públicos era um fator de menor importância, pois, a mobilização girava em torno da construção de um

<sup>112</sup> VER: SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista Brasileira em Pernambuco (1932-1937)**. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH, 1996.

eleitorado integralista. Afinal de contas até esse momento eram as mulheres as principais alfabetizadoras e de acordo com a código eleitoral de 1934<sup>113</sup>:

Art. 108 São eleitores os brasileiros de um ou de outro sexo, maiores de 18 anos, que se alistarem na forma da lei.

Parágrafo único – Não se podem alistar eleitores:

- a) Os que não sabem ler e escrever;
- b) As praças-de-pré, salvo os sargentos, do Exército e da Armada e das forças auxiliares do Exército, bem como os alunos das escolas militares de ensino superior e os aspirantes a oficial;
- c) Os mendigos;
- d) Os que estiverem, temporária ou definitivamente, privados dos direitos políticos (CONSTITUIÇÃO, 1934)

Entre as pessoas que não podiam se alistar estavam as que não sabiam ler nem escrever, o que nesse momento seria um empecilho para o eleitorado integralista. Que agregava nas suas fileiras pessoas analfabetas, pois em muitos municípios o índice de pessoas sem saber ler e escrever era elevado. No documento em que as mulheres foram convocadas percebemos uma certa urgência na convocação das “blusas verdes” para que fosse alfabetizado o maior número de pessoas possíveis.

O discurso antes das eleições estaria mais voltado para as mulheres e suas funções no lar, pois ela seria a responsável por educar os futuros filhos da Pátria, mas sem esquecer da sua verdadeira vocação.

Já com a proximidade das eleições do chefe nacional, a disposição das mulheres deveriam ser direcionadas para o voto. Havendo dessa maneira uma participação maior das integralistas no convencimento para que outras mulheres e homens pudessem aprender a ler e escrever para que pudessem exercer sua cidadania, com a intenção de votar no integralismo

Marieta Kendall destacou que as militantes deveriam provar às Patrícias que erroneamente ainda julgassem que a mulher não deve se intrometer na política, “abrindo mão de um direito que lhes confere as leis do país”, as contribuições que poderiam oferecer para que fossem eleitos “brasileiros dignos de governar” o Brasil, ou seja, candidatos integralistas (KENDALL apud: SIMÕES, 2014, p. 14).

---

<sup>113</sup> Disponível em: <<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm)>> acesso em Outubro de 2015.

Era nesse momento exaltada a participação das mulheres na política, elas estavam vivenciando uma cultura política do seu tempo. Que pode ser caracterizado como um conjunto de normas, valores, atitudes, crenças, linguagens e imaginários, partilhados por determinado grupo, e tendo como objeto fenômenos políticos (MOTTA, 1996, p. 95). O movimento integralista estava imerso numa série de normas rígidas, tanto que as ordens do chefe nacional, Plínio Salgado, não poderiam ser contestadas e as informações circulavam com todo o cuidado para que houvesse uma unanimidade nas diretrizes dentro dos núcleos. Os valores cristãos eram constantemente lembrados aos militantes integralistas, tanto que a família era considerada o pilar da sociedade. As crenças, linguagens e imaginários faziam parte de toda a cultura política construída pelo movimento no cotidiano.

A inserção feminina num movimento de cunho familiar foi uma estratégia de direcionar o papel das mulheres na sociedade. O movimento integralista não apoiava as mulheres que tinham como desejo a emancipação. Os gêneros masculino e feminino eram considerados diferentes e cada um deveria assumir seu papel social.

Em relação a esses papéis muitas foram as variáveis que estiveram em voga nesse jogo de poder. A documentação nos apresenta núcleos que apresentavam dados devidamente organizados, pois segundo as diretrizes do próprio movimento mensalmente deveriam ser enviados informações atualizadas. Denotando assim um controle de quem entrava e saía dos núcleos, em algumas reuniões eram relatados os ocorridos e muitas vezes os desentendimentos. Devemos levar em consideração que era um movimento político que agregava pessoas de norte a sul do Brasil composto por homens, mulheres e crianças. Pessoas que foram educadas pelos mais diversos valores e crenças que se apropriaram das ideias integralistas da maneira que lhe foi conveniente.

A participação feminina nas fileiras do Sigma foi de forma alguma neutra ou mesmo de submissão. Tanto que para muitas dessas mulheres a sua contribuição iria somar para a mudança do país<sup>114</sup>. Apesar de oficialmente o espaço privado ser considerado como o espaço mais apropriado para as mulheres, em muitas ocasiões ocupavam o espaço da rua. Principalmente em busca de interesses eleitorais para que o maior número possível de pessoas fossem alfabetizadas. Através dessas ações o

---

<sup>114</sup> Ver: CARNEIRO, 2006.

movimento integralista proporcionou a essas mulheres oportunidade de ocupar outros papéis e espaços. Apesar das delimitações existentes para a época direcionada as mulheres, devemos ressaltar que em relação aos aspectos sociais houveram avanços. A participação política trouxeram para essas mulheres outras vivências e aprendizados, podemos levar em consideração que algumas puderam aprender um ofício.

As mulheres faziam parte de um discurso dúbio e de conveniência ao movimento integralista. Nas possíveis situações que estivessem inseridos novos discursos iam sendo readaptados como foi no caso das mulheres irem a rua. Em alguns momentos elas eram exaltadas como as que deveriam manter a moral e dessa maneira deveriam edificar o seu lar. Em outros momentos elas eram convocadas a discursar a respeito das situações em que vivia as mulheres que estavam na rua, condição considerada perigosa para o sexo feminino. Enfim as mulheres engrossaram as fileiras integralistas por muitos motivos e exerceram diferentes papéis sejam eles de crença pela causa ou oportunidade social.

## TERCEIRO CAPÍTULO

### A MILITÂNCIA POLÍTICA DAS MULHERES INTEGRALISTAS DA PROVÍNCIA DE PERNAMBUCO

#### 3.1 A participação política da mulher integralista

O lugar que cabia a mulher da década de 1930 era o tradicional papel de mãe, esposa e dona de casa. Ao pensar nos grandes avanços que tivemos e no protagonismo feminino na política em décadas recentes, com mulheres assumindo espaços e cargos públicos, que antes eram dominados pelo sexo masculino, é importante refletir a ação de mulheres consideradas da direita conservadora e tradicional, a exemplo das Integralistas, a fim de contribuir para uma concepção mais ampla da História das Mulheres na primeira metade do século XX.

Observe-se que a participação política e cultural das mulheres integralistas resultaram numa série de atividades que nem mesmo a feminista e a mulher de esquerda tiveram a oportunidade de exercer naquele momento de luta pelo voto: dentro dos núcleos integralistas, espalhados em todo Brasil, elas assumiram o dever de educar para o Voto. Plínio Salgado, o líder do movimento e interessado em adquirir votos para sua candidatura à Presidência da República, questionava a participação da mulher em cargos que pertenciam ao homem, era contra a disputa de empregos entre mulheres e homens. Contudo, o setor da educação das crianças, de outras mulheres e dos analfabetos, que era em grande número na década de 1930, deveria ficar a cargo das Plinianas, conforme se lê nos documentos internos do Departamento Feminino da AIB.

Nesta atividade de educar outros, as *Plinianas* também deveriam propagar a ideologia do movimento e fazer campanha para o Chefe, Plínio Salgado. Além disso, elas deveriam educar e orientar sobre os valores morais envolvendo as condutas aceitas pela sociedade da época, incluindo orientação sexual, para o Lar e para a educação dos filhos, de acordo com a Cartilha da AIB, cujo lema central, como já

dissemos, era “Deus, Pátria e Família”, como o tripé que sustentava a sociedade. E, ainda atuavam num campo assistencialista, como veremos mais adiante.

Desta forma, a militância política das integralistas estava atrelada as práticas sócio culturais que envolvia desde as práticas assistencialistas até a instrução primária e alfabetização. Para o integralismo a nação estava sustentada pelas famílias, dentro destas a mulher era considerada uma figura muito influente porque ficava encarregada de cuidar da educação dos filhos da família e dos filhos da pátria. No campo do assistencialismo, o lugar que o movimento integralista vai eleger para as mulheres será nesse papel de grande mãe que cuida dos necessitados.

É importante destacar que, o movimento integralista era antifeminista e nesse sentido, se contrapunha a um discurso emancipatório da mulher, reforçando uma ideologia que colocava a mulher em um lugar de submissão, voltada aos afazeres domésticos. Plínio Salgado (1947) afirmava que na busca por esse caminho de igualdade, a mulher seria desviada do seu caminho natural. A mulher deixaria de considerar o lar como sendo o centro da sua atividade principal e passaria a viver mais na rua, do que no remanso fecundo e cheio de misteriosos encantos do recolhimento doméstico. “A mulher desvaloriza-se na indistinção dos sexos, e, em consequência, o homem rebaixa-se perdendo o teor viril, porque nos países onde a mulher se masculiniza, o homem também se torna efeminado” (SALGADO, 1947, p. 108).

Essa participação política nos moldes integralistas não dizia respeito à emancipação que era reivindicada pelos movimentos feministas da época. O integralismo era contra a mulher independente porque considerava que prejudicava toda família. Na concepção da AIB as mulheres deveriam ser agregadas nas suas fileiras porque o movimento era de caráter familiar. Por outro lado, ao agregar as mulheres nas fileiras dos desfiles, colocar para ela o dever de preparar a população que aceitava adentrar na AIB para o voto, atuar no campo social e cultural não deixava de ser ações que muitas feministas e mulheres de esquerda ainda não haviam conquistado.

Não é sem razão que alguns autores vão defender uma posição modernista e de vanguarda em Plínio Salgado e na AIB no contexto da década de 1930, onde as mulheres tinham poucos direitos e seus deveres eram muito limitadas à vida doméstica. Observe-se que não estamos aqui dizendo que as Plinianas eram melhores

que as feministas ou as mulheres de esquerda, estamos registrando que o fato delas terem adentrando no campo de ação política, cultural e social muito mais do que aquelas, obviamente, defendendo suas ideologias, a da direita conservadora. Ou seja, iam à rua em desfiles e comícios políticos para dizer para as mulheres que seus lugares era dentro do seio da família, cuidando dos filhos e do marido. Por outro lado, não se pode negar que as integralistas tiveram uma participação política e cultural muito ativa dentro da Ação Integralista, com grande influência na formação ideológica e social entre aqueles que aceitaram a AIB e mesmo entre a população mais pobre, onde elas acabavam atuando no campo assistencialista.

Segundo Giselda B. Silva, a AIB-PE não atuava apenas entre os adeptos, tinha um campo de ação educativa e assistencialista que atraía outras pessoas. Principalmente, depois de 1936 com a candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República:

A partir deste momento, alguns dos novos departamentos e secretarias passaram a fazer um levantamento dos integralistas eleitores e dos não eleitores. Foram também instalados, em diversos núcleos e escolas integralistas, postos para tirar o título de eleitor dos que não possuíam este documento. Nestas escolas integralistas, além de doutrinar-se para o movimento também passaram a alfabetizar para o voto.

Esta nova organização do integralismo atraiu muitos adeptos. Especialmente, as escolas integralistas que eram muito importantes nas áreas onde havia muitos analfabetos e poucas escolas. Os pais que não tinham condições financeiras, e nem estavam ligados a um proprietário contrário à atuação do movimento, normalmente enviavam seus filhos a estas escolas e, aos sábados, participavam das reuniões do integralismo. Alguns núcleos, que conseguiram apoio financeiro, atraíram famílias pobres com o trabalho de assistência social. Criaram o projeto “amparo social”, executado pelas “Blusas-Verdes”, onde ofereciam laticínios, enfermarias, ambulatórios, etc. (SILVA, 1996, p.46)

Internamente e externamente, suas ações política, cultural e social, as colocavam como mantenedoras da moral e dos bons costumes, já que uma das finalidades de estarem na rua enquanto integralistas era convencer as outras mulheres do seu “verdadeiro” papel social na edificação do lar e da nação. Convencendo muitas

dessas futuras militantes que no exercício dessas atividades elas seriam emancipadas politicamente dentro de um movimento da família. A participação política feminina na edificação do seu lar, a levava a ser uma militante fervorosa, defendendo o lugar da casa como adequado, estar à frente dos núcleos nas passeatas engrossando as fileiras no combate a essa emancipação que era gestada fora dos moldes do movimento.

Havia vários grupos de feministas entre as décadas de 1910 e 1930, as feministas católicas era um desses grupos, aponta Susan Besse. Esses grupos iam desde as feministas católicas que acreditavam que sem “Deus, Pátria, Honra e Família” não há feminismo possível, até as mulheres profissionais solteiras que buscavam modelos da Europa e dos Estados Unidos. Esse último modelo de feministas pregavam que o pré-requisito essencial seria o emprego assalariado como forma da emancipação feminina (BESSE, 1999, p. 182).

No tema do trabalho feminino, a AIB não se opunha ao fato das mulheres trabalharem fora de casa, desde que fosse em profissões próprias das mulheres, fora disto somente em casos de necessidade. A emancipação feminina não era apoiada, pois o chefe nacional com a sua visão cristã e familiar defendia o matrimônio para as mulheres. E temia que essa mulher ocupasse uma vaga no mercado de trabalho de um homem, o verdadeiro chefe da família cuja função era levar os provimentos e sustento de todos. Para ele, a sua maior e melhor função seria como mãe, esposa e dona de casa, mas era favorável à que a mulher cuidasse da educação dos filhos.

Giselda Silva (1996), cita uma entrevista com Dona Zita (1994) que dizia que a função da mulher na família era de muita importância. Em casa, educando os filhos e cuidando do marido, a mulher evitava que os filhos fossem criados na rua ou por estranhos, sem a verdadeira orientação a que tinham direito pela presença da mãe. Esta à noite, prestava contas de tudo que se passou no dia ao marido, de modo que a família se reunia para um segundo momento de educação, formando assim jovens cidadãos conscientes de seus deveres para com a família e a pátria, temerosos a Deus. Quando a mulher vivia no trabalho e na rua, a família estava abandonada.

Essa questão da diferença entre os sexos, de acordo com Plínio Salgado (1947), traria para a mulher a sua “desvalorização”, pois a mulher estaria afastada da sua missão junto à sociedade que seria a edificação da família e do lar. O teor viril do homem estaria atrelado ao comportamento da mulher, como se fosse algo

indissociável. O fato dos papéis de homens e mulheres serem compartilhados provocaria uma possível masculinização para as mulheres e feminização para os homens. Os lugares definidos para homens e mulheres, era uma constante na década de 1930, particularmente com o avanço do comunismo e da modernidade. Entretanto, é um tema constante em vários momentos da história. Segundo Bourdieu:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas sexuadas) [...] (BOURDIEU, 2010, p.17).

Para a época, o combate a essa possível partilha de tarefas seria considerado como a ruína do lar. As partes são todas sexuadas, isso é muito notório na divisão dos papéis sociais de homens e mulheres. Para o jurista Viveiros de Castro em relação a essas mudanças, “A mulher moderna dominada pela ideia errônea da sua emancipação [...] faz tudo para perder o respeito, a estima e a consideração do homem” (CASTRO, 1932:21 apud CAULFIELD, 2000: 159). A independência feminina era considerado como algo nocivo a sua reputação, pois ela perderia as qualidades que eram consideradas como importante para o homem.

As funções das mulheres na sociedade deveriam está permeada pela presença masculina. E sua ação social pautada no papel materno, o corpo da mulher é um corpo que não lhe pertence. “Na família, ele pertence a seu marido que deve ‘possuí-lo’ com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que a absorvem inteiramente” (PERROT, 2005). A sociedade constrói o corpo feminino a princípio como tendo um valor atribuído ao nome da família. A moça deveria se casar, e o seu corpo passa a pertencer ao seu marido e posteriormente, esse corpo deve receber todos os cuidados para a chegada da prole. Estando a mulher diante da sociedade, como a protetora dos necessitados:

A sua ação social deve ser eminentemente educadora, tomando contacto com as massas populares, auscultando os anseios dos desafortunados e dos injustiçados, de modo a não permitir que as forças do mal se aproveitem das aflições dos infelizes como uma alavanca do materialismo que pretende destruir tudo o que seja a dignidade humana (SALGADO, 1947: 112).

As mulheres cuidam de todos, socorrem os aflitos, aconselham e educam seus filhos, pois foi assim que fora educada. Em algum momento atribuem a elas o papel

da fragilidade, característica que acaba desfortalecendo as mulheres. Ao mesmo tempo em que essa mulher é tratada como alguém facilmente influenciável que precisa de uma educação cristã para não se perder no mundo, é um ser tão forte que pode e deve instruir aos mais necessitados. Havia uma contradição nos discursos tanto do que circulava na sociedade como o divulgado pelo movimento integralista. Sendo as mulheres ao mesmo tempo um ser frágil em determinados momentos, e em outros, considerada peça fundamental para a manutenção da ordem e dos bons costumes no país. A igualdade entre homens e mulheres é vista como algo diferenciado, a palavra igualdade não é aceita pelo movimento integralista.

Em relação a igualdade, Plínio Salgado diz que essa é uma palavra mágica usada pelos propugnadores da sua emancipação. A mulher assim como o homem é um ser de tríplice expressão: física, intelectual e espiritual, ou ainda: econômica, cívica e espiritual. E completa,

o homem e a mulher tem necessidades, aspirações, direitos e deveres tanto no que concerne à sua subsistência física, como a interferência na vida político-social e às aspirações religiosas. Dentro dessa tríplice concepção, a mulher é absolutamente igual ao homem, tendendo ao mesmo fim que ele, e tudo o que é lícito e bom para o homem, também é lícito e bom para a mulher. <<Desde o princípio>> - disse o Divino Mestre - <<Deus fez a humanidade homem e mulher>>. Ora, se não houvesse nenhuma diferença entre a mulher e o homem, além da diversidade orgânica, a natureza seria incompleta [...]Por conseguinte, a mulher integral, a mulher que se realiza na sua plenitude biológica e espiritual, não é nem superior nem inferior ao homem: é diferente (SALGADO, 1947: 70;71).

Sendo assim o homem e a mulher são complemento um do outro, não podendo exercer o papel físico que cabe na Economia da espécie. O movimento integralista dessa forma atribui de forma clara o papel de homem e mulher na chamada economia da espécie. Sendo a mulher considerada como um ser que não estava acima do homem nem abaixo, mas possuía as suas diferenças.

O homem e a mulher se complementavam cada um exercia a sua função social. Assim esse discurso repetido várias vezes fabrica “verdades” acerca dos papéis exercidos pelos sujeitos. Segundo Foucault (1994, p. 10):

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Para a época, construir o papel do homem e o da mulher foram discursos hermeticamente fabricados, tanto que foram naturalizados e o espaço privado considerado o lugar mais adequado para as mulheres. Apesar de estarem constantemente vigiadas em relação as suas ações dentro do movimento integralista essas mulheres não eram passivas nem submissas. Pois o cotidiano estabelece certas práticas e normas, mas há várias maneiras de burlar através de outras práticas cotidianas e nas palavras de Michel de Certeau (1994, p. 273) “é sempre bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas”.

Uma das características da invenção do cotidiano de Certeau (1994) é que esse cotidiano é controlado por uma série de forças que constantemente são infringidas. Utilizando para isso a “estratégia” que seria o cálculo das relações de forças que vai se tornar possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente. As estratégias permitem aos sujeitos diferentes maneiras de fazer e principalmente a capacidade de invenção diante das diversas situações e desafios. Ao analisar o passado devemos problematizar as diversas possibilidades de análise, pois a trajetória das mulheres integralistas é marcada pela pluralidade e estratégias de uma participação política possível.

Afirmar atualmente que havia a desigualdade de gênero dentro das fileiras integralistas é um diagnóstico claro, mas para muitas mulheres o exercício do papel delas na sociedade da época estava naturalizado. Enquanto para outras havia uma inquietação, como se aquele lugar que a sociedade as impôs não estivesse a seu contento. As mulheres são diversas e plurais e estão nos espaços público e privado exprimindo suas opiniões, reivindicando seus direitos e se reinventando suas trajetórias.

Comerciantes determinadas, domésticas hábeis, esposas em fúria, moças casadoiras "seduzidas e abandonadas" ocupam o lugar central de histórias do cotidiano que expressam conflitos, situações familiares difíceis, mas também a solidariedade, a vitalidade de

peças humildes que tentam de tudo para sobreviver no emaranhado da cidade (PERROT, 2007, p. 26).

Essas maneiras de sobrevivência foram oportunidades de abrir caminhos e novas oportunidades de atuação na sociedade que não possibilitava as mulheres exercer muitos papéis. A possibilidade de se profissionalizar foi uma maneira de adentrar num espaço que na sua maioria era ocupado por homens, já que a oportunidade de estudar se voltava para o universo masculino. Ao analisar a participação dessas mulheres lidamos com diferentes experiências a respeito do mesmo movimento. A avó da historiadora Márcia Carneiro (2006) que foi levada pelo marido para as fileiras da AIB, é um exemplo disso. Muitos foram os motivos seja por opção individual ou por influência de amigos e familiares que essas senhoras e senhoritas engrossaram o movimento integralista.

O movimento integralista inova ao incluir as mulheres no cenário político, pois para construir um novo modelo de nação era imprescindível que elas dessem sua contribuição na educação, filantropia e posteriormente na construção de um eleitorado. Assim como a sociedade tradicional de 1930 que desvaloriza a mulher independente, pois a considerava como transgressora, ou mesmo como sendo aquela que não obedecia às normas que foram validadas e utilizadas como parâmetro. O movimento integralista exalta a figura feminina que atende aos padrões de mãe, esposa e dona de casa afirmando que a mulher pode fazer parte da política, mas ocupando os lugares permitidos e obedecendo as ordens hierárquicas. Elege as mulheres como rainhas do lar e da nação e sua casa como o seu castelo, permite que em situações excepcionais estejam no espaço da rua para alertar as mulheres que o seu lugar é em casa, edificando sua família, culminando numa participação política.

### **3.2 Preparando para o voto: a ação das plinianas nas eleições presidenciais (1936-1937)**

O código eleitoral Decreto nº 21.076<sup>115</sup> de 24 de fevereiro de 1932 trouxe uma inovação, pela qual devemos ressaltar que, para que o cidadão pudesse votar, deveria ser maior de 21 anos, não havendo distinção quanto ao sexo. Já a constituição de 1891 nem sequer mencionava a mulher.

---

<sup>115</sup> **CÓDIGO ELEITORAL BRASILEIRO.** Decreto Nº 21. 076, de 24 de fevereiro de 1932. Disponível em <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>> acesso em dezembro de 2015.

Art 70 - São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei.

§ 1º - Não podem alistar-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados:

1º) os mendigos;

2º) os analfabetos;

3º) as praças de pré, excetuados os alunos das escolas militares de ensino superior;<sup>116</sup>

A constituição de 1932 concede às mulheres o sufrágio universal, legitimando, assim, o voto feminino. Porém, esta foi substituída pela de 1934, a qual estabelece o voto obrigatório para maiores de 18 anos, sendo esse voto de caráter secreto. Houve em 1932 uma pressão para que a constituinte se consolidasse de fato e de direito. Os meios de comunicação de todo o país exigiam que a constituição fosse reestabelecida. Como aponta o Diário de Pernambuco:

O movimento nacional pró-constituinte

Falando a um jornalista, o sr. João Neves da Fontoura mostra-se ativo pela volta do país ao regime legal.

O manifesto da classe estudantina de São Paulo, pugnando pela reconstitucionalização da pátria brasileira<sup>117</sup>.

Foram muitos os grupos que se organizaram, enquetes foram propostas nos periódicos a respeito da opinião da população em relação à situação política vivenciada. Podemos citar a Liga Eleitoral Católica (LEC) que de acordo com Leite (2007, p.2):

A LEC foi uma iniciativa de Heitor da Silva Costa, nas diretrizes do Cardeal Dom Sebastião, para modelar a organização da Ação Católica do Rio de Janeiro. Essa proposta foi instituída em 8 de setembro de 1932 por todo o Brasil, com o objetivo de analisar o maior e melhor número de católicos para as futuras eleições, e apoiar os candidatos católicos a ocuparem os cargos de deputados estaduais que aceitassem o programa de defesa da doutrina social da Igreja.

A constituição de 1934 foi promulgada e apresentada em seu texto algumas mudanças como: voto secreto, ensino primário obrigatório, voto feminino e as leis trabalhistas. Após a instauração da constituição o clima ainda era de

---

<sup>116</sup> **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**. 24 de fevereiro de 1891. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7%C3%A3o91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7%C3%A3o91.htm)> Acesso em 23 dez. 2015.

<sup>117</sup> Da Sucursal do “Diário de Pernambuco”. **Diário de Pernambuco**. Recife, Terça-feira, 5 de janeiro de 1932.

instabilidade. Para que as pessoas pudessem votar era necessário que fossem alfabetizadas.

Para se adequar a situação de movimento cultural para partido político, o discurso integralista foi modificado. Acerca dessa situação, Marcio Moraes comenta (2012, p. 598):

Nessa primeira fase, o discurso doutrinário de Salgado voltava-se para inculcar entre seus militantes o desejo de participarem de uma revolução espiritual e cultural, tendo como norte as propostas presentes no *Manifesto de Outubro*, que se dava em torno da criação de um Estado forte, pautado em preceitos nacionalistas e cristãos. Enquanto no segundo momento, quando passou para partido político depois do citado Congresso, os intelectuais ligados à AIB começaram a divulgar falas que apontavam outros caminhos para se chegar ao poder: “o percurso não seria mais uma ‘revolução espiritual’, mas a partir do voto popular”.

A Ação Integralista Brasileira, a partir do II Congresso Integralista realizado na cidade de Petrópolis em 1935, torna-se partido político, sendo aprovado pela Justiça Eleitoral em 1937. Por todos os núcleos do Brasil há um intenso apoio, o que facilitou a realização de comícios para a candidatura de Plínio Salgado. Como podemos observar:

A Frente Proletária pró-candidatura Plínio Salgado, situada à rua do Rangel, nº 132, 1º andar, vem mui respeitosamente diante de V.S solicitar licença para realizar uma grande comício anti-comunista e de propaganda da candidatura Plínio Salgado, no pateo da feira da cidade da Cidade de Floresta dos Leões, no próximo 7 de novembro, às 15 horas da tarde<sup>118</sup>.

O movimento integralista tinha a pretensão de implantar o estado integral, agora através das eleições presidenciais. O departamento feminino foi importante no alistamento eleitoral, uma vez que as mulheres eram responsáveis pelas escolas integralistas que ensinavam crianças, jovens e adultos a ler e escrever. Nas muitas escolas espalhadas pelo Brasil, a principal lição seria alfabetizar o maior número de pessoas possíveis para que pudessem ir às urnas votar no chefe nacional do integralismo.

Preparando o combate contra os inimigos nacionais, a candidatura de Plínio Salgado à presidência do Brasil, disputando com José Américo de Almeida e Armando Sales

---

<sup>118</sup>Prontuário Funcional Nº 5995 – APEJE/DOPS.

de Oliveira, mobilizou grande número de militantes e de meios de comunicação para a propaganda integralista, envolvendo a imprensa escrita, assim como o rádio, os comícios e as reuniões doutrinadoras nos núcleos (MORAES, 2000, p. 34).

A participação das mulheres nesse momento foi através da Secretaria Provincial de Organização Política. Foi organizado o 1º Congresso Provincial Feminino<sup>119</sup>, que se realizaria na segunda quinzena do mês de junho de 1936 no Recife, tendo como finalidade a conscientização das blusas verdes na campanha eleitoral. A contribuição das mulheres integralistas nesse momento eleitoral seria de suma importância para que os cidadãos fossem alfabetizados e pudessem votar contribuindo assim com a campanha presidencial de Plínio Salgado.

Tanto que no momento da candidatura do chefe nacional todos os militantes foram convocados. Com a intenção de alfabetizar o maior número de pessoas todos os núcleos do Brasil foram convocados. As eleições foram o meio que o movimento naquele momento poderia utilizar para supostamente implantar o estado integral através do voto.

No momento da candidatura, a mulher é convocada para exercer seu papel de militante de maneira incisiva, Rosa Maria Cavalari (1999, p. 65) em sua obra aponta: “Em raros momentos usou-se de tanta sinceridade”, as mulheres integralistas foram convocadas para alfabetizar as pessoas para que pudessem votar.

O Movimento intimava as mulheres a irem às ruas, localidades diversas, com a finalidade de buscar eleitores para que, assim, pudessem ingressar nas fileiras do movimento e votar no chefe nacional. Para Plínio Salgado, o povo necessitava de alguém que os guiasse e seria através da educação que o homem tomaria consciência da sua realidade. Foi enviado ao município de Palmares especificamente a Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina e Pliniana, diretrizes<sup>120</sup> que deveriam ser seguidas à risca:

- a) Qualificação urgente e imediata de todas as Blusas Verdes não eleitoras e com qualidade para tal;

---

<sup>119</sup> **Prontuário Funcional Nº4938** – APEJE/DOPS – Secretaria Provincial de Arregimentação Feminina e dos Plinianos.

<sup>120</sup> Recife, 30 de maio de 1937. Secretaria Provincial de Arregimentação Feminina e Pliniana. Circular Nº 5. Ação Integralista Brasileira. Provincia de Pernambuco. **Prontuário Funcional Nº 4938**. DOPS/APEJE.

- b) A formação de uma massa eleitoral integralista, pela alfabetização rápida das companheiras analfabetas;
- c) Trabalhar para que o integralista analfabeto consiga aprender o mais depressa possível, afim de poder fazer o seu requerimento e obter o título de eleitor para as próximas eleições;
- d) Qualificação das pessoas das famílias dos nossos companheiros, simpatizantes e amigos;
- e) Organizar o trabalho por grupos que farão visitas as fabricas e a domicílios angariando alfabetizantes e facilitando assim as qualificações;
- f) Divisão do município por zonas com uma encarregada para cada zona;
- g) Prestar serviços à chefe Provincial na alfabetização rápida de todos os companheiros e simpatizantes;
- h) Organizar um serviço coletivo em turmas pequenas ou se preciso individual para a alfabetização;
- i) Lembrar a toda Blusa Verde que ela tem o dever de responder pelo preparo de um analfabeto e pelo alistamento de um eleitor no mínimo;
- j) Nas localidades que estejam fechadas as nossas sedes, que cada lar de Blusa Verde seja um centro eleitoral

E o documento ainda reitera essa participação, lembrando que é do conhecimento que o “Integralismo” comparecerá às urnas nas próximas eleições para a sucessão presidencial e renovação do legislativo federal. “Sabeis que brasileiras e integralistas temos o dever inadiável de atender sem vacilações a palavra de ordem do chefe nacional e trabalhar até o sacrifício pelo alistamento eleitoral de todos os que conosco assegurarão a vitória do Sigma no próximo pleito”.

Nos meios de comunicação, que faziam parte do Sigma-Jornais Reunidos<sup>121</sup>, Plínio Salgado lembrava aos cidadãos das contribuições que o movimento trouxe à sociedade, principalmente à tríade, a qual estava sempre presente em suas explanações: Deus, Pátria e Família. Várias cartilhas foram confeccionadas pela Secretaria Nacional de Propaganda, com o intuito de consolidar o candidato nas próximas eleições. Nesse sentido, havia o manifesto-programa com as principais diretrizes da AIB para as eleições para presidente.

---

<sup>121</sup> O Sigma-Jornais Reunidos, um grande consórcio jornalístico criado em 1935, subordinado a Secretaria Nacional de Propaganda, devidamente autorizado pela chefia nacional, compreendia um conjunto de 88 jornais em circulação em todo território nacional. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 84.

O seguinte manifesto apresentava o que seria o movimento e quais seriam as intenções junto à sociedade, caso Plínio fosse eleito. O movimento ressaltava o respeito ao culto religioso, desde que tivesse dentro da moral e dos bons costumes, e condena os partidos políticos, visando a substituí-los por corporações. O discurso tão presente do estado forte, que seria o estado integral, legitima as ideias anteriormente difundidas. Segundo Moraes (2009, p. 32):

Enquanto partido político, os enunciados integralistas mantiveram o objetivo de implantar o estado integral, mas a maneira escolhida para a consolidação desse projeto mudou de eixo. Essa mudança passou a apresentar as eleições democráticas e não mais uma revolução, como caminho ideal.

Por meio do sufrágio, os cidadãos iam às urnas fazer sua escolha, cabendo ao movimento integralista a convocação dos seus correligionários na consolidação dessa luta. A província de Pernambuco, como eram chamados os estados pela AIB, emitia uma circular ao município de São Vicente, requerendo o número de integralistas que possuíssem título de eleitor e os que ainda não o tinham. “A vitória de cada um de nós depende de cada um de nós. Por isso chamo a vossa atenção para a Campanha Eleitoral. Deveis incentivar essa campanha”<sup>122</sup>.

O público feminino atuou de maneira direta nesse momento político através da legitimação do voto e o movimento integralista adequou seu discurso. A participação feminina na sociedade da época crescia a cada dia, sendo as mulheres incorporadas nas fileiras do movimento e ocupando as ruas em defesa dos interesses eleitorais.

### **3.3 As práticas assistencialistas das “Blusas Verdes” de Pernambuco**

Além de alfabetizar para o voto que foi uma convocação extraordinária visando à eleição de Plínio Salgado. As mulheres integralistas estavam imersas em outras atividades, principalmente as ligadas à ajuda aos mais necessitados. As práticas sócio culturais das integralistas foram importantes no sentido de que, no Brasil de 1930, as condições de saúde e alimentação dos brasileiros eram precárias. Havia clínicas integralistas, as quais disponibilizavam serviços de saúde, alimentos eram distribuídos e muitas pessoas aprendiam a ler e escrever.

---

<sup>122</sup>Prontuário Funcional N° 6002 – DOPS/APEJE

As mulheres integralistas, através das práticas assistencialistas, difundiam o discurso de preservação do corpo, pois o movimento era defensor dos preceitos cristãos defendendo a moral e a ética. Silva (2004) nos atenta que o “corpo integralista é o corpo metaforicamente construído para representar o ‘brasileiro nacionalista e cristão’, defensor de um tipo de organização política e social”. Havia instruções que iam desde o ciclo menstrual até a maternidade. O corpo da mulher deveria ser preparado para a procriação, muitas das instruções presentes nos periódicos integralistas exaltavam essa fase como uma das mais sublimes.

A fase da infância tinha uma atenção especial dentro do movimento integralista, pois as crianças seriam o futuro do país e Plínio Salgado alertava para os cuidados e principalmente a educação dos “plinianos” (jovens até os 15 anos de idade). Os cuidados com a criança era um ponto bastante lembrado, as mulheres deveriam ser bem instruídas em relação a higiene nessa fase. O jornal *A Offensiva* apresenta um convite acerca da medicina social da criança:

#### Medicina Social da Creação

A preleção, hoje, do Prof. Leonidio Ribeiro

O Sr. Professor Leonidio Ribeiro cientista brasileiro dos de mais destacados mérito, conhecido e estimado nos centros de estudo dos países cultos da Europa e da América. Falará hoje, às 5 horas da tarde no Syllagen (sic) Brasileiro sobre a palpitante questão de assistência a infância. Devendo fazer magnífica dissertação em torno do thema: “Medicina Social da criação”. Dando assim desempenho a incumbência que lhe foi conferida pela Comissão Organizadora do Curso Preparatório de Serviços Sociais. Idealizado pelo Sr. Desembargador Burle de Figueiredo<sup>123</sup>.

O convite foi feito ao público em geral especificamente as mulheres que estavam a frente dos cuidados e higiene infantil. Esses ensinamentos também eram trazidos para os núcleos integralistas, pois haviam os lactários e dispensários<sup>124</sup>. No *Jornal O Imparcial* que circulava na Bahia, a respeito da educação e assistencialismo no movimento integralista temos:

---

<sup>123</sup> *Jornal A Offensiva*, Rio, quinta feira, 2 de julho de 1936. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/178586/per178586\\_1936\\_00221.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/178586/per178586_1936_00221.pdf) acesso em dezembro de 2015.

<sup>124</sup> Os dispensários devem ser geraes ou especiaes; para nos é mais conveniente que sejam geraes, isto é compreendendo serviço de clinica medica, serviço pre-natal, pequena cirurgia, pediatria e prophylaxia de doenças transmissíveis. **Prontuário Funcional Nº 5996** - Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

Essas ações foram amplamente noticiadas pelo jornal destacando-se a fundação de escolas de alfabetização e ensino profissionalizante destinadas a crianças e adultos, abertura de lactários, prestação de atendimento ambulatorial, doação de alimentos, assistência às vítimas de calamidades públicas, entre outras ações (FERREIRA, 2012, p. 278).

A Ação Integralista Brasileira possuía uma divisão de assistência social que regulava de que maneira eram realizadas a assistência aos necessitados. Tendo como finalidade: “[...] prestar assistência e proteção assídua às integralistas e simpatizantes, assim como a todas as classes sociais, agindo especialmente nos meios proletários, dentro do campo de suas atribuições” (Monitor Integralista, ano II, n. 8, p. 9, 1934 apud: SIMÕES, 2009, p. 165). A divisão do departamento feminino era composta da seguinte forma: Expediente, Cultura Física, Educação, Estudos e Ação Social.

É de alçada da divisão de educação orientar as atividades Femininas nos seguintes sectores<sup>125</sup>:

- a) Alfabetização
- b) Enfermagem
- c) Puericultura
- d) Dactylographia
- e) Culinária
- f) Corte e Costura
- g) Boas Maneiras
- h) Contabilidade Caseira e Economia Doméstica

Na divisão de estudos eram promovidos cursos de sociologia, psicologia e pedagogia. A divisão de Ação Social dividia-se em três setores: lactários, bandeirantes e dispensários. Nas quais, a AIB convoca gente moça pessoas jovens, fortes, dispostas à realização das atividades propostas e com noções de enfermagem ou assistência social; “É um serviço extremamente fatigante e que exige uma paciência quase angelical; muita educação social e extrema delicadeza de trato e de sentimentos para vencer e dominar<sup>126</sup>.” As mulheres encaminhavam as crianças aos

---

<sup>125</sup> **Prontuário Funcional N°5996** - Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

<sup>126</sup> **Prontuário Funcional N°5996** - Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

lactários que eram locais onde se tinham os cuidados com a primeira infância do bebê, ensinavam a fazer o desmame e faziam o acompanhamento médico da criança. As famílias pobres eram beneficiadas com as ações de assistencialismo das integralistas, pois, muitas não tinham condições de obter serviço médico.

Em Pernambuco as integralistas arrecadavam fundos juntos aos comerciantes para a realização do natal das crianças pobres do Recife. A religiosidade era algo que estava presente de maneira muito significativa no movimento integralista e especialmente nessa data em que se comemora o nascimento de Jesus.

As blusas verdes desta cidade querem mais uma vez, levar a infância do pobre do Recife, alguma coisa que lhe vá alegrar o coração no dia do nascimento de Christo. Para feliz êxito do seu desideratum, a aludida secretaria designou 04 comissões para angariar donativos no comércio desta capital, com os quais possa fazer face às despesas daquela festa de caridade<sup>127</sup>.

Nos jornais que apoiavam as ideias integralistas noticiavam tanto suas atividades nos núcleos como as obras de assistencialismo. Havia um forte apelo em relação ao auxílio ao mais carentes que necessitavam de alimento ou então de instruções em relação ao cuidados diários dentro do lar, que nesse caso eram direcionados as mulheres.

Para Plínio Salgado as mulheres não só poderiam como deveriam ter acesso à educação, tanto que era comum, as mulheres discursarem a respeito da situação política. Mas elas não poderiam esquecer-se: “É imperioso, porém, que ela se lembre de que – acima da profissional – ela é uma criatura de Deus e é mulher” (SALGADO, 1947, p. 61). Nota-se em suas palavras que a mulher poderia ser instruída, mas certas ressalvas seriam importantes, e, nesse caso há um apelo para Deus – a punição que viria dos céus se a mulher ousasse infringir as “leis da natureza”. Tais pontos estão presentes nos discursos das mulheres integralistas, como nos apresenta a “Blusa Verde” Bernadete Mesquita que proferiu esse discurso na cidade de Olinda:

Moços de hoje, homens de amanhã, construtoras da futura nação integralista, os camisas verdes cheios de fé vêm despertar a população distraída dessa legendária cidade para dizer-lhe que a Pátria esta vivendo um erro manifesto, que é preciso construir uma

---

<sup>127</sup> **Diário do Nordeste**. Recife, 30 de novembro de 1937. p. 2. Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.

nação nova, cuja moral nasça da cultura alicerçada pela fé, cujos destinos não sejam obra de aventuras, porém um edifício baseado nos grandes princípios que nasçam das forças eternas que regem o mundo. Patrícias, não será o feminismo quixotesco; operários não será a torpe filosofia de Marx; mocidade gosadora que estiola e que fenece, no epicurismo grosseiro, não serão os partidos políticos da liberal democracia, nenhuma dessas instituições personalistas, anarquistas, centralizações armadas, revoluções sem Deus, sem Pátria e sem Família que formarão a Nação Integral que aspiramos.<sup>128</sup>

A mocidade era sempre convocada nos discursos, pois através dessa geração a mensagem do movimento integralista iria se manter de alguma maneira. Num outro trecho “os camisas verdes cheios de fé vem despertar a população distraída” os/as militantes do integralismo deveriam se sentir responsáveis por salvar a pátria. A população que estava distraída seja com o comunismo<sup>129</sup>, que era considerado o grande inimigo dos integralistas ou mesmo com as mudanças sociais que viam ocorrendo.

Através das palavras da militante integralista que como podemos notar reafirma seu lugar de fala, pois assim como nas palavras do próprio Plínio Salgado aponta a construção de uma nova nação e que o integralismo era capaz de apontar esse caminho. Após isso, há a convocação das mulheres com um alerta para o feminismo que é chamado de quixotesco.

1. Que é relativo ou se assemelha à figura literária de Dom Quixote, personagem de romance com o mesmo nome, de Miguel de Cervantes (1547-1616).
2. Que é relativo a quixote ou a quixotada.
3. Que revela generosidade e ideais nobres, mas que é ingênuo e muito distraído
4. Que é ridiculamente pretensioso<sup>130</sup>.

---

<sup>128</sup> No ultimo comício integralista realizado em Olinda, iniciando-o nossa companheira normalista Bernadete Mesquita pronunciou o seguinte notável discurso. **Jornal Ação** – 30 de setembro de 1934. Arquivo Público Jordão Emerenciano – PE.

<sup>129</sup>Segundo a visão tida pelo movimento integralista, “O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana, para melhor escravizar o homem a coletividade; destrói a religião para melhor escravizar o ser humano aos instintos; destrói a iniciativa de cada um, mata o estímulo, sacrifica a humanidade inteira por um sonho falsamente científico”. BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista deve saber**. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira – 1935 p.27.

<sup>130</sup> Disponível em: [www.priberam.pt/dlpo/quixotesco](http://www.priberam.pt/dlpo/quixotesco) acesso em janeiro de 2016.

Dessa maneira é dada essa conotação ao feminismo da época, o chamando de sonhador, pois muitas das reivindicações das mulheres estariam longe de se tornar realidade. E as feministas eram ridicularizadas por muitas pessoas que faziam piadas e até distorciam suas pautas de luta, sendo assim: “Além disso, o ridículo era usado largamente para intimidar as mulheres e, com isso, manter o feminismo dentro de limites aceitáveis” (BESSE, 1999, p. 214).

No modelo de nação pretendido o papel da mulher deveria está afastado das pautas feministas e mais próxima do modelo da mulher dedicada a casa, pois para formar a nação integral ela deveria estar pautada em Deus, Pátria e Família. Tanto que as atividades femininas estavam reservadas a esse lugar de auxiliar as pessoas carentes.

Tanto as mulheres como os homens deveriam ser instruídos e direcionados, pois a sociedade oferecia atrativos que seriam nocivos a formação do cidadão. A sociedade burguesa e o capitalismo que escravizava os homens em detrimento do liberalismo e do individualismo<sup>131</sup>.

Para o chefe nacional do integralismo o povo deveria ser instruído e esses estudos eram destinados as massas integralistas. A elite intelectual não necessitava dessa instrução, já que muitos deles iriam compor os quadros educacionais. Nos departamentos femininos as mulheres ministravam aulas, praticavam atividades físicas, instruía e eram instruídas nos diversos ofícios e frequentavam as reuniões. Como aponta Lopes:

Um outro indício bastante significativo foi a união estabelecida entre as mulheres e as crianças – Plinianos – integralistas sob responsabilidade da mesma secretaria, pois assim, fica eminente a ligação entre a mulher e a prole, reforçando os papéis tradicionais (LOPES, 2007, p. 42).

Havia uma ligação eminente entre o papel das mulheres na família ou na sociedade com as crianças. Tanto que se a mulher não fosse mãe biologicamente, deveria ser “mãe espiritualmente, familiarmente, socialmente, intelectualmente e até politicamente, não importa o ter ou não ter filhos” (SALGADO, 1947, p. 74). O

---

<sup>131</sup> SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932**. Ação Integralista Brasileira. Secretaria Nacional de Propaganda.

assistencialismo elege as mulheres como as grandes mães da pátria, pois tinham como missão o cuidado das pessoas. A mulher deveria ser um instrumento em detrimento do crescimento da nação, por isso deveria desempenhar as funções que lhe eram “naturais” como ensinar as primeiras letras, com toda a paciência e abnegação. Estava à frente das obras assistencialistas cuidando dos mais necessitados e doando seu tempo para sanar os problemas sociais.

### **3.4 A atuação assistencialista das mulheres dentro da AIB**

As blusas verdes deveriam estar dispostas a defender as ideias do movimento independentemente do local onde estivesse. Esse foi o caso de Letícia Ferreira Lima, professora e militante integralista na cidade de Barbalha no Ceará. Samuel Pereira de Souza (2007) em sua dissertação de mestrado resgata as práticas cotidianas e as memórias dos integralistas na cidade de Barbalha. É pertinente ressaltar que Letícia Lima foi diretora do departamento feminino na cidade de Fortaleza e acabou se casando com Pio Sampaio, chefe integralista na cidade de Barbalha.

Em consequência da união, Letícia muda-se para a cidade do esposo e lá continua a militância no movimento do Sigma, dando exemplo de ardor pela causa. Como apontou Antônio Gondim Sampaio em seu depoimento:

Letícia Lima trouxe um gás para o movimento da cidade. Ela era a locomotiva incansável, convicta. Quase que diariamente vestia a sua camisa verde. Muito bonita, falava bem, empolgava todos os que estavam a sua volta, não apenas por sua beleza, mas também por sua eloquência...Sempre fazia conferência sobre o Integralismo<sup>132</sup>.

Era comum as mulheres integralistas professarem discursos em favor dos seus lugares sociais e da sua contribuição para que a sociedade se modificasse. Para o movimento a mulher deveria receber educação, mas com um direcionamento para que não se desviasse da sua conduta moral.

É importante ressaltar que a educação nos moldes integralistas, tanto a destinada ao público feminino quanto a formação das professoras estavam imersas na tríade do movimento: Deus, Pátria e Família. A mulher deveria ser instruída, adquirir

---

<sup>132</sup> Depoimento concedido por Antônio Gondim Sampaio ao historiador Samuel Pereira de Sousa em fevereiro de 2009.

certos conhecimentos para que ela pudesse guiar melhor seus filhos e maridos. A professora era formada para servir aos princípios integralistas sem questioná-los, não havia retorno financeiro, mas ela deveria se doar pelo melhoramento da família brasileira sendo essa a sua missão. Salgado (1947, p. 81) reitera:

Como pode a mulher preparar seus filhos para a vida pública, se ela ignora a história da sua própria Pátria, a grandeza dos heróis e a santidade dos santos? Como pode inculcar os nobres ideais que, elevando os indivíduos, elevam as nações, se ela só se preocupa com o luxo e o conforto, cuja mola é o dinheiro, e aponta, como exemplo aos filhos, não os homens mais honrados, porém os mais ricos?

A mulher deveria ser um instrumento em detrimento do crescimento da nação, por isso deveria desempenhar as funções que lhe eram “naturais” como ensinar as primeiras letras, com toda a paciência e abnegação. Estando a frente das obras assistencialistas cuidando dos mais necessitados e doando seu tempo para sanar os problemas sociais.

As obras assistencialistas eram trazidas à baila pelo movimento integralista, muitas vezes com a intenção de exaltar e engrandecer as atividades desempenhadas ao redor do Brasil. Dessa maneira através da “Folha Corrida” que foi um documento produzido pelo integralismo próximo as eleições de Plínio Salgado para que a população tivesse conhecimento das atividades desenvolvidas:

Installou 3.246 nucleos municipaes, onde exerce uma obra educacional e de assistência social notabilíssima, mantendo mais de 3.000 escolas de alfabetização, mais de 1.000 ambulatorios médicos; centenas de lactários; numerosos gabinetes dentários e farmacias; centenas de campos de sport; centenas de bibliotecas<sup>133</sup>.

A intenção seria de convencer a população de que um trabalho de auxílio e ajuda era desenvolvido pelos integralistas apresentando dessa maneira um movimento preocupado com o povo e que de alguma maneira fazia a diferença. Como já fora mencionado a divisão de ação social oferecia serviços de saúde sendo paga uma taxa mínima para manutenção. Para que tais serviços médicos fossem possíveis eram cobradas taxas simbólicas, sendo os curativos gratuitos. Em relação ao pagamento dessa taxa, havia uma justificativa:

---

<sup>133</sup> Folha Corrida. **Prontuário Funcional N° 1066-B**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

Isto para evitar: primeiro os abusos e depois para que o povo compreende que dar e receber esmola ofende a dignidade do homem, mas, sendo a taxa pequena, é dada, em geral, de bôa vontade, constituindo um auxilio valioso para aumentar a renda dos ambulatórios e portanto para o seu desenvolvimento. Naturalmente tratando-se de indigentes, todo o tratamento é gratuito. Os ambulatórios podem fornecer medicamentos, se sua verba o permittir, se não, podem entrar em accôrdo com um companheiro, que tenha pharmacia e possa fornece-lo pelo preço mínimo<sup>134</sup>.

**Figura 11: Lactários**



*O núcleo integralista de Botucatu, Província de São Paulo, como quasi todos os núcleos do Brasil, instalou tambem o seu lactário, onde attende diariamente a centenas de crianças necessitadas.*

Fonte: Revista Anauê<sup>135</sup>

<sup>134</sup> Ação Integralista Brasileira. Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana. Departamento Nacional Feminino. Divisão de Ação Social. Dispensarios e Bandeirantes. **Prontuário Funcional N° 5996**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

<sup>135</sup> **Revista Anauê**. Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, Outubro de 1937. p. 22.

**Figura 12:** Enfermeiras Integralistas



Fonte: Revista Anauê<sup>136</sup>

Os ambulatórios eram mantidos através de doações em que o movimento recebia dos seus próprios militantes e através do pagamento dessa taxa simbólica. Percebemos que esses cuidados eram destinados as mulheres que eram vistas como um ser angelical e altruísta pelo movimento. Os meios de comunicação integralistas registravam tais atividades e o símbolo do sigma que identificava a AIB estava presente em cada ponto, desde os uniformes das mulheres até os equipamentos. Quando Michel de Certeau afirma que “o espaço é um lugar praticado” e reitera que a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres (2008, p. 202). Esses locais que eram realizadas as obras assistencialistas eram de fato lugares praticados, através da dinâmica diária e do uso do espaço ele passa a ter sentido. E as fotografias acabam que perpetuam as vivências do lugar apresentando a presença de outrora.

No artigo “Mulheres integralistas: enfermeira ‘blusas verdes’ a serviço da nação” (2012) os autores apresentam de maneira detalhada como o curso de enfermagem era desempenhado dentro do movimento integralista. No dia 3 de

<sup>136</sup> **Revista Anauê.** Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, Outubro de 1937. p. 22.

outubro de 1935, foi inaugurada a primeira Escola Integralista de Enfermagem, na província da Guanabara. Como as obras de assistencialismo eram bastante significativas, o movimento resolve criar sua própria escola para formar as profissionais que atuavam nos seus lactários e dispensários. O curso oferecido gradativamente atraiu o público feminino que através dessas atividades poderiam ser inseridas no mercado de trabalho.

Nos dispensários que eram espécies de postos de saúde como já foi dito, reuniam uma série de especialidades médicas. Havia uma conscientização maior em relação a algumas doenças como a tuberculose e o câncer, que vitimavam pessoas no período. As doenças sexualmente transmissíveis eram tratadas e as diferentes formas de prevenção. E os ambulatórios funcionavam da seguinte maneira:

Um ambulatorio geral pôde também ter tantos serviços e tantas especialidades, quantos forem julgados necessários; taes serviços podem ser feitos de acordo com os médicos, que estabelecem o seu horário de modo a não trabalharem todos a mesma hora, salvo se o local em que o ambulatorio for installado tiver área suficiente para conter todos esses serviços sem se embaraçarem mutuamente. O ambulatorio pode ser também distribuído em dois ou três prédios diferentes, próximo uns dos outros. Neste caso convem agrupar os consultorios de maneira a ficarem num prédio os que mais se assemelham ou se continuam, por exemplo; serviço de gynecologia, pre-natal, hygiene infantil, pre-escolar, e assim por diante; tanto quanto possível, os consultórios de moléstias transmissíveis não devem servir para outros fins, para evitar o contagio. Os ambulatorios, caso não disponham de verba sufficiente, podem começar por 2 consultorios, de clinica medica e pequena cirurgia e a medida que os recursos materiaes forem aumentando, também o seu desenvolvimento aumentará<sup>137</sup>.

O pré-natal considerado um período importante para a saúde da mulher e do seu filho, era descrito da seguinte forma: “O serviço pre-natal compreende não só a futura mãe como a criança prester a nascer, pois pelo cuidado dispensado a mulher durante toda a gestação, desde o inicio, é que se obtem fructos fortes<sup>138</sup>.” Especialidades como a pediatria eram ressaltadas como importantes já que as

---

<sup>137</sup> Ação Integralista Brasileira. Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Pliniana. Departamento Nacional Feminino. Divisão de Ação Social. Dispensarios e Bandeirantes. **Prontuário Funcional N° 5996**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

<sup>138</sup> Idem.

responsabilidades pela saúde dos filhos eram consideradas como obrigação da mãe.

Simões nos atenta que:

Nesse sentido, as integralistas tiveram um significativo papel social na educação e orientação de mulheres pobres gestantes. Elas alertavam a respeito da importância do diagnóstico precoce e dos cuidados com a alimentação para a saúde da mulher e da criança. Também falavam sobre a necessidade da amamentação. O espaço da rua era sempre caracterizado como inóspito e perigoso para as futuras mães e para as jovens senhoras, por ser um local em que circulavam muitas doenças que ameaçavam não apenas os adultos, mas também as crianças, que poderiam ficar marcadas para sempre. (SIMÕES, 2009, p.168)

Os lactários eram locais destinados aos bebês recém-nascidos que tinham cuidados especiais nos primeiros dias de vida, alguns núcleos os tinham. As bandeirantes da caridade eram mulheres que visitavam os bairros pobres instruindo as famílias em relação à saúde. Tais serviços estiveram presentes na maioria dos estados em que a AIB possuía sedes do movimento. Através desse auxílio as pessoas eram cooptadas para as fileiras do movimento, podemos afirmar que era realizada uma troca. Acerca disso, Chartier (2002, p. 17) comenta: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”

Analisando a trajetória que o movimento traçou, a participação feminina foi permitida de maneira intencional. Havia mulheres nas fileiras da AIB desde a sua fundação, muitas influenciadas pelos homens da família que as convidavam a participar e compartilhar daquelas ideias. Em 1932 as mulheres após travarem muitas lutas puderam votar, assumir a cidadania que durante um longo tempo foi suprimida. A participação das integralistas na cidade do Recife (FERREIRA, 2013) possibilitou que as mulheres estivessem a frente de muitas atividades que eram consideradas a extensão do lar. Não podemos afirmar que todas as mulheres estavam de acordo com a doutrina integralista ou mesmo se ingressavam nas fileiras da AIB em busca de novas oportunidades, já que muitas mulheres resistiram à sua maneira. As militantes precisavam autenticar sua posição política pertencente, por falarem no papel de integralistas, algo contrário a isso, implicaria em punições. Revisitamos esses espaços onde a mulher foi participante desse movimento cultural e político. Seus locais de

vivência dando voz a sujeitos que fizeram parte do movimento do Sigma e que através de documentos precisam ser vistos e retratados.

A história das mulheres da Direita é um campo de análise que suscita ainda muitas pesquisas. A participação feminina dentro do campo da política é ainda um lugar a ser muito revisitado. Foram mulheres que lutaram pela melhoria das condições de outras pessoas e acreditavam nas mudanças propostas. Embora algumas mulheres tenham tido a oportunidade de se profissionalizar e tendo acesso à educação poderão trabalhar em outros espaços. Essa participação foi também uma troca de interesses e benefícios para as mulheres e o movimento integralista. A AIB se dizia um movimento com características familiares e a presença feminina era indispensável, dessa maneira foram feitas algumas mudanças. A grande presença dessas mulheres no movimento integralista e as fontes disponíveis ainda conservam muitas análises em aberto. Para o caso do integralismo em Pernambuco suscitam outras abordagens sobre a participação das mulheres dentro do movimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das mulheres na política é uma reivindicação que remonta séculos de luta. Em pleno século XXI ainda nos deparamos com o número reduzido de mulheres na política. Segundo dados de fevereiro<sup>139</sup> de 2015 em comparação com países da América Latina, o Brasil ocupa o 19º e quando essa comparação se estende no mundo, a disparidade é ainda maior ocupando a posição 158º. Levando em consideração que a lei 9.504, de 1997 estabelece um percentual mínimo de 30% de candidaturas para cada sexo, nenhum dos sexos pode dispor de mais de 70%. Ainda assim as mulheres estão em desvantagem no cenário político.

A questão do sexismo muitas vezes segrega esse espaço de poder as mulheres. Apenas em 2011, uma mulher chega a presidência do Brasil, Dilma Rousseff entra para a história e incentiva a muitas outras mulheres a compor esse espaço. Ainda hoje tem-se a ideia de que as mulheres não se interessam por política. Uma construção social errônea, pois antes mesmo da aprovação do direito ao voto feminino as mulheres das camadas médias e altas se utilizavam de diversos meios para participar das decisões políticas. Celina Guimarães Vianna<sup>140</sup>, professora foi a primeira eleitora brasileira se alistou aos 29 anos no Rio Grande do Norte na década de 1920.

De maneira gradativa as mulheres tiveram acesso à educação, a votar e ser votada e escolher que profissão seguir. Muitos foram os caminhos possíveis para que essas conquistas acontecessem. Direitos que foram reivindicados e que a custo da luta de muitas mulheres foram obtidos. A inserção das mulheres no movimento integralista abriu precedentes para ampliar o protagonismo feminino. O jogo político é uma troca, as mulheres tiveram que legitimar o papel de mulheres do lar e para a época esse era um lugar de orgulho e sucesso. O que não configura problema nenhum, desde que a mulher tivesse a possibilidade de escolher quais caminhos seguir, o que não era permitido. As mulheres que estivessem fora da norma estabelecida não seriam respeitadas nem muito menos teriam oportunidade de um lugar na sociedade. Mas o

---

<sup>139</sup> PROCURADORIA ESPECIAL DA MULHER. **Mais Mulheres na Política**. 2º Edição, 2015.

<sup>140</sup> Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imagens/fotos/professora-celina-guimaraes-vianna-primeira-eleitora-do-brasil> acesso em março de 2016.

ingresso nas fileiras integralistas proporcionou as mulheres o acesso à educação, se profissionalizar e ter voz ativa no espaço que fosse permitido. Devemos levar em consideração que o movimento integralista era de Extrema Direita sendo conservador e elitista. O povo era considerado como um povo-criança e que os integralistas iriam conduzir a um novo modelo de sociedade. Mas, para uma camada social considerada minoria nos seus direitos ter esse ganho trazia alguma diferença para o seu cotidiano e quem sabe para o seu futuro.

As mulheres integralistas assim como outras mulheres que estiveram inseridas na política assumiram um papel de destaque para a sociedade da época. Fazer política para as “blusas verdes” não significava assumir ou reivindicar um lugar de participação. Não estamos afirmando que não tinham militantes integralistas que não questionassem esse lugar, até porque a categoria mulheres suscita essa pluralidade de sujeitos. Pela cultura brasileira nos idos de 1930 as mulheres deveriam ter o lar e a maternidade como sua maior vocação. Nos tantos debates travados na época em que se discutiam quais seriam os lugares apropriados para as mulheres, o que se sobressaía era de que o espaço da casa era melhor cuidado e administrado pelas mulheres.

Esse discurso foi muito bem apropriado e utilizado pelo movimento integralista pois o lugar da mulher era em casa, mas em muitas ocasiões ocupava o lugar da rua para divulgar e adestrar as mulheres que estivessem fora dessa norma. As atividades desenvolvidas nos núcleos femininos assumiam a questão do cuidado, paciência e altruísmo consideradas como sendo características femininas. Nessas atividades que seria a alfabetização ou mesmo o assistencialismo, as mulheres também estavam fazendo política. As diversas maneiras de atuação das Plinianas através das atividades que desenvolviam ia sendo construída uma cultura política. As normas que envolviam a AIB e suas militantes se encontravam num discurso dúbio. Em um primeiro momento as funções sociais atribuídas as mulheres as exaltava como a grande educadora do lar e da nação, sendo um trabalho de longo prazo e a rua é o lugar do perigo. Com a aproximação das eleições, as mulheres passaram a ocupar a rua com mais frequência em comícios, fábricas ou mesmo em bairros difundindo e convencendo outras mulheres das suas funções na sociedade.

Baseada em Deus, Pátria e Família o movimento integralista uniu os ingredientes em que certamente atrairia a atenção das pessoas. Os símbolos foram também uma maneira forte de convencimento para que o movimento tivesse entre os adeptos e não adeptos credibilidade. Muitas foram as maneiras de entrelaçar a doutrina do Sigma, seja através de jornais que circulavam nacionalmente ou mesmo as reuniões que aconteciam nas localidades. O movimento integralista fazia questão de unificar o discurso entre os líderes para que todos cantassem conforme a música.

O contato com a vasta documentação deixada pelos integralistas tinha a intenção de passar para a posteridade esse ideal de movimento milimetricamente organizado. O que ocorreu diferente disso foi feito o possível para que não viesse a público, embora em algumas ocasiões foram registrados momentos de desacertos. Assim foi com a participação das mulheres integralistas, passar a imagem de grupo homogêneo, mas o cotidiano foi marcado por diferentes nuances e opiniões em relação ao posicionamento das próprias militantes.

A participação feminina foi muito importante, pois para construir a imagem de movimento de família, a mulher era peça fundamental. Era negado que homens e mulheres fossem sujeitos iguais. O movimento lembrava que homens e mulheres eram diferentes, nem superior e nem inferior. Sendo um o complemento do outro, mas esse complemento tinha limites. Ao homem cabia trazer o sustento e ocupar o espaço da rua e a mulher manter a educação e ordem familiar ocupando de maneira primordial o espaço da casa. Se essa ordem por algum motivo fosse invertida, as críticas eram as mais ferrenhas. Embora em alguns momentos por necessidade a mulher tivesse que desenvolver atividades remuneradas para complementar a renda familiar. Alguns posicionamentos da sociedade refletiam diretamente como homens e mulheres deveriam se portar.

Podemos afirmar que foi construído um movimento de mulheres dentro da Ação Integralista Brasileira. Não foi encontrada nenhuma documentação que apontasse se havia momentos de debate acerca da situação das mulheres dentro do movimento ou fora dele. Até porque de acordo com a ordem estabelecida esse tipo de discussão não seria permitida. Foram grupos de meninas, jovens e senhoras espalhados por todo o Brasil que funcionavam sob a égide da AIB e que deveriam seguir as normas e permissividades estabelecidas. Esse movimento esteve presente em

regiões precárias, tanto que alguns núcleos do interior de Pernambuco foram por algum tempo mantido pelos chefes distritais ou municipais. Mas diante da realidade seja da cidade do Recife ou das demais localidades interioranas ter acesso ao conhecimento, fazer política, aprender uma profissão e modificar uma realidade são oportunidades que produziram conquistas que culminaram em vantagens. Esse trabalho não tem como pretensão encerrar o estudo acerca das mulheres integralistas de Pernambuco, mas suscitar novos olhares e estudos, pois o estudo histórico não é estanque sendo movido pelo saber.

## REFERÊNCIAS

ALBA, Felipe Camilo Dall'. Os três pilares do Código Civil de 1916: a família, a propriedade e o contrato. **Revista Páginas de Direito**, Porto Alegre, ano 4, nº 189, 20 de setembro de 2004. Disponível em: <http://www.tex.pro.br/home/artigos/109-artigos-set-2004/5147-os-tres-pilares-do-codigo-civil-de-1916-a-familia-a-propriedade-e-o-contrato> acesso em jan. 2016.

AMORIM, Fábio Lima. **Uma Cidade Germanófila em 30: O integralismo em Pesqueira (1934-1939)**. Recife: UFPE, 168 f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE/CFCH. Recife, 2002.

ALMEIDA, Maria da Graça Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanistas, FFLCH/USP, 2001.

ALVES, Ana Elizabeth Santos. Fundamentos históricos da separação entre trabalho de homem e trabalho de mulher: algumas notas. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 41, p. 174-187, mar. 2011. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41/art13\\_41.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41/art13_41.pdf)>. Acesso em 15 jan. 2015.

ALVES, Maria Angélica. **A Educação Feminina no Brasil do entre-séculos (XIX e XX): imagens da mulher intelectual**. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação - História e Memória da Educação Brasileira, 2002, Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0540.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2015.

ALVIM, Rosilene; LOPES, José Sérgio Leite. Famílias operárias, famílias de operárias. **Revista Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, nº 84, setembro de 1990. Disponível em <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_14/rbcs14\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_14/rbcs14_01.htm)> acesso em 25 de fev. 2015.

ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH – USP, 2004.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BARROSO, Gustavo. **O que o Integralista deve saber**. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira, 1935.

BARROS, José D'Assunção. **A Escola dos Annales: considerações sobre a história do movimento**. Revista História em Reflexão: Vol. 4, Nº 8. UFGD. Dourados jul/dez 2010.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa, Editorial Estampa, 1998.

BERTONHA, João Fábio. **Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)**. Jaboticabal: Funesp (UNESP), 2010.

\_\_\_\_\_. **Integralismo**: problemas, perspectivas e questões historiográficas. Maringá: Eduem, 2014.

BORELLI, Andrea. **Uma cidadã relativa**: as mulheres, as questões de gênero e o direito brasileiro (1830-1950). São Paulo: DC&C Empresarial, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRUSANTIN, Beatriz de Miranda. **Anauê Paulista**: um estudo sobre a prática política da primeira cidade integralista do estado de São Paulo. (1932-1943). Dissertação. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004.

BUTLER, Judith. Desconstrução e subversão: Judith Butler. **SapereAude** – Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 441-464 – 1º sem. 2013. Tradução: Magda Guadalupe dos Santos e Bárbara Bastos.

BURKE, Peter. Abertura: A nova História, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

BULHÕES, Tatiana da Silva. **Evidências esmagadoras dos seus atos**: fotografia e imprensa na construção da imagem pública da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). Niterói, Dissertação de Mestrado em História, UFF, 2007.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

CAZETTA, Felipe Azevedo. “Deus, Pátria e Família”: bases e fundamentação do pensamento de Plínio Salgado. *Temporalidades – Revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*, vol. 3, N. 1. Janeiro/Julho de 2011. ISSN: 1984-6150.

CASTRO, Francisco Viveiros de. **Os delitos contra a honra da mulher**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1932, p. 21. Apud CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. **Projetos de mulher** – A educação feminina na família integralista. Florianópolis (Comunicação apresentada no

“Fazendo Gênero” – 2006). Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Marcia\\_Regina\\_da\\_Silva\\_Ramos\\_Carneiro\\_38\\_B.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/M/Marcia_Regina_da_Silva_Ramos_Carneiro_38_B.pdf) Acesso em mar. 2012.

\_\_\_\_\_. **Memória e Integralismo**: um estudo da militância no Rio de Janeiro. (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós Graduação em História, 1996.

\_\_\_\_\_. A contribuição de Plínio Salgado e Miguel Reale para a construção de um projeto de Estado-nação. **Usos do Passado** – XII Encontro Nacional de História. Anpuh – RJ, 2006.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CALIL, Gilberto Grassi & SILVA, Carla Luciana. **Velhos Integralistas**: a memória de militantes do Sigma. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. 16 de julho de 1934. Disponível em: <<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm)>> acesso em outubro de 2015.

CENSO DEMOGRÁFICO. Uma análise da população com base nos resultados dos censos demográficos 1940 e 2000. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/analise\\_populacao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/analise_populacao.pdf) acesso em junho de 2015.

COUTO, Rita Cristina de Medeiros. Eugenia, loucura e condição feminina. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 90, 1994. p. 52-61. Disponível em <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/882.pdf>> acesso em 03 de fev. de 2015.

COSTA, Tânia Bassi. **Gênero e trabalho na ‘Cidade do Aço’**. Anais do I Simpósio de Gênero e Políticas Públicas. Londrina, 2010. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/5.TaniaBassi.pdf>> acesso em 03 de fev. 2015.

COUCEIRO, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade. **Conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer**. Tese (Doutorado em História). Universidade de Pernambuco, 2003.

CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e a dominação simbólica. **Cadernos Pagu** (4) 1995.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Editora UNESP, 2009.

*Diário do Nordeste*, 1937, p. 5. **Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano**– APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Ed. Paz e Terra, 2013.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

FERREIRA, Helisangela Maria Andrade. Entre usos e táticas: a conquista dos espaços públicos pelas blusas verdes na cidade do Recife (1932-1937). Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **8º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero**. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013

FERREIRA, Lilian Tavares de Bairros. **Vãos esquecidos na brisa do mar**. A mulher e o Integralismo em Santos. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Santos, 2012.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. Integralismo, educação e assistência social no discurso do jornal *O Imparcial*. In: GONÇALVES, Leandro Pereira. SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes**: histórias da Imprensa Integralista. Vol. 2. Guaíba: Sob Medida, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Língua Portuguesa, identidade nacional e lusofonia**. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/780.pdf> acesso em dez. 2015.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf> acesso em abr. 2015.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2006. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/freiremml.pdf>> acesso em 03 de fevereiro de 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

GALINDO, Betânia Flávia Cavalcanti. **A cidade das chaminés**: História da Industrialização de Pesqueira. Dissertação de Mestrado em Administração. Centro de Pesquisa e Pós Graduação em Administração. Faculdade Boa Viagem, 2007.

GERALDO, Endrica. **Entre a raça e a nação**: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 2001.

GONÇALVES, Leandro Pereira. História da minha vida (1938): a importância de São Bento de Sapucaí na formação e ambientação intelecto-cultural de Plínio Salgado. In:

CAMPOS, Maria Tereza de. DOTTA, Renato Alencar. (Orgs.). **Dos papéis de Plínio: contribuições do arquivo de Rio Claro para a historiografia brasileira**. Rio Claro: Oca editora, 2013.

\_\_\_\_\_. A Intelectualidade Integralista de Plínio Salgado: uma análise do discurso literário. **Revista Literatura e Autoritarismo**, 2008. Universidade Federal de Santa Maria, Vol. 01, n. 13 (2002 - Santa Maria). OURIQUE, J. L. P.; UMBACH, R. U. K.(Orgs.). Semestral (Jan./Jun. 2009) – Versão On-line – [www.ufsm.br/la](http://www.ufsm.br/la) ISSN: 1679-849X.

\_\_\_\_\_. Plínio Salgado em Portugal: a busca de velhas solidariedades. **Anais do XV Encontro Regional da Anpuh Rio**, 2012. Disponível em: [http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338314129\\_ARQUIVO\\_a\\_npuhrio.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338314129_ARQUIVO_a_npuhrio.pdf) acesso em set. 2015.

HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. *In: A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2003.

KENDALL, Marieta. A campanha eleitoral é um dever de toda mulher brasileira. A *Offensiva*, 30 de maio de 1937, p. 15. Apud: **O Jornal “A Offensiva” e a mulher integralista**. Anais do XVI Encontro Regional da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas científicas, 2014.

LEITE, Filipe de Farias Dias. Atuação da Liga Eleitoral Católica na formação da Assembleia Nacional Constituinte de 1933. **Revista Brasileira de História das Religiões**, 2007. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Leite,%20Filipe%20de%20Faria%20Dias.pdf> Acesso em: 23 abril. 2015.

LEMONS, Carolina Teles. **Religião, gênero e sexualidade: O lugar da mulher na família camponesa**. Goiânia: UCG, 2005 apud: ROCHA, Célia Vieira de Souza. *Maternidade, gênero e religião: a devoção a mãe do Perpétuo Socorro*. Universidade Federal de Goiás, 2005.

LIMA, Perfil da Mulher Apud: BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

LIRA, José Tavares Correia de. **A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30)**. *Análise Social*. v. XXIX (127), 1994.

LOPES, Daniel Henrique. **As experiências femininas na AIB, 1932-1938**. *Reverendo o passado. Gênero e Representações*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2007.

LOPES, Maria Margareth; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; SOUZA, Lia Gomes Pinto de. Para ler Bertha Lutz. **Cadernos Pagu**. 2005, n. 24, p. 315-325. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a16.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In. SEVCENKO, Nicolau.(org.) **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3.

MELO, Zélia Maria. CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. Família e padrões normativos na classe média do Recife dos anos 30. **Revista Symposium**. Ano 8, nº 2, julho-dezembro 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A história política e o conceito de cultura política**. LPH: Revista de História, Nº 6, 1996.

MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, Saber e Poder**: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife. (1930-1937). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010.

MORAES, Márcio André Martins de. **Garanhuns sob o símbolo do Sigma**: o cotidiano dos integralistas entre comunistas e o Estado Novo. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012.

\_\_\_\_\_. Plínio Salgado para presidente do Brasil: A propaganda eleitoral da Ação Integralista Brasileira em Garanhuns (1936-1937). **Revista Encontros de Vista** – Terceira edição. pp.30-44, 2009. ISSN 1983-828X.

\_\_\_\_\_. Uma campanha política para uma eleição que não aconteceu: as práticas propagandísticas dos integralistas em Garanhuns-PE (1936-1937). **Revista de História Regional**. 17(2): 589, 2012.

MOREIRA, Cinthia Lopes. **Aspectos da criminalidade feminina**. Disponível em:

[http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=4088](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=4088) acesso em dez. 2015.

MORAIS, Helicarla Nyely Batista de. **Viagem Memória de Nilo Pereira**: do Ceará-Mirim ao Recife e do Recife ao Ceará-Mirim. Coleção Dissertação e Teses do CCHLA-UFRN. Natal: EDUFRN, 2011.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **O bonde do desejo**: o movimento feminista no Recife e o debate em torno do sexismo (1927-1931). Estudos Feministas, Florianópolis. Janeiro-Abril 2013.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e Direitos**: o debate em torno da emancipação feminina no Recife (1870-1920). Fazendo Gênero 10, 2013.

NOGUEIRA, Julia Keller; SCHELBAUER, Anaete Regina. **Feminização do magistério no Brasil**: o que relatam os pareceres do primeiro congresso da instrução do Rio de Janeiro. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada /jornada7/\\_GT1%20PDF /FEMINIZA%C7%C3O%20DO%20MAGIST%C9RIO%20NO%20BRASIL.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada /jornada7/_GT1%20PDF /FEMINIZA%C7%C3O%20DO%20MAGIST%C9RIO%20NO%20BRASIL.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

OLIVEIRA, Iranilson. Burity. **Façamos a família à nossa imagem:** a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930). Dissertação (Doutorado em História). UFPE/CFCH, 2002.

PAVA, Andrea Macêdo. NEVES, Eduardo Borba. A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2011. Jan-fev; 64(1): 145-51.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POSSAS, L. M. V. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38). In: **Escrita de si, escrita da História**. Gomes, Ângela de Castro (Org). Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

PRIMOLAN, Emílio Donizete. **Catolicismo e Política:** a participação da liga eleitoral católica nas eleições de 1933. Unesp/Franca, 2007. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Primolan,%20Emilio%20Donizete.pdf>> acesso em 03 jun. 2015.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos Modernos:** histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROCHA, Célia Vieira de Souza. **Maternidade, gênero e religião: a devoção à mãe do Perpétuo Socorro**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, 2005. p. 86. Disponível em <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=367](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=367)> acesso em: 02 de fevereiro de 2015.

SALGADO, Plínio. **A Mulher no século XX**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.

\_\_\_\_\_. **Manifesto de Outubro de 1932**. Secretaria de Propaganda, 1932.

SILVA, Giselda Brito. **A Ação Integralista em Pernambuco (AIB-PE): 1932-1938**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

\_\_\_\_\_. **A lógica da Suspeição contra a força do Sigma:** discursos e polícia na repressão aos integralistas em Pernambuco. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco/CFCH, 2002.

\_\_\_\_\_. **As mulheres integralistas na década de 1930 em Pernambuco**. 2009. Apresentação em Evento Nacional.

\_\_\_\_\_. A política cultural das mulheres integralistas entre as mulheres pobres e trabalhadoras do estado de Pernambuco. **Clio série histórica do Nordeste**, N. 21, 2003.

Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/753/607> acesso em ago. 2015.

SILVA, Michelle Pereira. FILHO, Geraldo Inácio. **Mulher e educação católica no Brasil (1889-1930):** do lar para a escola ou a escola do lar? Revista HISTEDBR Online. Campinas, n. 15, p. 1-9, 2004. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art14\\_15.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/revis/revis15/art14_15.pdf) acesso em setembro de 2015.

SILVA, Fabiana de Fátima Bruce da. **Caminhando numa cidade de luz e de sombras:** a fotografia moderna no Recife na década de 1950. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

SILVA, Maria Angélica Pedrosa de Lima. **Erva militante:** Edwiges de Sá Pereira e o movimento feminista em Recife (1900-1932). Monografia de Graduada em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2011.

SIMÕES, Renata Duarte. **Ação Integralista Brasileira:** Educando mulheres para as funções de professora e mãe de família. IV Congresso Brasileiro de História da Educação: Universidade Católica de Goiás, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Educação do corpo no jornal A Offensiva(1932-1938).** Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. SIMÕES, Ricardo Duarte. SILVA, Ticiane Ribeiro da. Mulheres Integralistas: enfermeiras “blusas verdes” a serviço da nação. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2012, Jan-Mar; 21 (1): 140-9.

SCHMIDT, Patrícia. **Plínio Salgado:** O discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. **“Companheiras!”:** as mulheres e o movimento operário brasileiro (1889-1930), 1998. Disponível em <<http://www.americanistas.es/biblo/textos/08/08-101.pdf>> acesso em 25 fev. 2015.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). **Nova História das Mulheres**, São Paulo: Contexto, 2012.

SOMBRA, Luiz Henrique. GUERRA, Luiz Felipe Hirtz. (Orgs.) **Imagens do Sigma.** Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.”In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord.). **História das mulheres no Brasil.** 3ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. “A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminina de Bertha Lutz”. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, nº 015, nov.-dez., 2000. p. 97-117.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia** (orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

SOUSA, Samuel Pereira de. **“Soldados de Deus e da Pátria”**: entre as práticas cotidianas e a construção da memória integralista em Barbalha-CE. (1933-1950). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Ceará. 2007.

PEDRO, Joana Maria. **Um diálogo sobre mulheres e história**. Michelle Perrot: a grande mestra da história das mulheres. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 11, Nº 2, Florianópolis, 2003.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo, Editora UNESP, 2007.

TRINDADE, Héliogio. **Integralismo**. O fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difel, 1979.

TERUYA, Marisa Tayra. **A família na historiografia brasileira, bases e perspectivas de análise**. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Belo Horizonte, 2000. Disponível: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20> Acesso em: junho de 2015.

VIANA, Giovanni Noceti. **Orientar e disciplinar a liberdade**: um estudo sobre a educação das milícias integralistas – 1934/1937. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

VELLOSO, Monica Pimenta. A Brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 89-112.

VENANCIO, G. M. **Lugar de mulher é...na fábrica**. Estado e trabalho feminino no Brasil (1910-1934). *História: Questões e debates*. Curitiba: UFPR, n. 34, 2001.

ZANELATTO, João Henrique. **Região, Etnicidade e Política**: O integralismo e as lutas pelo poder político no sul catarinense na década de 1930. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Doutorado em História), 2007.

## INSTITUIÇÕES PESQUISADAS E FONTES

- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano / Hemeroteca

**Jornal A Luta**, Recife, 29 de março de 1948, ano I, nº 10.

**Movimento** - Tribuna Internacional. A situação da Mulher Européia: entre a frivolidade e a tempestade feminina. Recife, 28 de agosto de 1977

- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano / Departamento de Ordem Política e Social de Pernambuco

**Jornal Ação** - Quinzenário da propaganda integralista

30 de Setembro de 1934

14 de Outubro de 1934

10 de Novembro de 1934

- Fundação Joaquim Nabuco / Setor de Microfilmagem

**Jornal Diário de Pernambuco**

2 de julho de 1930

6 de janeiro de 1933

6 de janeiro de 1931

5 de janeiro de 1932.

24 de Novembro de 1932.

- **Prontuários Funcionais**

Ação Integralista Brasileira – Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos. **Prontuário Funcional 5996**. Recife, DOPS/APEJE.

Ação Integralista Brasileira. Cartilha do Integralista. **Prontuário Funcional Nº 1066-B**. DOPS – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

ARCOVERDE, Napoleão. **Gabinete da Chefia**. Do chefe municipal de Rio Branco. Ao Secretario Provincial de Estudos. Recife, 9 de junho de 1937.

Cartilha do Integralista. **Prontuário Funcional Nº 1066 – B**. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

Departamento Nacional Feminino. Divisão de Acção Social - **Prontuário Funcional 5996**. Recife, DOPS/APEJE.

Folha Corrida. **Prontuário Funcional Nº 1066-B**. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. APEJE.

Núcleo Municipal da Acção Integralista nesta cidade - Palmares. 30 de abril de 1937. **Prontuário Funcional nº 4938**. Arquivo Estadual Jordão Emerenciano - DOPS - PE.

Núcleo Municipal da Acção Integralista nesta cidade - Palmares. 30 de abril de 1937. **Prontuário Funcional nº 4938**. Arquivo Estadual Jordão Emerenciano - DOPS - PE.

“Parte” da Polícia – **Pasta 1066** – APEJE/DOPS

Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina. Núcleo de Garanhuns. **Prontuário Funcional Nº 4938**. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

Schema das theses a serem desenvolvidas. Sobre o papel da mulher no movimento **Prontuário Funcional Nº 1066 – B**. Arquivo Público Jordão Emerenciano. Departamento de Ordem Política e Social.

Manifesto-Programma. **Prontuário Funcional Nº 1066-B**. Recife, DOPS/APEJE.

- **Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital)**

Jornal A Offensiva, 17.01.35, pág. 1, Ano II, Nº 36.

# **ANEXOS**

*PERFIL DAS MULHERES INTEGRALISTAS<sup>141</sup>*

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	MUNICÍPIO
Maria Mamede dos Santos (Chefe da Secretaria de Arregimentação Feminina e Plinianos)	37	Casada	Doméstica	Afogados da Ingazeira
Damiana Mororó de Lima	34	Solteira	Doméstica	Afogados da Ingazeira
Eliza Braz dos Santos	-	-	Doméstica	Rio Branco (Arcoverde)
Almerinda Cordeiro Mello	-	-	Doméstica	Rio Branco (Arcoverde)
Aldagisa Alves Cavalcanti	-	-	Doméstica	Rio Branco (Arcoverde)
Iracema Cavalcante Albuquerque	-	-	Comerciante	Rio Branco (Arcoverde)
Maria Stella Lima	-	-	Doméstica	Rio Branco (Arcoverde)
Maria do Carmo Carvalho	-	-	Doméstica	Rio Branco (Arcoverde)
Maria Lêda Rodrigues Ferreira	-	-	-	Rio Branco (Arcoverde)
Aretusa de Siqueira Fontes	-	-	-	Rio Branco (Arcoverde)
Maria José Rogerio				Afogados da Ingazeira
Beatriz Elias Pereira				Afogados da Ingazeira
Alice Maria da Conceição				Afogados da Ingazeira
Maria Amelia Pereira				Afogados da Ingazeira
Leopoldina Barbosa				Afogados da Ingazeira
Irene Maria José				Afogados da Ingazeira
Lidia Alves da Silva				Afogados da Ingazeira
Severina Alves da Silva				Afogados da Ingazeira
Dolores Gomes de Oliveira				Afogados da Ingazeira

<sup>141</sup> Para realizar o levantamento do perfil das mulheres integralistas do estado de Pernambuco foram utilizados diversos documentos que circulavam pelos núcleos, dessa maneira em alguns perfis não constarão todas as informações. Foram consultados os seguintes prontuários: 4938, 1066-B e 4598.

Cecília da Conceição Santana				Afogados da Ingazeira
Maria das Dores Oliveira				Afogados da Ingazeira
Joaquina Maria da Conceição				Afogados da Ingazeira
Maria José da Silva				Afogados da Ingazeira
Maria Madalena da Silva				Afogados da Ingazeira
Maria Dolores da Silva				Afogados da Ingazeira
Theonila de Oliveira Souza				Afogados da Ingazeira
Severina Maria da Conceição				Afogados da Ingazeira
Josepha Maria da Conceição				Afogados da Ingazeira
Francisca Acelina da Conceição				Afogados da Ingazeira
Laura Vilanova Rego	24	Casada	Doméstica	Rio Branco (Arcoverde)
Maria do Egypto Sobrinha				São Vicente
Philomena Maroocos				São Vicente
Abiaíl Felix da Silva	25	Casada	Doméstica	Recife
Maria Alice Batista da Silveira	32	Casada	Doméstica	Recife
Josepha Muniz Bezerra	23	Casada	Doméstica	Recife
Maria de Lourdes Mousinho (Chefe Provincial da Secretaria de Arregimentação Feminina e Plinianos)	-	-	-	Recife
Carmelita Maria de Lima	22	Solteira	Ajudante do Comercio	Moreno
Hilda Florencia de Lima	23	Solteira	Comerciaría	Recife
Maria Granja Campos	20	Casada	Doméstica	Recife
Dagmar de Oliveira Dantas	15	Solteira	Estudante	Recife

Regina de M. Gondim	23	Casada	Doméstica	Recife
Carmelita Magalhães Rocha	29	-	-	Recife
Maria José Rogério (Chefe do Departamento Feminino)				Palmares
Beatriz Elias Pereira				Palmares
Maria Elias Pereira				Palmares
Maria da Penha Silva				Palmares
Cecilia da Conceição Santana				Palmares
Maria Jose dos Santos				Palmares
Maria Angelina da Silva				Palmares
Maria Amara				Palmares
Alice Maria da Conceição				Palmares
Bethy Ferreira Araújo				Palmares
Maria de Lourdes				Palmares
Alaide Francisca				Palmares
Eunice Soares Silva				Palmares
Maria Aurora				Palmares
Maria das Dores Oliveira				
Maria Amelia Pereira				Palmares
Maria José Barros				Palmares
Maria José dos Santos				Palmares
Sebastiana Elias Pereira				Palmares
Maria do Carmo				Palmares
Isabel Farias Travassos		Ingressaram no movimento em 13 de Outubro de 1935.		Recife

Belarmina Maria da Conceição dos Santos		Ingressaram no Movimento em Dezembro de 1936.		Recife
Maria Emilia Alves Falcão		Ingressaram no movimento em dezembro de 1936.		Recife
Filomena Marrocos			Professora	Recife
Albertina Maciel de Lagos <sup>142</sup> (Chefe do Departamento Municipal Feminino)	31	Solteira	Funcionária Pública (Professora Municipal)	Vitória de Santo Antão
Maria Amelia Rodrigues			Doméstica	Vitória de Santo Antão
Josepha Maria da Silva			Doméstica	Vitória de Santo Antão
Josepha Francisca da Conceição			Doméstica	Vitória de Santo Antão
Joaquina Maria da Conceição			Doméstica	Vitória de Santo Antão
Josepha Maria Joaquina			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Joaquina Monteiro Oliveira			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria José Nascimento			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Antonia Alves Silva			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Beatriz Aurelia da Silva			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Albertina Rodrigues Dias			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Regina Maria da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Francisca Josepha da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão

<sup>142</sup> No Departamento Municipal Feminino de Vitória de Santo Antão havia uma divisão de Assistência Social – 4º divisão, “Bandeirantes da Caridade”. Victoria, 12 de agosto de 1935. Albertina Maciel dos Santos. Chefe do D.M.F.

Maria Anunciada Silva			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Alice Lins			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Antonia Maria Pereira			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria Josepha da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
F.... da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria Alexandrina da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Valdemira Maria da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Sebastiana Maria da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Elvira Gomes Silverio			Costureira	Vitória de Santo Antão
Maria Isabel da Silva			Doméstica	Vitória de Santo Antão
Leonila Maria da Conceição			Agricultora	Vitória de Santo Antão
Felicia Maria da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Victoriana Maria da Conceição			Doméstica	Vitória de Santo Antão
Josepha Francisca de Lima			Vendedora	Vitória de Santo Antão
Severina Damiana da Conceição			Vendedora	Vitória de Santo Antão
Idalina Antão do Espirito Santo			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria Silvina da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Helena Maria da Conceição			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Arcelina Fatima de Lima			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria Nunes de Jesus			Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria Francisca da Conceição			Agricultora	Vitória de Santo Antão
Helena Maria da Anunciação	22	Casada	Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria Correia de Holanda	31	Solteira	Funcionária Pública	Vitória de Santo Antão

Cavalcanti			(Professora Municipal)	
Herundina Barbosa de Lima	20	Solteira	Doméstica	Vitória de Santo Antão
Odette Pessoa de Lira	23	Solteira	Domestica	Vitória de Santo Antão
Maria das Graças Borges	18	Solteira	Auxiliar do commercio	Vitória de Santo Antão
Corina de Lima Queiroz	27	Casada	Doméstica	Vitória de Santo Antão
Dolôres Freitas	22	Solteira	Doméstica	Vitória de Santo Antão
Ambrosina de Souza Leão Monteiro	21	Solteira	Domestica	Vitória de Santo Antão
Maria da Conceição Góes do Nascimento	21	Casada	Domestica	Vitória de Santo Antão
Joana Brederodes de França	21	Solteira	Domestica	Vitória de Santo Antão
Victoria de Barros Lima	24	Solteira	Domestica	Vitória de Santo Antão
Josefa Maria da Conceição	18	Solteira	Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria Nunes	32	Casada	Lavadeira	Vitória de Santo Antão
Maria do Carmo Barros Lima	18	Solteira	Domestica	Vitória de Santo Antão
Maria do Carmos Freitas de Oliveira	32	Casada	Costureira	Vitória de Santo Antão
Ignez Costa	18	Solteira	Estudante	Panelas
Maria Lourdes Silva	19	Solteira	-	Panelas
Francisca Cordeiro Araújo	19	Solteira	-	Panelas

#### CRIANÇAS E ADOLESCENTES (MENORES DE IDADE)

NOME	IDADE	PROFISSÃO	MUNICÍPIO
Maria Lêda Rodrigues Ferreira	6	-	Rio Branco (Arcoverde)
Judith Alves de Lucena	6	-	Rio Branco (Arcoverde)

Odalia Travassos	13	Estudante	Recife
Hilza Travassos	12	Estudante	Recife
Edna Travassos	7	Estudante	Recife
Antônia dos Santos	17	Estudante	Recife
Rita dos Santos	15	Estudante	Recife
Aurelina Falcão	14	Estudante	Recife
Ermelinda Barbosa Cavalcanti	15	Estudante	Vitória de S. Antão
Maria Leonor do Nascimento	14	Estudante	Vitória de S. Antão
Severina Caetana de Lima	14	Lavadeira	Vitória de S. Antão
Hilda Falcão	16	Auxiliar do commercio	Vitória de Santo Antão
Maria Do Carmo Farias Travassos	16	Estudante	Vitória de Santo Antão
Maria de Lourdes Travassos Sarinho	16	Estudante	Vitória de Santo Antão
Maria Jose Brederodes de França	17	Doméstica	Vitória de Santo Antão
Maria Leonor do Nascimento	14	Estudante	Vitória de Santo Antão
Gilvanete Guedes	16	Estudante	Vitória de Santo Antão
Cecy Miranda	15	Estudante	Panelas
Maria José Santos	8	Estudante	Panelas
Judith Costa	7	Estudante	Panelas